

Levantamento da Capes mostra que a Unicamp possui a melhor Pós-Graduação do país. A excelência dos cursos é comprovada no *Caderno Temático*



Foto: Antoninho Perri



Também no *Caderno Temático*, confira os trabalhos premiados no IX Congresso de Iniciação Científica, o mais importante evento da Graduação

Jornal da Unicamp

Campinas, novembro de 2001 - ANO XVI - Nº 168 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

UNIVERSIDADE

Foto: Dênis Crispim



Criança da Amic e o não à fome. Págs. 8 e 9

Foto: Antoninho Perri



Dançando sobre cadeira de rodas. Pág. 19

Foto: Antoninho Perri



Show da comunidade saudável. Págs. 3 a 5

A comunidade vem ocupando cada vez mais o espaço da Unicamp em busca de conhecimento, como no II Encontro Comunidade Saudável e II Simpósio Ciência e Sociedade. Promovido em parceria com o Ipes (Instituto de Pesquisas Especiais para a Sociedade), o evento atraiu centenas de agentes comunitários e crianças de uma região carente de Campinas. O público ouviu sobre a relação dos atentados em Nova York com a pobreza, críticas à academia pela falta de pesquisas que contemplem a maioria da população, além das experiências de irmã Noeli, que trabalhou durante 11 anos com carentes da cidade e agora atua no sertão pernambucano. Na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), realizou-se novo encontro para discutir a fome, dentro do objetivo de engajar os universitários em ações conseqüentes que aliviem essa tragédia. A propósito, dois mil universitários de todo o país se reuniram no Centro de Convenções, por quatro dias, discutindo a questão da terra com dirigentes do MST e intelectuais envolvidos na luta pela reforma agrária. Houve espaço também para o lúdico, no I Simpósio Internacional de Dança sobre Cadeira de Rodas, com um show dos portadores de necessidades especiais.

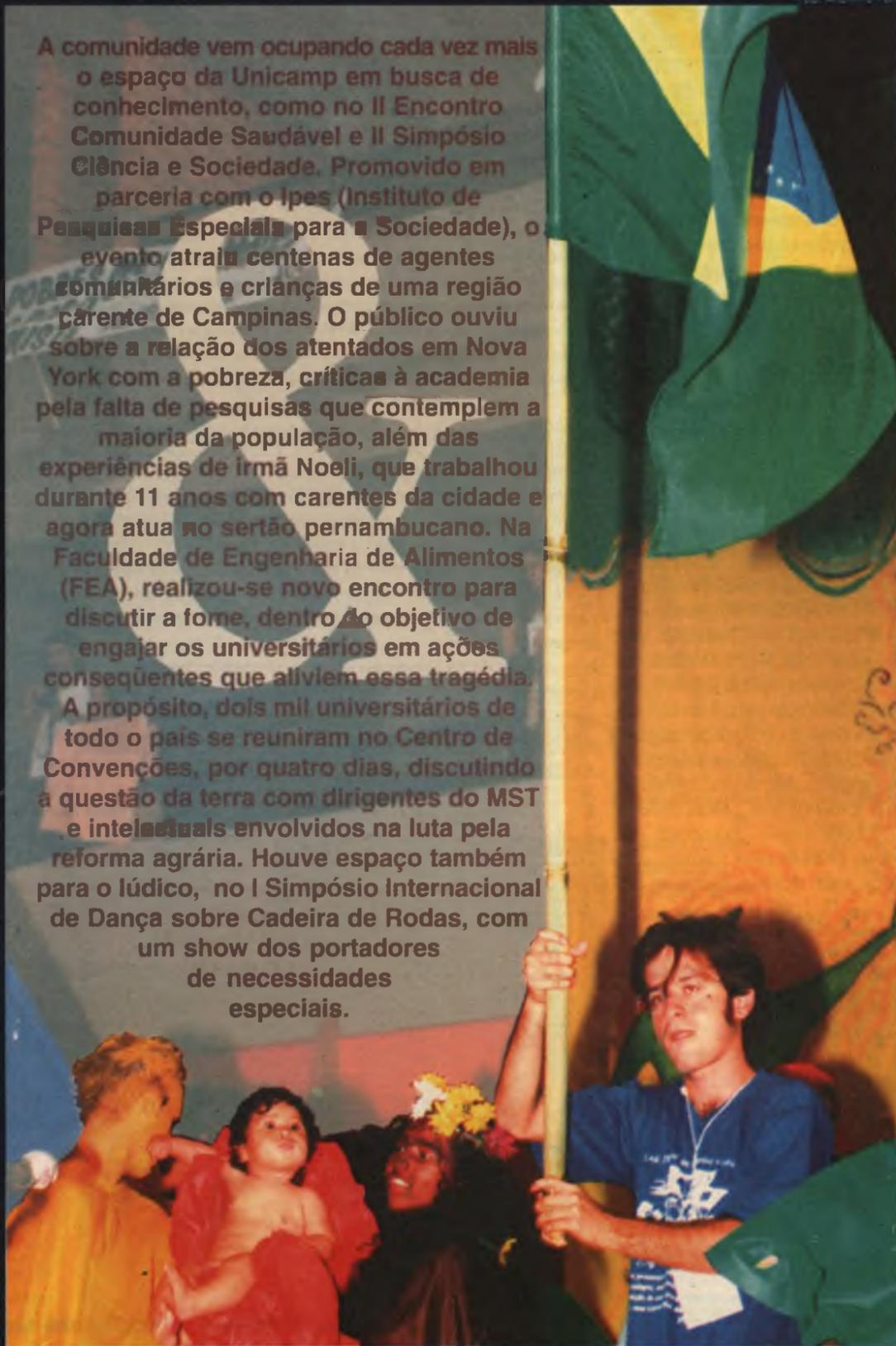


Foto: Antoninho Perri

COMUNIDADE

Clique a Studium

Revista acadêmica on line oferece mais de 1.500 imagens fotográficas

ANTÔNIO ROBERTO FAVA
 fava@obelx.unicamp.br

Faz pouco mais de um ano que Studium está no ar. Uma das primeiras revistas eletrônicas da Unicamp, criada no Departamento de Multimeios do Instituto de Arte (IA), ela registrou nesse curto período mais de 17 mil acessos – média de mil por mês – e perto de 25 mil páginas visitadas. “São números extremamente significativos por se tratar de uma revista acadêmica on line, o que a transforma também numa importante fonte de referência”, diz Fernando de Tacca, idealizador e editor de Studium, além de professor do Departamento de Multimeios e do Programa de Pós-graduação.

O internauta tem à disposição mais de 1.500 imagens fotográficas, o que seria impossível através de qualquer outro tipo de mídia. “E, o que é mais importante, por um baixo custo devido à potencialização comunicacional”, acentua o editor. Direcionada basicamente ao público universitário, embora o conteúdo possa ser absorvido por todos que tenham interesse em fotografia e textos relacionados, Studium teve a contribuição de quase meia centena de autores até o momento. São universitários, professores e pesquisadores na área da imagem, assim como alunos de mestrado e de doutorado.

A idéia do projeto surgiu ao observar que, no Brasil e em quase todas as suas universidades, havia carência de conteúdo na área formatada via internet. “Hoje a nossa revista está linkada a inúmeros sites fotográficos, sejam comerciais, acadêmicos, autorais ou tantos outros”, ressalta Fernando de Tacca.

O professor afirma que a qualidade do conteúdo veiculado já tem o reconhecimento do meio acadêmico. “Muita gente constrói um site, mas não consegue produzi-lo de forma consistente, forçando o visitante a buscar informações em outros lugares ou até mesmo em outros tipos de mídia”, observa. Atualmente a revista é indexada, tem registro de títulos de periódicos reconhecido pelo ISSN, faz parte da lista de periódicos da área de comunicação da Capes e está em vários sites de importância acadêmica, como o Prossiga CNPq, que possui todas as publicações da academia brasileira.

A Studium se mantém com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) da Unicamp. Para oferecer uma idéia da receptividade conquistada, Fernando de Tacca revela que, durante recente seminário sobre “Narrativas Fotográficas”, na Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro), cerca de 40 alunos disseram conhecer a revista. Lá, a publicação é referência para cursos de pós-graduação. O editor acrescenta que a revista é acessada de vários pontos do mundo.



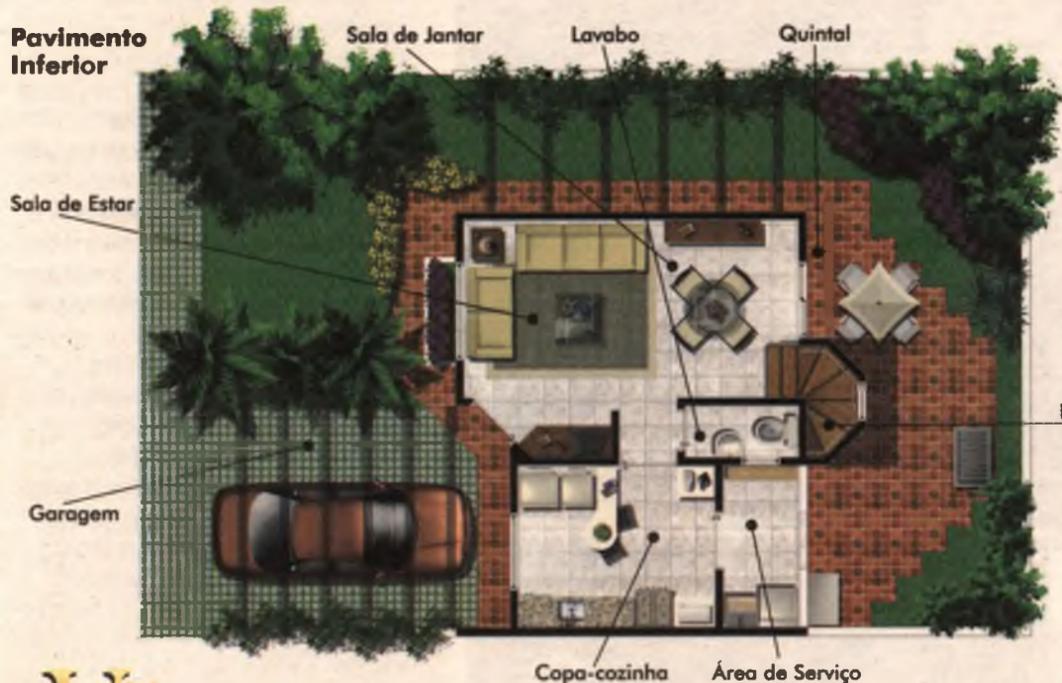
Foto: Reprodução

Quem faz a Studium

- Coordenação: Fernando de Tacca
- Revisão: Isabel Pagano
- Consultoria bibliográfica: Maria Lúcia de Castro
- Assistente de coordenação: Diana Dobranszky
- B-testers: Mariana Meloni e Rogério S. da Cunha
- Suporte técnico e programação: Daniel R. da Silveira
- Projeto gráfico e webdesign: Lygia Nery

Endereço: www.studium.ia.unicamp.br

Pavimento Inferior



Pavimento Superior



Condomínio Fechado. O Início do seu Conto de Fadas.
 Financiamento direto com a Incorporadora, sem comprovação de renda.
 Monte seu plano de pagamento!

3 Dorms. / 1 Suíte

- Excelente Localização • Apenas 17 casas • Sistema de Segurança • Área de Lazer • Piscina • Salão de Festas • Playground
- Ótimo Acabamento: Cerâmica Esmaltada Portobello, Ferragens La Fonte, Louças e Metais Deca



Comercialização:

Incorporação e Construção:

PRADO GONCALVES
 Tel.: 3255-6577



Plantão de Vendas: Rua Célia Aparecida de Souza Bouffier, 51 • Bosque de Barão Geraldo

Autor do projeto: Denis Roberto Perez • Incorporação registrada na matrícula 102.429 do 2º Cartório de Registro de Imóveis de Campinas.

LEITORES
 LEITORES

**SEU
 ESPAÇO**

imprensa@obelix.unicamp.br



Foto: Divulgação

Capoeirista

Olá, Álvaro Kassab. Muito boa a sua entrevista com o Carlos Eugênio, parabéns. Sou jornalista e capoeirista. Então, já escrevi muito sobre o tema. Fiquei curiosa porque você escreveu que a capoeira nasceu na América. Está se referindo ao continente? Lendo rapidamente, parece se referir ao país (EUA). Fica aí a sugestão: trocar América por Brasil, para evitar confusões.

*Marina Lemle
 Jornal do Brasil*

Tecnólogos

Gostaria de divulgar que o preconceito contra os tecnólogos vem diminuindo a cada dia. Em São Paulo/SP, por exemplo, a prefeita Marta Suplicy, em 11/07/2001, através da Lei 13.169, decretou que "os cargos de provimento em comissão, assim como os provimentos que exigiam diploma de Engenheiro ou Arquiteto, poderão ser providos também por tecnólogos". Além disso, a Lei 4.731/94, que favorece os tecnólogos, passou pela Câmara dos Deputados, com destino agora ao Senado.

É claro que essas notícias devem dar satisfação a todos os tecnólogos e às universidades que os formam, inclusive ao Campus de Limeira da Unicamp. Também o MEC e o Conselho Nacional de Educação vêm reconhecendo o curso de Tecnólogo como Graduação (Parecer CNE/CES 436/2001 de 02/04/2001), o que tende a eliminar o preconceito de que tecnólogo não é graduado, ou que esse tipo de curso é inferior à graduação.

Cássia

Homenagem

Pela segunda vez o destino me coloca nesta tribuna para receber um título honorífico. Há 17 anos, a emoção era de vitória, após uma luta árdua contra uma atitude agressiva que, na época, poderia resultar na morte de muitas pessoas, além do impacto ambiental contra animais e plantas de mais de 50 municípios da região. Era o episódio do bicudo de algodão, que nos levou a contrariar o governo militar, em defesa da vida e do meio ambiente. O então vereador Aduato Marconsin encaminhou a proposta de conceder o título de "O Grande Defensor da Ecologia" a este professor da Unicamp, então um jovem egípcio.

A emoção hoje é muito diferente. De um lado me sinto honrado por ser agraciado e de coração agradeço ao vereador Sergio Benassi pelo seu trabalho e pelo seu reconhecimento às minhas atividades junto à sociedade brasileira.

Por outro lado, e sabendo que este título tem tudo a ver com a minha atuação na área dos direitos humanos, a emoção é de tristeza e não de alegria. Tristes somos nós, que vivemos num mundo onde a exclusão social, econômica e intelectual se manifesta de uma maneira violenta e desumana, nunca vista antes na história da humanidade. Em nível internacional, temos 20% da humanidade consumindo exageradamente 80% dos recursos deste planeta e dominando mais de 90% da tecnologia da informação, fazendo de instituições como G-7, FMI e Banco Mundial instrumentos de domínio cada vez mais destruidor de uma esperança de um amanhã melhor.

Chegamos a ponto de termos apenas três pessoas com riquezas maiores que o PIB de 48 países juntos. Será que os conflitos entre povos e países não teriam alguma relação com esta realidade global de um modelo excludente e desumano? O que é que nós sentimos?

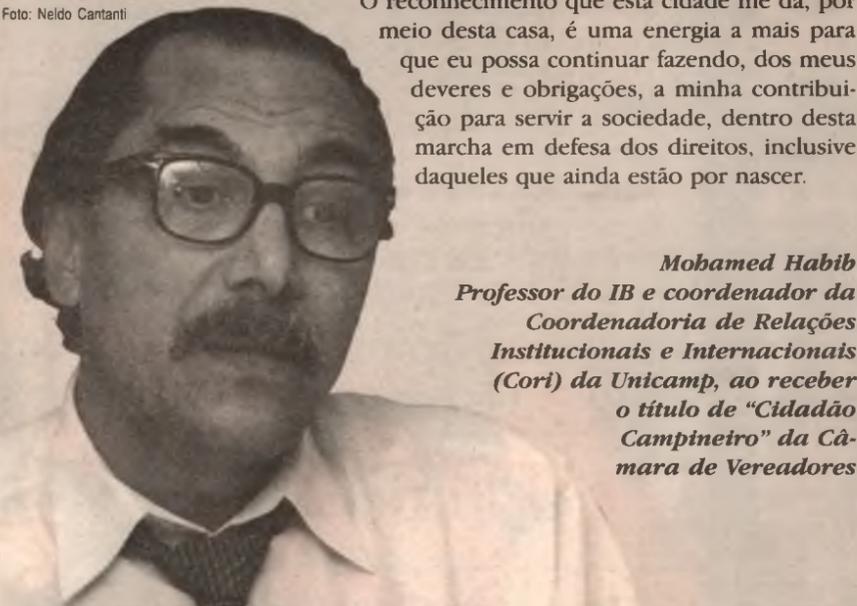
E, em nível nacional, o que é que nós podemos sentir quando informados que 1% dos brasileiros é dono de 53% das riquezas deste querido Brasil, e que mais de 50% dos nossos filhos não têm espaço no ensino fundamental, e que 87% dos nossos jovens nem podem sonhar com um espaço universitário? E que, nas grandes cidades, uma média de 19% da população vive em favelas, chegando até 40% numa capital como Salvador? E que o crime organizado e o tráfico de drogas alcançaram níveis que amedrontam toda a sociedade? O que é que nós sentimos?

E em nível municipal, nesta cidade de Campinas que amamos, o que é que nós sentimos quando informados de que ocorreu um crime a cada 18 minutos? Quando duas pessoas por dia perdem a vida através da violência urbana? Quando os telefonemas disparam na noite de 10 de setembro, dizendo: perdemos um jovem que sempre sonhou com uma Campinas fraterna, solidária e de paz? Perdemos Toninho, o prefeito de Campinas, por um ato covarde que levou a violência urbana e a impunidade a extremos nunca vistos antes na história da cidade. O que nós sentimos é tristeza pelas perdas diárias de vidas, pelas perdas da qualidade de vida em nossa cidade, pela desesperança que eu vejo nos olhos dos nossos jovens, pelos sonhos nossos cada vez mais remotos e mais longe de serem alcançados.

Apesar de tudo isso, a chama e a vontade de enfrentar o desafio estão cada vez mais acesos e mais inquietos dentro de meu coração, para continuarmos nesta marcha por um desenvolvimento mais ético, por uma paz justa, por uma sociedade mais solidária e fraterna, e por um mundo melhor.

O reconhecimento que esta cidade me dá, por meio desta casa, é uma energia a mais para que eu possa continuar fazendo, dos meus deveres e obrigações, a minha contribuição para servir a sociedade, dentro desta marcha em defesa dos direitos, inclusive daqueles que ainda estão por nascer.

Foto: Neldo Cantanti



*Mohamed Habib
 Professor do IB e coordenador da
 Coordenadoria de Relações
 Institucionais e Internacionais
 (Cori) da Unicamp, ao receber
 o título de "Cidadão
 Campineiro" da Câmara de Vereadores*



Satisfação

Venho expressar minha satisfação diante da entrevista com Carlos Eugênio e a reportagem sobre o Hospital Cândido Ferreira. Vejo que o jornalista Álvaro Kassab continua a ser aquela pessoa sensível que conheci lá no Aníbal de Freitas, na década de 70. A entrevista me ajudou muito em minha dissertação, que estou fazendo na área de história da educação. A matéria conseguiu extrair do autor, com muita sensibilidade, informações muito interessantes. Gostaria se possível receber este jornal em minha casa. Sou ex-aluno da Unicamp, do curso de economia.

*Armando Tedeschi Filho
 Jd. Boa Esperança- Campinas*

Criativa

Adorei a página de vocês. Muito interessante e criativa. Estão de parabéns! Quero que me enviem mail sempre que puderem.

*Erica Claro
 Estudante - Cascavel (PR)*

**Anuncie no
 Jornal da Unicamp**

J CPR
 PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Fone: 3239-0962
 CEL: 9705-1916

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Reitor: Hermanno Tavares. Vice-reitor: Fernando Galembeck. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário: Alvaro Penteado Crósta. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários: Roberto Teixeira Mendes. Pró-reitor de Pesquisa: Ivan Emílio Chambouleyron. Pró-reitor de Pós-Graduação: José Cláudio Geromel. Pró-reitor de Graduação: Angelo Luiz Cortelazzo.

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-7865, 3788-7183, 3788-8404. **Fax** (0xx19) 3289-3848. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@obelix.unicamp.br. **Editores** Luiz Sugimoto, Álvaro Kassab e Manuel Alves Filho. **Redatores** Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa, Antônio Roberto Fava, Isabel Gardenal e Maria Alice da Cruz. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Colaboradores nesta edição** Carlos Lemes Pereira, Carlos Tidei, João Maurício da Rosa, Wanda Jorge, Maria do Carmo Pagani, Paulo César Nascimento. **Ilustrações** Félix e Luís Carlos Paulo Silva. **Serviços Técnicos** Clara Eli de Mello, Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** ArtPrinter Gráficos & Editores.: (11) 6947-2177. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (19) 3239-0962.

ESPETÁCULO
 ESPETÁCULO

Voar é possível

Portadores de necessidades especiais dão show de dança sobre cadeiras de rodas

MARIA ALICE DA CRUZ
 balice@obelix.unicamp.br

Estrelas brincando com sua própria luz, um brilho autêntico, que emerge de dentro para fora. A coreografia "Feliz", inspirada na música *Balada dos loucos* e interpretada pelo coreógrafo Carlos Faustini e a aluna Camila Bôer, enche de cor o Teatro do Sesc-Campinas. "Muito bom", comenta o espectador. O que seria mostra de dança em cadeira de rodas vira um show. "Maravilha", define a estudante de educação física Maraísa Cruz. No palco, as cadeiras e os movimentos tornam-se leves. Na maioria das coreografias, as cadeiras são instrumentos manipulados com a habilidade de quem nasceu para interpretar. Helena Pimenta, 67 anos, integrante do grupo Arte e Vida sobre Rodas, de São José do Rio Preto, tem razão: "Minha cadeira é minha sapatilha e me dá asas".

A *Balada de Chopin* parece executada pelo próprio corpo do dançarino baiano Luis Antonio Cruz, que, sem muito esforço, arranca gritos de louvor do público, formado por profissionais e estudiosos envolvidos no ensino da dança para portadores de deficiência ou não. Com um trabalho solo, Cruz representa o grupo Rodança, de Salvador. Conta que a equipe criou 13 coreografias e sete atos musicais e que os demais integrantes só não vieram apresentá-los porque faltou patrocínio para a viagem.

Ao dançar a música *Bjork*, de Arnaldo Antunes, Chico Science e Nação Zumbi, Maristela Neri de Godoy também brilha ao lado dos companheiros da Companhia Artes sem Barreiras, de São Paulo. *Dançar para um Novo Olhar* é a coreografia de Ana Battsoso, defendida com muita responsabilidade e riqueza de expressão pelos integrantes do grupo. "A minha vida inteira, sempre dancei. Sofri um acidente e quebrei a cervical. Esta relação com a dança é tudo para mim", alegre-se Maristela.

O grupo Três Mulheres e uma Dança, da Apae de Santa Bárbara d'Oeste, interpreta *Beatriz*, de Milton Nascimento e Chico Buarque. A equipe é formada pela fonoaudióloga e professora de dança Viviane Gonçalves Oliveira, a voluntária Mary Nishiyana e Dayane de Oliveira, a primeira aluna de Viviane. Dayane tem paralisia múltipla e iniciou o trabalho há dez anos. Segundo Viviane, a dança mudou muita coisa na vida da aluna, a começar pela melhora na comunicação, no relacionamento com a família e a sociedade. Paralisados ficam os olhos dos espectadores ao ver Dayane no tablado. Para dançar é só querer.

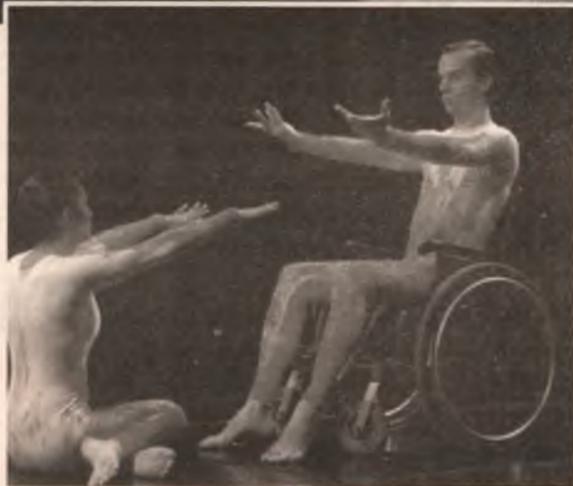
"Há pessoas que não têm deficiência e não conseguem dançar", lembra a estudante de educação física Maria do Carmo Freitas, uma das autoras da coreografia *Metamorfose*, apresentada pelo grupo Ciad, da PUC-Campinas. Na opinião dela, a deficiência que o ser humano tem para olhar as qualidades do outro, faz com que a sociedade não atente para o que os portadores de deficiência são capazes de realizar. "A gente trabalha dentro das possibilidades do portador, da mesma que se faz com uma pessoa que não sabe dançar", explica.

A mostra, organizada pela professora Graciele Massoli Rodrigues, fez parte do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, viabilizado por professores da Unicamp em parceria com outras entidades envolvidas no ensino de dança. A estrutura de apoio foi garantida por alunos da Escola Superior de Educação Física de Jundiá e pela equipe do Sesc-Campinas. "Bravo!", respondeu o público em pé.

A minha cadeira de rodas é minha asa. Eu me sinto voando quando danço. A cadeira de rodas também é minha sapatilha. Ainda vamos fazer muita gente chorar.

Helena Pimenta

Fotos: Antoninho Perri



Carlinhos de Jesus quer absorver a técnica

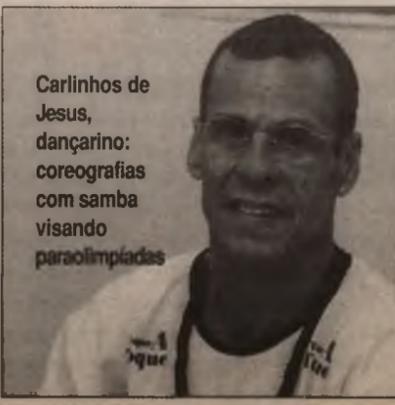
Ao terminar sua intervenção na mesa-redonda "Proposta de métodos de dança em cadeira de rodas", o renomado dançarino e coreógrafo Carlinhos de Jesus afirmou que levaria os números de telefone de todos os participantes do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, realizado na Unicamp nos dias 5, 6 e 7 de novembro. "Um encontro como esse só vem me enriquecer profissionalmente. É uma técnica que vou absorver dentro do que faço". Na opinião dele, a iniciativa das professoras Maria Beatriz Rocha Ferreira, Vera Aparecida Madruga Forti e Eliana Lúcia Ferreira traz benefícios afins para os portadores de necessidades especiais e para os profissionais de educação física e dança.

Carlinhos de Jesus coordena há dois anos o grupo de dança da Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (Andef), no Rio de Janeiro. Ele foi procurado pelo grupo, que queria participar de paraolimpíadas. "A idéia partiu deles e eles me convenceram dançando. Nem chegamos a conversar nada: quando cheguei, já começaram a dançar e eu aceitei imediatamente. Eu vi a possibilidade, o talento, a expressão", relembra. O dançarino percebeu o que o grupo podia lhe acrescentar como ser humano e como profissional. "Hoje eles estão prontos para uma olimpíada", reforça. O samba é o ritmo predominante nas coreografias criadas pelo coreógrafo. "É preciso fazer coisas alegres para eles dançarem".

Para Carlinhos, o professor deve respeitar os limites e as necessidades do aluno, independentemente da forma como este se apresenta. "Que diferença faz alguém entrar andando em minha academia e eles em cadeiras de rodas, se eu busco na dança uma expressão?", questiona.

A mostra realizada na Unicamp pode levar à criação da Confederação Nacional de Dança em Cadeira de Rodas, segundo anunciou a professora Eliana Lúcia Ferreira, idealizadora do simpósio, durante sua intervenção na mesa-redonda da qual participavam profissionais importantes tanto da área de dança-esporte, como de dança-arte. Convidado, Carlinhos de Jesus aceitou tornar-se membro da confederação. Eliana revela que em 1990 o Brasil tinha apenas três pessoas interessadas no ensino de dança em cadeira de rodas; em 1998, existiam oito grupos formados e, neste ano, foram registrados 35 grupos. "Fora os que não conhecemos", comemora.

Carlinhos de Jesus, dançarino: coreografias com samba visando paraolimpíadas



COMUNIDADE
 COMUNIDADE

Universidade, comunidade e os aviões-bomba

Geógrafa afirma que a academia está perplexa com os atentados que implodiram o mundo preconizado pelos EUA

JOÃO MAURÍCIO DA ROSA
jmauricio@reitoria.unicamp.br

Aviões-bomba aturdiram os Estados Unidos e o restante da Terra no dia 11 de setembro. Que relação os atentados poderiam ter com a Unicamp, com uma entidade não-governamental, agentes de saúde e crianças de uma região carente de Campinas?

"A comunidade científica está perplexa e calada diante do significado dos ataques terroristas aos EUA. A academia não vem tendo coragem de discutir esse evento dentro da própria ciência e da sociedade mundial", declara, em tom desafiador, Maria Adélia de Souza, professora de Geografia Humana do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp e docente aposentada pela USP.

A conferência de Maria Adélia abriu o II Encontro Comunidade Saudável e o II Simpósio Ciência e Sociedade: Economia Solidária. Na platéia estavam representantes da Unicamp e do Instituto de Pesquisas Especiais para a Sociedade (Ipes), que promoveram o duplo evento, e aproximadamente 300 agentes comunitários de saúde, além de crianças do Jardim São Marcos, uma das áreas mais pobres de Campinas.

Maria Adélia, logo de início, lembrou Milton Santos, considerado o maior geógrafo brasileiro e que morreu neste ano: "Se ele estivesse aqui, o primeiro ponto em que tocaria seria referente a este evento: a universidade pública brasileira deve estar sempre aberta para a comunidade. O segundo ponto, e que deve centralizar essas discussões, é como o pensamento profundo produzido na academia chega ao São Marcos, por exemplo? Que mundo é este que a mídia chama de globalizado?"

A professora viu este mundo literalmente implodido no ataque terrorista ao World Trade Center, quando as duas torres desabaram trágica e simbolicamente diante das câmeras da TV global. "Lamento pelo terrorismo, pelas mortes, mas como cientista não posso deixar de tentar interpretar o quadro. O que acontece quando toda a humanidade, no mesmo instante, toma conhecimento de uma tragédia dentro do país mais poderoso do planeta, que durante séculos nos vendeu a imagem de sua invencibilidade e inviolabilidade?"

Segundo a geógrafa, a ciência se manteve passiva diante do marketing norte-americano em torno da vida segura, da venda de seus produtos ao mundo como ato humanitário e de sua democracia, propaganda que foi esfacelada pelo atentado terrorista. "Essa passividade não deve existir mais. Ficamos atrelados ao dinheiro para nossas pesquisas, o que eu nunca aceitei. Como professora e pesquisadora tenho o dever ético de ser livre e verdadeira, e de arcar com as consequências desse meu ato de liberdade permanente, sobretudo dentro da universidade brasileira".

Sem esconder a indignação, Maria Adélia constata que os estudos sobre o avanço do processo da globalização e suas resultantes sociais, não mostram a difusão do bem-estar nem os temas centrais em torno da economia solidária e da comunidade saudável. "Dados divulgados pelos próprios países que representam os ricos (ONU, FAO, OMC) revelam que há um avanço mundial da pobreza e da fome", comenta.

Ligando a região do São Marcos a Nova York, a professora afirma: "Milton Santos renunciou há dois anos que o mundo estava entrando no período popular da história, quando o mando estará com a política e não com a economia. O que garantia a compra das mercadorias pela popu-

lação mundial era o trabalho. Não existe mais emprego. Nossos braços, nossa inteligência e nossa dedicação foram substituídos pelas máquinas".

Tropel de eventos – A alta tecnologia do mundo virtual, predominante atualmente, nos permite tomar decisões mais acertadas sobre o futuro, admite Maria Adélia. "Só que, como disse Milton Santos, este tropel de eventos desmente verdades estabelecidas da inviolabilidade, do poder da segurança. "Foi tudo por terra. Demanchou-se o saber e ai daquele que construir sua forma de pensar a partir do que vem do Norte".

Para a pesquisadora do IG, as redes de informação que cruzam o planeta não atingem os buracos que na verdade são territórios invisíveis, onde é possível montar estratégias que desmontam num "átimo" de segundo o poder e a inviolabilidade. "O terrorismo e o narcotráfico já perceberam isso. A classe média e a universidade ainda não o perceberam porque fazem sua ciência com base em princípios e teorias do século 19", critica.

A grande arma – No que chama de "triste instante da história da humanidade", Maria Adélia acusa os EUA de declararem guerra a todo um povo, no caso o afegão, para localizar um único homem que pode nem estar naquele país. "Bin Laden talvez esteja lá, mas a discussão, hoje, é de um novo modelo de sociedade. Por que os Estados Unidos brigam com os afegãos? Os norte-americanos têm que se entender com todos os povos pobres do mundo. É isso que está em discussão. A grande arma atual é a solidariedade".

A professora sustenta que, sem a presença do Estado, o que nos resta é a construção de uma rede de solidariedade, já que a população pobre soma mais de 4 bilhões de vidas. "O período popular da história, a que se referiu Milton Santos, envolve uma nova humanidade, onde se construirá a paz através da consolidação de mecanismos solidários que não serão fabricados em laboratórios. Já estamos em pleno período popular da história".



Fotos: Antoninho Perri

Adélia, do IG: ciência passiva

A perda de dois Santos

Maria Adélia relacionou os atentados de 11 de setembro também ao assassinato do prefeito de Campinas Antonio da Costa Santos, ocorrido na noite anterior. "Com Milton Santos, perdemos dois Santos em 2001. Um porque era intelectual brilhante e não cuidou da saúde para escrever sua obra destinada exclusivamente aos pobres. Com ele aprendi que a universidade tem de ser um território livre das grandes batalhas, o que é difícil, porque a universidade é prisioneira dos interesses hegemônicos".

Quanto a Toninho do PT, ela afirma que o crime, qualquer que tenha sido o motivo, aconteceu porque a sociedade abandonou o seu território, agora ocupado pelos bandidos. "O território onde vivemos foi abandonado pelo governo e pelas elites, que comandam o processo político e por isso são os responsáveis pela morte do Toninho", atacou. O conceito de globalização apregoando o estado mínimo, o governo enxuto, na opinião da professora elimina quaisquer possibilidades de administrar a coisa pública ou território. "A iniciativa privada jamais deve substituir o governo na administração do território e é isso o que está acontecendo hoje".

Abaixo, moradores do São Marcos à porta do auditório: universidade aberta à comunidade



Jovem lê sobre comunidade solidária: ações não nascem em laboratórios



AMBIENTE
 AMBIENTE

Heróis da floresta?

Há controvérsias quanto ao papel dos povos tradicionais da Amazônia para o desenvolvimento sustentável da região

JOÃO MAURÍCIO DA ROSA

jmauricio@reitoria.unicamp.br

Até onde pode ir a eficiência competitiva dos povos tradicionais da Amazônia? Será que, num futuro próximo, eles terão que optar entre melhorar sua qualidade de vida ou conservar as florestas? Este paradigma em torno do desenvolvimento sustentável da maior floresta tropical do mundo ficou sem resposta na IV Jornada Científica da AUGM (Associação das Universidades do Grupo de Montevidéu) sobre Meio Ambiente. O evento, realizado entre 28 e 31 de outubro na Unicamp, reuniu cerca de 160 painéis divididos em onze temas. Os trabalhos foram desenvolvidos por 400 pesquisadores de 100 instituições de ensino e pesquisa de países latino-americanos, em nível de graduação e pós-graduação.

O professor Mauro Willian Almeida, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, primeiro expositor do evento, lembrou que não há unanimidade de pensamentos sobre a conservação da Amazônia, durante a palestra "Uso sustentável dos recursos naturais por comunidades tradicionais". Há críticos, segundo Almeida, para os quais grupos humanos do período neolítico foram responsáveis por grandes extinções da fauna. "Há quem diga, também, que hoje é melhor criar um parque nacional ao lado de um campo de golfe ou de uma moderna fazenda de pecuária, do que junto a populações pobres. A justificativa é que golfistas e fazendeiros respeitam os limites das propriedades, sendo possível conviver com eles, enquanto os pobres, índios ou caboclos nem sempre mostram esse respeito e avançam sobre as fronteiras".

O professor do IFCH estuda e trabalha com os povos tradicionais da Amazônia há 20 anos e também presta assessoria para a implementação de projetos de desenvolvimento econômico e de conservação na região. As pessoas que se definem como povos tradicionais, explica Almeida, participam das agendas ambientais porque estão envolvidos na disputa pelos recursos naturais com outros atores, como governos e empresas.

Este quadro, de acordo com o pesquisador, foi gerado na estratégia de desenvolvimento da Amazônia nos anos 70, traçada pelo regime militar. "A estratégia era baseada na abertura de estradas para acessar os recursos naturais: um programa de colonização dirigido às enormes massas de pessoas pobres, que ocupariam os espaços considerados "vazios"; à atração do capital de grandes empresas; a políticas de geração de energia elétrica; e, de modo geral, a um processo de militarização da fronteira".

Resumindo, Mauro Almeida afirma que a idéia era ocupar economicamente uma região rica em recursos naturais, atraindo gente e capital. "Pretendia-se eliminar uma síndrome de pobreza por meio da mudança rápida do processo de produção", diz. Ele enfatiza que, no caso da Amazônia, o diagnóstico era de uma população local atrasada e estagnada no tempo, e que precisava ser transformada não só culturalmente — inculcando nela novos desejos de consumo — como tecnicamente — substituindo seus processos de uso da terra.

Apesar desta política de ocupação considerada agressiva até os dias atuais, o professor lembra que, paralelamente, o governo militar foi criando uma importante rede de unidades de conservação, em forma de parques nacionais e estações ecológicas. "Uma combinação paradoxal, entre políticas destrutivas do meio ambiente e unidades conservacionistas, executadas em um mesmo governo".



Fotos: Antoninho Perri



Almeida, do IG: a ditadura e sua política destrutiva

ao mesmo tempo, a transformação daquelas pessoas", analisa o professor.

O revés — Nos anos 80, veio o revés. Os moradores tradicionais da região passaram de culpados a heróis ambientais. "Houve até exagero, talvez, nos anos marcados por Chico Mendes e outros militantes de um movimento que ocorreu também na Ásia, particularmente na Indonésia, países dotados de bosques tropicais com populações pobres e que começaram a se apresentar não como problemas, mas como solução".

Em contrapartida, assim que Chico Mendes começou a denunciar a devastação provocada pela pavimentação da BR-364, entre Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC), ele acabou acusado de ser agente dos países ricos, que teriam interesse em estagnar o processo de desenvolvimento regional para se apropriar de seus recursos naturais.

O fato é que a ciência ainda se divide sobre quem deva ser o herói da preservação das florestas. "Eu, com todo o respeito, defendo a necessidade de haver uma sinergia entre os modelos propostos, ou seja, uma integração de povos tradicionais com áreas de completo isolamento. "Deve haver acordos institucionais, leis e regras a serem cumpridas com contrapartidas econômicas e sociais".

Genocídios — As conseqüências são por demais conhecidas. Enquanto grande parte do país gozava os efeitos do "milagre econômico" dos anos 70, a abertura de estradas, construção de barragens, instalação de fazendas e a descoberta de áreas de garimpo obrigavam o deslocamento de povos indígenas, seringueiros e promoviam verdadeiros genocídios.

"Outros grupos humanos foram atingidos, embora de maneira menos visível pelo público. Como os caboclos descendentes de antigas nações indígenas, que haviam se misturado ao longo do tempo e viviam dispersos como coletores, seringuei-

ros, pescadores. Esses povos, normalmente ignorados pelas políticas públicas, que não mereciam estudos por antropólogos e que sequer tinham uma identidade reconhecida, eram vítimas de violência", lembra o pesquisador.

Tais povos, insiste Mauro Almeida, eram vistos como obstáculos ao progresso dos anos 70, mas não apenas isso: também levavam a culpa por queimadas e caçadas, a pecha de vilões ambientais. "A solução diante desta população eram o controle de natalidade e a modernização, a introdução de tecnologias, o incentivo às obras. Enfim, a saída era a transformação da natureza e,



A Universidade Virtual

A Associação das Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM) é uma universidade virtual, composta por 15 universidades públicas do Cone Sul. "Elas disponibilizam, umas às outras, seus recursos materiais, laboratórios, equipamentos, bibliotecas e pessoal acadêmico, derrubando barreiras existentes e multipli-

cando as possibilidades de desenvolvimento para os povos do Mercosul", explica o professor Mohamed Habib (na foto, ouvindo o discurso do reitor Hermano Tavares). Participam da AUGM instituições da Argentina, Chile, Uruguai e Brasil.

Dinheiro sem papo furado?

Crédito Pessoal Zogbi. É pra já.

Campinas: Av. Francisco Glicério, 1320 - Centro



Você escolhe a melhor data para pagar. Se encontrar juros mais baixos, negociamos. Traga: RG, CPF, comprovante de residência, renda e talão de cheques.



Crédito rápido e eficiente.

TECNOLOGIA
 TECNOLOGIA

A janela “inteligente”

Dispositivo pesquisado pelo Laboratório de Polímeros regula a intensidade de luz e influencia na temperatura do ambiente

PAULO C. NASCIMENTO
 pcnpress@uol.com.br

Uma janela “inteligente”, capaz de controlar automaticamente a luminosidade de ambientes, foi desenvolvida no Laboratório de Polímeros Condutores e Reciclagem, do Instituto de Química (IQ) da Unicamp. O produto, ainda em fase laboratorial, poderá estar pronto para industrialização nos próximos três anos e deverá se constituir em um importante recurso para economia de energia elétrica no Brasil. Ao regular a intensidade de luz, a janela também influencia a temperatura do local em que está instalada, o que poderá resultar em menor uso de ventiladores e aparelhos de ar-condicionado para refrigeração durante o verão ou de aquecedores no inverno. Poderá, ainda, transformar cortinas e persianas em artigos para antiquário.

A janela é um dispositivo eletrocromico (capaz de mudar de cor ao receber impulsos elétricos) constituído de um “sanduíche” de diferentes polímeros “inteligentes” – plásticos cuja constituição química lhes permite responder a um determinado estímulo de forma reproduzível e específica.

A superfície de duas folhas de plástico transparente e flexível (semelhante às transparências utilizadas em retro-projetores) é recoberta com uma fina camada de óxido de estanho, um produto químico capaz de conduzir energia elétrica, e dois diferentes tipos de polímeros: *poli (o-metóxi-anilina)* e *poli (tiofeno)*, este produzido pela empresa alemã Bayer com o nome comercial de Baytron-P.

O recheio se completa com a colocação, entre ambas as folhas, de uma camada de borracha impregnada com outro produto químico, o perclorato de lítio. O material, cedido pela companhia japonesa Daiso, parceira da Unicamp na pesquisa, é um eletrólito elastomérico que exerce, na janela, papel idêntico ao da solução ácida (eletrólito líquido) da bateria elétrica de um veículo, ou seja, o de transportar íons e permitir o equilíbrio de cargas elétricas no dispositivo.

Ao receber o impulso elétrico, os substratos químicos reagem e apresentam mudança de tonalidade, da transparência total ao opaco, conforme a intensidade da corrente. Com isso, a janela deixa passar maior ou menor luminosidade para o ambiente de acordo com as condições cli-



De Paoli, do IQ: novo produto (destaque) deverá ser comercializado dentro de três anos

máticas externas ou, ainda, a preferência do usuário. Apesar do número de componentes utilizados em sua montagem, o dispositivo tem espessura inferior a meio milímetro.

Protótipos – “A transmitância da luz pela janela pode ser de 90% ou apenas 10%”, observa

o professor Marco-Aurelio De Paoli, do Departamento de Química Inorgânica da Unicamp e coordenador de projetos do Laboratório de Polímeros Condutores e Reciclagem. “Para comparação, basta lembrar que nas películas para reduzir a luminosidade interna em veículos a transmitância limitada por lei é de 75%.”

Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), com colaboração das empresas Bayer e Daiso, a pesquisa resultou até o momento em protótipos de janelas “inteligentes” com dimensões de 25 centímetros quadrados. De acordo com De Paoli, os próximos passos incluem a montagem de protótipos maiores e o desenvolvimento de estudos para a viabilização de sua produção em escala industrial no país.

Segundo ele, protótipos comerciais com a mesma tecnologia já estão sendo testados na Europa e nos EUA, fabricados por consórcios de empresas, de olho no alto potencial de consumo dessas janelas. Estima-se que, por volta de 2005, só o mercado norte-americano responderá por quatro bilhões de metros quadrados anuais em aplicações arquitetônicas para a janela “inteligente”.

Os produtos desenvolvidos no exterior têm, porém, um inconveniente: montados em lâminas de vidro, atenderão primordialmente obras novas. Caso o interessado queira utilizá-lo em uma edificação já concluída, terá que substituir totalmente a janela convencional pela “inteligente”.

Vantagens – É nesse aspecto que o dispositivo elaborado pelos pesquisadores da Unicamp se diferencia com vantagens do concorrente internacional, resalta De Paoli. Por ser montado em material delgado e flexível, pode ser simplesmente colado sobre vidraças já existentes, como ocorre com películas convencionais redutoras de luminosidade encontradas atualmente no mercado. Também seu custo produtivo deve ser inferior ao do similar em vidro.

O controle da intensidade do impulso elétrico para escurecer ou clarear a janela irá variar conforme a aplicação do produto, esclarece o coordenador da pesquisa. Poderá ocorrer por meio de um *dimmer* (regulador para iluminação) acionado manualmente ou, de forma automática, a partir de informações enviadas por sensores externos de luminosidade e temperatura monitorados por computador nos chamados edifícios “inteligentes”.

Contato

Marco-Aurelio De Paoli
 (19) 3788-3075
 mdepaoli@iqm.unicamp.br

Células de plástico para converter energia solar

O Laboratório de Polímeros Condutores e Reciclagem também é pioneiro no Brasil no desenvolvimento de células fotoeletroquímicas de plástico para conversão de energia solar em eletricidade.

Nesse projeto estão sendo desenvolvidas e testadas células solares que utilizam um corante fotosensibilizador (o composto de rutênio) e óxido de titânio (o pigmento branco das tintas de parede e de plásticos em geral), um produto químico semiconductor que tem a propriedade de transformar a luz solar em energia elétrica. Conforme De Paoli, esses dispositivos estão sendo considerados os mais promissores substitutos às células fotovoltaicas de silício.

Os estudos envolvendo as células solares de óxido de titânio começaram no início da década de 90, no laboratório do professor Michael Grätzel, na Universidade de Lausanne (Suíça). No entanto, após dez anos de intensa pesquisa em todo o mundo, a produção de módulos em larga escala ainda não foi efetivada.

O maior problema para a produção comercial dessas células é decorrente do uso de um componente líquido (o eletrólito), o que requer a vedação perfeita do dispositivo para evitar o vazamento

e a evaporação de solvente. O vazamento do produto pode causar danos ambientais, além de comprometer o funcionamento da célula.

Solução – Porém, na pesquisa conduzida pela equipe da Unicamp, esse problema foi solucionado pela substituição do eletrólito líquido por um eletrólito plástico, uma borracha impregnada com iodeto de sódio e iodo, também fabricada e cedida pela Daiso.

Em ensaios recentes, dois protótipos de células fotoeletroquímicas, com apenas 1 centímetro quadrado cada um, geraram energia equivalente à de duas pilhas comuns de 1,5 volt. Isso corresponde a um rendimento da ordem de 1,5% a 2%, ou seja, o percentual da energia solar que é convertido em energia elétrica pelo dispositivo preparado com o componente polimérico.

“Em escala mundial é o melhor resultado já obtido para células solares de óxido de titânio com eletrólito seco”, comemora De Paoli.

Comparativamente ao rendimento de 14% proporcionado por uma fotocélula de silício, ainda é muito modesto para ser aplicado em larga escala. Entretanto, pondera o professor da Unicamp, os resul-

tados em âmbito laboratorial apontam para a viabilidade de um produto alternativo para geração de energia de custo baixo, produção mais simples e, principalmente, menor impacto ambiental. O pedido de privilégio de patente para este dispositivo já foi encaminhado ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).

Baixo custo – De acordo De Paoli, células de silício, embora tradicionalmente tenham maior aplicação comercial, apresentam um custo muito elevado, o que inviabiliza sua popularização. Além disso, estima-se que a energia gasta para construir uma fotocélula de silício seja superior a energia gerada pela mesma durante toda a sua vida útil; o que não é o caso das células fotoeletroquímicas baseadas em óxido de titânio com corante.

“A pesquisa da Unicamp mostra como a energia solar, uma fonte limpa, abundante e barata, pode ser utilizada para suprir a demanda energética em áreas remotas, como a Amazônia, por exemplo. Ratifica ainda o compromisso da Universidade com os problemas relativos à produção e distribuição de energia e à maior conscientização ambiental”, argumenta o professor.

Os desafios de irmã Noeli

Carmelita que atuou 11 anos em região carente de Campinas leva seu trabalho ao sertão de Pernambuco



Moradores da região do São Marcos lotam auditório da Unicamp: formando lideranças

Formando lideranças contra o coronelismo

A carmelita Noeli Maria Massoni vai encontrar na cidade de Custódia desafios não são muito diferentes dos que ajudou a superar na região do São Marcos. "A fome, a pobreza, as drogas e a violência são problemas comuns agravados pela seca. É uma região extremamente abandonada, que nunca contou com a presença de igreja, de uma freira. O coronelismo é quem manda e desmanda". Noeli está no sertão nordestino para organizar e formar líderes populares que possam fazer frente aos desmandos e promover o desenvolvimento da comunidade local. Os primeiros contatos são feitos "no grito", segundo expressão usada pela própria freira. "Vamos à igreja, associações e de casa em casa. Em cada local, uma estratégia", ensina.

Noeli vê como fundamentais os encontros como este promovido pelo Ipes e a Unicamp. "O evento é um passo muito importante. Eu participei da edição do ano passado com uma série de críticas, ajudei até a dismantelar alguns programas. Mas neste ano houve um salto qualitativo e quantitativo muito grande. A participação da comunidade cresceu muito", avalia. A irmã ressalta que várias das propostas concretas apresentadas no ano passado puderam ser viabilizadas.

Durante este último seminário na Unicamp, Noeli foi uma das coordenadoras do encontro "Elaborando Projeto", módulo que reuniu técnicos da região, usuários de ONGs, professores e alunos da Universidade, além de membros das comunidades. O encontro estabeleceu estratégias para viabilizar projetos em cima de três pontos concretos: a capacitação para o cooperativismo, em parceria com a Unicamp; a realização de eventos comuns na região para, a partir deles, envolver e chamar outros eventos; e a formação de comissões mobilizadoras para aglutinar representantes de todas as forças da região, visando organizar outras ações comunitárias.

Discípulos – Irmã Noeli foi para o Nordeste, mas deixou sua marca, pois na região do São Marcos ficaram vários discípulos. Um deles é o jornalista Marcos Roberto Moreira, de 27 anos. Voluntário de uma ONG, acabou indicado há quatro anos para atuar profissionalmente no Centro Assistencial Vedruna como educador. Promove várias atividades com crianças e adolescentes, desde orientação nos estudos até exercícios artísticos.

São oito projetos diferentes envolvendo família, leitura, reciclagem, redação, educação artística etc. Uma mostra dos trabalhos pôde ser vista em vários estandes que exibiram a produção artística e artesanal da região, bem como no desfile de modas inusitado de adolescentes com roupas produzidas a partir de tecidos reciclados.

A irmã Noeli Maria Massoni, carmelita da Caridade de Vedruna, uma ordem religiosa espanhola, gosta de enfrentar desafios. Formada em pedagogia e ciências administrativas pela PUC-Campinas, passou 11 anos de seus 39 de idade, literalmente, com o pé na lama da região do Jardim São Marcos, onde ficam quatro bairros nada saudáveis e tampouco de economia solidária, ao norte Campinas. Os bairros são os Jardins São Marcos, Santa Mônica e Campineiro, e o Recanto da Fortuna.

Concluída sua missão de formar líderes comunitários, no início deste ano Noeli foi designada pela congregação para abrir uma nova fronteira ao Vedruna – pois esta ordem religiosa foi idealizada para desbravar fronteiras, onde a Igreja não chega e o poder público é omissivo. Noeli está agora em Custódia, cidade castigada pela seca e o coronelismo no sertão de Pernambuco.

"Minha experiência no São Marcos foi muito rica, um período de aprender muito e reforçar convicções e esperanças. A gente precisa sonhar e pensar em algo diferente e esta comunidade me desafiou. Os desafios da violência, da moradia, da habitação, da infra-estrutura, do transporte".

A irmã viveu na região de janeiro de 1990 até fevereiro

passado. Seu primeiro desafio foram as frequentes mortes por atropelamento, vitimando moradores que tentavam atravessar a Rodovia Dom Pedro II no trecho entre os Jardins São Marcos e Santa Mônica e a Rodovia Milton Tavares, o chamado "Tapetão". Protestos organizados pela comunidade resultaram em construção de passarelas.

Visibilidade – Mais tarde, a congregação, que tem sede no Santa Mônica, inaugurou no São Marcos o Centro Assistencial Vedruna, unidade que atende aproximadamente 70 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos de idade. "O centro é uma atividade que nos dá visibilidade. A outra é a formação de lideranças. Muitos dos que hoje estão em política e sindicatos, ou à frente de entidades, são frutos de um trabalho de despertar e formar líderes comunitários. Modéstia à parte, é um trabalho nosso que não aparece", alegra-se Noeli.

Também é uma realização do Vedruna o despertar da consciência sobre a necessidade de se atuar em rede. Noeli sente que o movimento ainda não se propagou para outras regiões de Campinas, mas este "contágio" não deve tardar. Durante os diversos debates sobre "Comunidade Solidária" na Unicamp, ela ouviu representantes de outros bairros reivindicando essa integração. "Outras regionais já estão olhando para o São Marcos, querendo aprender com eles. Isso vai irradiando".

Ensinamentos – O trabalho em uma das regiões mais carentes da cidade também trouxe ensinamentos. "Esses problemas todos me motivaram e me mobilizaram. Eu disse: 'é nisso mesmo em que eu tenho de acreditar'. Precisamos ter esperanças, que são chegadas e confrontadas diante dos desafios que a realidade impõe. Eu me fortaleci e vou com essas esperanças revigoradas para Pernambuco".

Atuando desta forma, Noeli diz ter descoberto o desafio do trabalho em rede. "O trabalho conjunto, o associativismo ou o cooperativismo, são coisas muito importantes diante desse novo contexto. Ou vamos por aí ou morremos na praia". (J.M.R.)

Noeli: agora, enfrentando o coronelismo no interior pernambucano



Desfile de moda da um tom inusitado ao seminário: tecidos reciclados

COMUNIDADE
 COMUNIDADE

O discurso e a prática

Docentes e alunos defendem o social, mas a maioria da população ainda é ignorada na pauta de pesquisas

JOÃO MAURÍCIO DA ROSA
jmauricio@reitoria.unicamp.br

A Unicamp possui um quadro de alunos e professores com inegáveis preocupações sociais, que defendem um Brasil igualitário, democrático, desenvolvido e independente no plano internacional. Contudo, a sociedade brasileira tem sido ignorada pela instituição na pauta de suas pesquisas. Pode-se dizer que ela é reproduzida da pauta de universidades de países ricos e para atender à da iniciativa privada. “Mas e a sociedade, que é principal fonte dos recursos da instituição pública de ensino? Quem paga para a universidade funcionar não é só as empresas, é a maioria da população”, lembra o pesquisador Renato Dagnino, do Instituto de Geociências (IG).

Dagnino descreve as atividades acadêmicas como incoerentes em relação ao perfil ideológico dessa maioria de estudantes e docentes. “Quando entramos na sala de aula ou no laboratório parece que esquecemos de nossos valores, pois atuamos como qualquer outro professor sem a preocupação social que existe nesta universidade”.

Engenheiro formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Economia pela Unicamp, Dagnino é do Departamento de Política Científica e Tecnológica do IG. Diante de sua experiência em pesquisa e docência, ele defende que a política de pesquisas da universidade deve estar mais próxima das necessidades da maioria da população. Este foi o mote de sua palestra na oficina “Reafirmando a Cidadania”, no II Simpósio Ciências e Sociedade: “Economia Solidária”.

“Ainda hoje – e mais no passado recente – a Unicamp tem atendido à demanda do Estado (empresas e órgãos do governo) por conhecimento científico e tecnológico. Com a mudança do cenário econômico e político nacional, as estatais foram privatizadas, o Estado foi sendo enxugado e a universidade empurrada para a iniciativa privada, buscando desenvolver um conhecimento passível de uso pelo mercado. “Se formos ver detalhadamente, notaremos que fazemos muito pouco em prol da população. A maioria das pesquisas reproduz, de uma forma ou de outra, a agenda de pesquisas propostas pelos países mais avançados”, critica.

Dagnino argumenta que o Brasil, como país periférico, dependente e subdesenvolvido, produz uma ciência e uma pesquisa também periféricas, que não conseguem se encontrar, dialogar com a sociedade. Sua agenda de pesquisa é pautada pelo que as grandes universidades do mundo consideram uma “boa ciência”, que, por sua vez, reflete cada vez mais o que as grandes empresas consideram importante ser estudado”.

Em conseqüência, conclui o pesquisador, aquilo que vimos produzindo em termos de geração de conhecimento pouco tem a ver com o Brasil que idealizamos. “Quero dizer que, de certa forma, somos um tanto esquizofrênicos: queremos uma sociedade igualitária, mas continuamos fazendo uma pesquisa que não se encontra, no futuro, com esta sociedade que queremos”.

Foco no futuro – Alguém poderia dizer que de nada valeria introduzir na agenda de pesquisas, hoje, temas que digam respeito às necessidades da parcela maior da sociedade, uma vez que o contexto econômico, político e social é tão restrito, injusto e desigual que aquilo que se produzir em termos de conhecimento jamais chegará à maioria da população. “Isso de certa forma é verdade, ou seja, não adiantaria muito orientar nossa pesquisa na tentativa de resolver problemas concretos que enxergamos na realidade. Mas precisamos pensar no futuro, que o país está mudando, que existe um processo de democratização em curso, que começou pelo aspecto político, mas que logo passa pelo social e pelo econômico. Se não pensarmos que em 10 ou 20 anos este país vai demandar, de fato, conhecimento novo para satisfazer a necessidade da maioria, nós vamos estar perdendo tempo”.

Dagnino defende que os pesquisadores projetem uma agenda para o futuro, pois as pesquisas demoram a amadurecer e formar recursos humanos também leva tempo. “É por isso que este seminário é importante. Precisamos iniciar esforços hoje, para que daqui a 20 anos, “quando o carnaval chegar” e a sociedade for mais igualitária, nós possamos oferecer conhecimentos a esta sociedade e participar junto com ela desta festa. Conhecimentos capazes de alavancar um processo de mudança social, econômica e política progressista, que estará então ocorrendo a todo vapor”.

Fotos: Antoninho Perri

‘Universidades não servem nem a ricos nem a pobres’



Dagnino, do IG: “Fazemos pouco pelo povo”

Renato Dagnino, do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, afirma que todos os principais problemas brasileiros no plano social devem ter um tratamento multidisciplinar, ao passo que a maioria das universidades é disciplinar. “Os problemas não vêm com uma etiqueta: ‘olha, eu sou da sociologia, eu da engenharia etc’; eles são multifacéticos, cada vez mais complexos e politizados. Por isso, o tratamento multidisciplinar é uma carência em universidades no mundo inteiro que procuram seguir os padrões da ciência dos países desenvolvidos.

Dagnino acrescenta que o II Simpósio Ciências e Sociedade realizado na Unicamp deve ser considerado um marco – ou o primeiro passo – para que a instituição possa, de fato, vir a prestar um serviço à sociedade de forma mais incisiva, mais direta. “A Unicamp se caracteriza pela pesquisa em ciência e tecnologia, e se destaca entre as instituições brasileiras e latino-americanas pela sua forte orientação para a pesquisa e para a formação de pessoal no nível de mestrado e doutorado”.

Este pessoal, conforme o pesquisador, tem pela frente um desafio enorme, que passa por transformar a universidade. “As federais estão em greve há meses. E quem se levanta na sociedade para defendê-las? Por que não se levantam? Nos Estados Unidos e na Europa, se isso ocorresse, seria uma tragédia, pois as empresas multinacionais dependem de suas universidades. Mas a universidade pública brasileira é disfuncional, não cumpre o papel que deveria, não possui interlocutores. Não serve para a classe dominante explorar melhor a classe dominada e não serve para a classe dominada melhorar a sua condição de vida e sua posição de barganha ante a classe alta. Em outras palavras, a nossa universidade não serve nem a ricos e nem a pobres”, observa.

Concluindo, Renato Dagnino observa que a universidade não tem quem a defenda e, com a privatização do Estado, ficou ainda mais órfã. Não está conseguindo encontrar na sociedade um parceiro efetivo que a proteja e a projete para o futuro, uma disfuncionalidade grave e que pode ser fatal. “Buscar alianças com os atores sociais que vão poder demandar no futuro o conhecimento e os cidadãos que temos capacidade de produzir é, desde agora, essencial. São eles que irão nos ‘defender’ e é a eles que deveremos visar ao programar nossas atividades de pesquisa, docência e extensão”.



Bordadeiras expõem seus trabalhos em simpósio na Unicamp: agenda de pesquisas do futuro deve estar voltada para esta parcela da população

Largando a enxada

Moradores rurais encontram empregos de melhor qualidade fora da agricultura

Empurrados para fora do campo por causa da incorporação de modernas tecnologias - principalmente aquelas destinadas a operações de colheita e pós-colheita - e pela queda da área cultivada em importantes culturas como café, grãos e oleaginosas (algodão, arroz, feijão e trigo) na agropecuária paulista ao longo dos anos 90, uma legião de moradores rurais encontrou ocupações profissionais de qualidade equivalente ou até melhor àquelas que exerciam anteriormente na agricultura. Com exceção do emprego feminino nos serviços domésticos, os resultados foram bastante positivos para uma série de atividades não-agrícolas.

A constatação é do engenheiro agrônomo Otavio Valentim Balsadi, que analisou a qualidade do emprego agrícola e não-agrícola da população rural economicamente ativa no Estado de São Paulo nos anos 90, em sua dissertação de mestrado defendida na Unicamp. Orientado pelo professor José Graziano da Silva, do Instituto de Economia (IE), o estudo, pela qualidade e ineditismo, foi considerado este ano a melhor dissertação em economia rural pela Sociedade Brasileira de Economia e Socio-

logia Rural (Sober).

Ao proporcionar remuneração superior à da agricultura, utilizar mão-de-obra familiar que fica ociosa na propriedade rural, principalmente da mulher, e complementar a geração de emprego e renda nos casos em que a agricultura já não consegue absorver toda a população economicamente ativa do meio rural, as ocupações não-agrícolas cumprem um importante papel no alívio da pobreza no campo, embora possam apresentar con-

dições de acesso mais exigentes, como educação e qualificação profissional.

Pelo seu estágio de urbanização e desenvolvimento, São Paulo, entre os estados brasileiros, é o que apresenta melhores condições de trabalho para os empregados rurais ocupados em atividades não-agrícolas, bem acima dos resultados verificados em alguns países latino-americanos, observa o autor.

Condições favoráveis - Para os homens empregados residentes rurais, os resultados obtidos por Balsadi para os índices de qualidade do emprego mostraram que todos os grupos de ocupações não-agrícolas por ele pesquisados (da indústria de transformação, comércio não-especializado, serviços não-domésticos e serviços domésticos) apresentaram melhores condições de trabalho do que os grupos de trabalhadores agrícolas permanentes e temporários. Apenas o grupo dos operadores agrícolas (em que a operação de equipamentos automatizados exige maior grau de qualificação profissional) superou os de serviços domésticos e construção civil, em termos de qualidade do emprego.

“Em outras palavras, para os homens empregados residentes no meio rural, as ocupações agrícolas tiveram pior qualidade de trabalho do que as não-agrícolas, com exceção dos operadores agrícolas. A inserção dos homens em empregos não-agrícolas significou a obtenção de melhores condições de trabalho em comparação aos empregos agrícolas, mesmo que a atividade fosse na construção civil e nos serviços domésticos, como caseiros”, explica Otavio, que é analista da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), órgão da Secretaria Estadual de Economia e Planejamento.

Para as mulheres residentes no meio rural não metropolitano, observa Balsadi, o ingresso nas atividades não-agrícolas só não significou a obtenção de melhores condições de trabalho quando o emprego era nos serviços domésticos, justamente o grupo de ocupações mais significativo para elas, responsável por quase 50% dos empregos não-agrícolas das mulheres rurais. Por outro lado, pondera ele, a inserção na indústria de transformação, nos ensinos público e privado, no comércio não-especializado e nos serviços não-domésticos ofereceu condições bem mais favoráveis do que o trabalho na agricultura.

Grande desafio - Otavio salienta que os resultados de sua pesquisa têm um desdobramento interessante no que se refere à formulação de políticas de geração de emprego e renda para a população residente no meio rural.

“Se, por um lado, o fomento às atividades não-agrícolas tem um efeito muito positivo em termos de melhoria da qualidade do emprego e, por conseqüência, das condições de vida dos trabalhadores com residência rural, por outro, ainda resta um grande desafio, que é como definir políticas que gerem mais empregos na agricultura e, ao mesmo tempo, melhorem as condições de trabalho para as pessoas nela empregadas”, enfatiza o engenheiro agrônomo.

Segundo ele, essa necessária integração das atividades agrícolas e não-agrícolas, gerando empregos de melhor qualidade, em projetos de desenvolvimento local e regional sustentáveis, ainda está por ser enfrentada pelas políticas públicas.



Foto: Antoninho Perri

Balsadi, agrônomo: prêmio pelo ineditismo de sua dissertação



Ilustração: Félix

Contato

Otavio Valentim Balsadi
 (11) 3224-1747 (Fundação Seade)
 otavio@seade.gov.br

A mudança estrutural do trabalho no campo

Nos anos 90, consolidou-se no Estado de São Paulo uma mudança estrutural - em curso desde meados da década de 80 - nas ocupações da população economicamente ativa residente no meio rural. No período 1992-98, houve um grande aumento da participação, tanto dos homens quanto das mulheres, em atividades não-agrícolas.

Esse movimento ganhou tal magnitude no Estado que, no final dos anos 90, mais de 50% da população economicamente ativa (PEA) com residência rural ocupava-se em atividades não-agrícolas, conforme pesquisas desen-

volvidas pelo “Projeto Rurbano”, do Núcleo de Estudos Agrícolas (NEA) do IE da Unicamp. Como resultado desse êxodo, a PEA agrícola no Estado de São Paulo passou de 1.261 mil pessoas ocupadas em 1992, para 944 mil em 1998, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

“Com esse quadro geral de mudanças estruturais na PEA rural paulista, marcada pelo contínuo crescimento das ocupações não-agrícolas, tornou-se fundamental avaliar se o emprego não-agrícola dos residentes rurais oferecia melhores condições de trabalho em

relação ao emprego nas tradicionais atividades agropecuárias”, justifica Otavio Balsadi, a respeito da motivação de seu estudo.

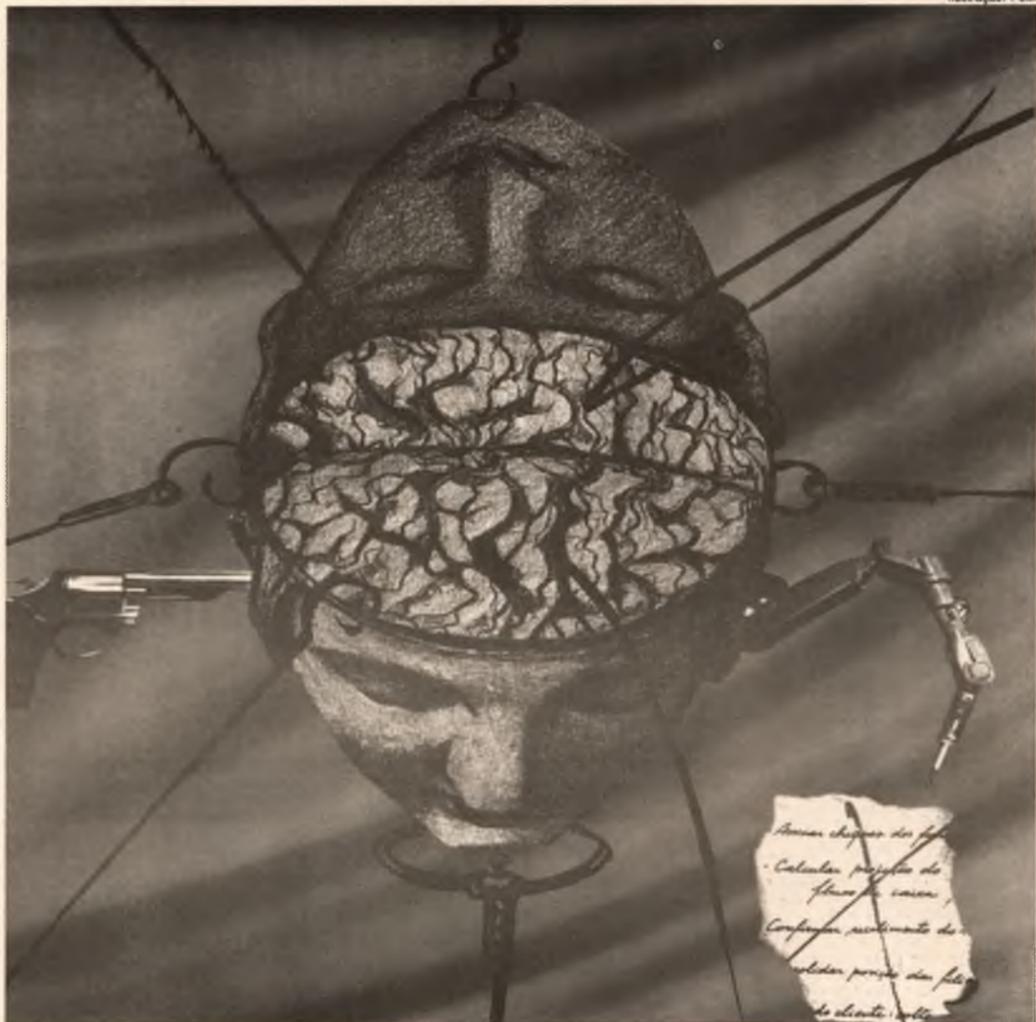
No desenvolvimento da pesquisa, ele se valeu de informações da PNAD para os residentes na região não metropolitana e definiu três grupos de ocupações agrícolas (trabalhadores permanentes, trabalhadores temporários e operadores agrícolas) e sete não-agrícolas (serviços domésticos, serviços não-domésticos, indústria de transformação, comércio não-especializado, motoristas, professores e construção civil).

Para a comparação dos grupos de ocupações agrícolas e não-agrícolas foi construído um índice de qualidade do emprego (IQE), a partir de indicadores ligados ao rendimento na atividade principal, grau de formalização do trabalho e benefícios recebidos pelos empregados (auxílio-transporte, tíquete-alimentação, assistência médica, entre outros).

Ao final da coleta e cruzamento de dados, os resultados mostraram um quadro mais favorável para os grupos de ocupações não-agrícolas dos residentes rurais, com exceção dos serviços domésticos para as mulheres.

SAÚDE
 SAÚDE

Ilustração: Félix



Método pode embasar programas de prevenção

Voltemos a Camus. Ele também escreveu: “Eu amo a vida, eis a minha verdadeira fraqueza. Amo-a tanto, que não tenho nenhuma imaginação para o que não for vida”. Camus morreu num acidente de carro na França, em 1960, aos 46 anos. Blanca Werlang acredita que, ao possibilitar a reconstrução do perfil psicológico do suicida, a ESAP – tese que lhe conferiu o título de doutora em Ciências Médicas na área de Saúde Mental pela Unicamp – “pode embasar programas de prevenção, corroborando e/ou identificando novos fatores de risco e correlatos”. Ela cita ainda a validade do método para colaborar com médicos legistas e profissionais de direito penal e cível, “no esclarecimento de casos de morte e processos judiciais”.

“Contudo, no nosso meio, é ainda um tipo de avaliação pouco divulgado, cabendo lembrar que se trata de uma estratégia de avaliação complexa, até agora sem muito rigor metodológico e ainda sem um modelo de procedimento estruturado”, relativiza.

“Ciente deste problema e entendendo que o suicídio é um fenômeno que suscita-nos a preocupação de auxiliar a promoção da saúde mental, torna-se fundamental tentar diminuir o viés produzido pela subjetividade no uso deste recurso de avaliação”,

complementa. Por isso, sua proposta foi viabilizar um trabalho de pesquisa para investigar a aplicabilidade de um método “cujos dados demonstrassem permitir um grau razoável de concordância entre avaliadores”.

Embora tenha sido bem sucedida, ela admite: “Novos estudos se tornam necessários, utilizando-se agora um grupo controle de sujeitos com modo de morte duvidoso, para poder ampliar a abrangência da estratégia”.

Lembrando que “o suicídio é um fenômeno multidimensional”, Blanca informa: “Nas últimas décadas, o maior esforço tem sido na identificação de fatores de risco, o que tem possibilitado reconhecer grupos mais críticos e sua associação com variáveis demográficas, psicossociais e psiquiátricas associadas ao suicídio”.

Após constatar que “estudos de autópsia psicológica junto a populações suicidas de certas localidades possibilitaram obter dados sócio-demográficos e clínicos”, a pesquisadora propõe que tais conhecimentos subsidiem as ações preventivas. “Final, são fundamentais medidas que auxiliem os indivíduos dessas comunidades a encontrar outras alternativas para suas dificuldades”, insiste.

A intenção letal

Segundo Blanca, “além de demonstrar a intenção consciente do falecido, é imprescindível também analisar as suas características psicossociais, para identificar os motivos que, ao longo da vida, auxiliaram a estruturar a saída suicida”. Dentre os pontos-chaves, a psicóloga destaca a letalidade, pois o seu grau pode ser tomado como sinônimo de “suicidalidade”. Ou, como ela resume: “Avaliar o grau de gravidade do gesto suicida pode nos mostrar também a intenção letal do indivíduo”.

Antes de chegar à banca examinadora da tese, os dados foram avaliados pela própria pesquisadora e por uma auxiliar, presente às entrevistas, no papel de observadora, mas com postura independente. E uma das etapas finais do trabalho consistiu em submetê-lo a mais dois profissionais da área de saúde mental (na tese, referidos como “juízes”), ao quais couberam também fazer avaliações independentes sobre cada caso pesquisado.

Para verificar o grau de concordância entre os avaliadores, os dados foram processados sob os ditames da estatística kappa do programa STATA. Trata-se de um método de cálculo, uma razão que pode ir da discordância perfeita à concordância perfeita.

“Foi possível demonstrar que a ESAP é aplicável, porque fornece informações que permitem um grau marcante de concordância entre avaliadores. Tal grau de concordância foi verificado por nada menos que 120 mensurações de julgamentos em quatro situações diversas, comparando-se avaliações de quatro juízes. Portanto, é possível usar com confiabilidade um instrumento semi-estruturado para autópsia psicológica em casos de suicídio”, conclui Blanca Werlang.

Luto é mais doloroso

Algumas dezenas de entrevistas e uma tese. Colocado assim, soa até fácil. Mas, ao lembrar o *making off* de seu trabalho, Blanca não consegue esconder o quanto foi tocada emocionalmente pelo drama dos familiares e amigos das vítimas de suicídio. “As pessoas entrevistadas estavam ainda em processo de luto diferenciado. A morte de um ente querido por suicídio não é experienciada como um fato normal, comum. A mobilização emocional é bastante intensa, porque são abordados aspectos muito sofridos. O luto, no caso, parece ser mais doloroso e traumático, em função do impacto provocado pelo inesperado do acontecimento”, busca definir.

“Em função disso não só é necessário administrar adequadamente esta estratégia de avaliação, mas também que o entrevistador, além de ter experiência clínica, seja capaz de interpretar cientificamente os dados obtidos e manejar as conseqüências clínicas da entrevista, pela mobilização afetiva produzida”, acrescenta.

E qual o perfil dos suicidas incluídos na pesquisa? A psicóloga constatou a predominância de homens, com idade média de 39,7 anos, a maioria de cor branca, solteiros, com 1º grau incompleto, que se declaravam católicos – mas em geral não-praticantes – e com situação ocupacional precária em termos de produtividade econômica.

As mortes ocorreram mais freqüentemente na própria residência, por enforcamento. Predominaram na primavera. O dia da semana em que mais se verificaram foi segunda-feira, principalmente à noite.

No aspecto clínico, ela identificou fatores já relacionados na literatura suicidológica: impulsividade, agressividade, labilidade de humor, problemas no relacionamento familiar, história familiar de doença psiquiátrica, traços ou sintomas de depressão, história familiar de suicídio e dependência de álcool.

Pesquisa sem similares

A tese de Blanca Werlang foi orientada por Neury José Botega, coordenador do Laboratório de Saúde Mental no Hospital Geral e professor livre-docente do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. Ele elogia o ineditismo da pesquisa da colega gaúcha no Brasil, acrescentando: “No levantamento da literatura que fizemos, não encontramos

similar em outros países”. Segundo o especialista, a ESAP nasceu como instrumento forense, “mas, com o tempo, acabou sendo prioritariamente usada com fins de pesquisa, em busca de fatores que pudessem nos auxiliar na prevenção do suicídio”.

Para Botega, o trabalho de Blanca resgata um aspecto importante, tanto sob o ponto de vista metodológico de pesquisa, quanto forense: “Será

que, num campo onde existe tanta subjetividade, as avaliações de duas pessoas coincidiriam? Os achados mostraram que, dentro dos limites de nosso método, sim, há concordância”.

A partir do *start* dado por ela, o orientador acredita que surgirão aprimoramentos. “Porém, certamente o roteiro elaborado pela Blanca é o único que temos com tamanha consistência e respaldo

teórico. Agora é esperar que mais estudos possam se desenvolver, a fim de que possamos, cada vez mais, auxiliar pessoas e prevenir suicídios passíveis de serem evitados”, torce o professor.

Botega é também pesquisador do CNPq e autor do livro *Prática Psiquiátrica no Hospital Geral: Interconsulta e Emergência* (Artmed Editora), que será lançado neste mês.



Brasil, o que fazer por ele?

Dois mil universitários de vários estados reúnem-se na Unicamp para discutir como construir um país novo

MARIA DO CARMO PAGANI
 carmopagani@aol.com

Mighian Damar, estudante de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia, é de origem camponesa, é mulher e negra. Rafael Paes Henriques, que se define como filho da burguesia, é aluno de comunicação social da Universidade Federal do Espírito Santo. Demétrios e Fernanda são de Lavras (Minas Gerais), militam no movimento estudantil e em um partido de esquerda. Apesar das diferenças de gênero, etnia, classe social e do modo de atuação na luta pela transformação política e social do país, eles têm em comum, além do fato de serem universitários, a consciência sobre a importância de se buscar um Brasil novo e livre da desigualdade e da exclusão, socialmente justo.

Essa consciência levou os quatro jovens a engrossar as fileiras de um contingente de dois mil universitários de vários estados brasileiros, que participaram, no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp, do I Encontro Nacional dos Universitários (ENU), de 1 a 4 de novembro. O objetivo do encontro, organizado por entidades estudantis, sindicais, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Unicamp, foi o de discutir um novo projeto para o Brasil, sob a ótica da questão fundiária, num período em que a sociedade brasileira vive o jugo da política neoliberal, aceita e praticada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. O I ENU reuniu em palestras os principais pensadores, estudiosos e militantes da luta pela reforma agrária no país.

Para a construção de um Brasil sem exclusão, discriminação e socialmente justo, aponta João Pedro Stédile, um dos líderes do MST, é indispensável a constituição de uma frente de todos os partidos e organizações populares, na qual devem ser deixadas de lado as diferenças em busca de um ideal: o de varrer o imperialismo do país. "Só a luta de massas, e não as assembléias e os discursos, mudam as pessoas. Temos de nos desapegar do sectarismo e nos unirmos, pois somos do mesmo povo", bradou Stédile.

A grande questão – Parodiando Wladimir Lênin, o dirigente do MST arriscou as respostas para a pergunta "o que fazer?". Stédile entende que o Brasil vive um momento onde não cabe o debate sobre como virão essas transformações, se por reformas ou revolução. "Não tenhamos a expectativa de que estamos plantando alfaces para colhê-las em seis semanas. Temos de plantar árvores que darão os frutos capazes de mudar nossa história. E isso não quer dizer que estamos adiando nossa utopia", argumenta. Para construção de um novo Brasil, considera Stédile, é fundamental o fim da concentração da propriedade da terra. E, também, a suspensão do pagamento da dívida externa e o rompimento com o imperialismo. "Cálculos do economista Celso Furtado apontam que, no auge do período colonial, entre 1650 e 1850, os países dominantes retiraram do Brasil, em ouro e prata, o equivalente a

Foto: Neldo Cantanti



Plínio Sampaio: "Precisamos acreditar no inesperado"



Foto: Neldo Cantanti

A saudação a dois mil universitários vindos de todo o país: ginásio da Unicamp vira grande sala de aula sobre o Brasil



Foto: Neldo Cantanti

Stédile: "Não plantamos alface para colher em seis semanas"

US\$ 1,5 bilhão. Para pagar a dívida externa, o governo FHC remete US\$ 54 bilhões por ano para o FMI", destaca.

Fora o rompimento com o FMI, Stédile defende a estatização dos bancos como uma das principais ações para a construção de um país mais justo. "É absurdo que 74% do Orçamento da União sirvam para o pagamento dos juros da dívida interna, ao invés de serem investidos em educação e a saúde para o povo brasileiro". Outras tarefas a serem executadas nesta direção, e importantes para "mudar a ideologia do povo", acredita Stédile, são o fim do monopólio dos meios de comunicação – "meros mecanismos de dominação ideológica" –, além de um movimento de revitalização da cultura brasileira. "Precisamos recuperar os valores históricos da sociedade, que são baseados no socialismo, no coletivo", pontua.

Romper padrões – Ao virar a página da história na era Vargas e entregar o Brasil ao neoliberalismo, o governo Fernando Henrique interrompeu o processo de construção nacional, importantíssimo para a fixação de um Estado soberano, entende Plínio de Arruda Sampaio, diretor do jornal *Correio da Cidadania* e um dos maiores especialistas brasileiros em reforma agrária. "Chegar a um novo país vai depender de nossa capacidade de pensar fora dos padrões que nos são impostos pela classe dominante. Não é mais possível aceitar que a produção brasileira seja voltada apenas para 30% da população e que os outros 70% fiquem sem acesso a ela", acentua.

A construção deste novo Brasil, acrescenta Sampaio, precisa se basear em um projeto alternativo de sociedade que inclua a reforma agrária e também a reforma urbana, a descentralização da política industrial, educação e saúde e melhor distribuição de renda para o povo. "Vamos usar, para mudar o país, o que temos em abundância: a terra ociosa, a força de trabalho. Em vez de fabricar telefones celulares para uma minoria, vamos optar pelos 70% dos brasileiros sem acesso ao mercado", pondera, ressaltando que as mudanças propostas evidentemente causarão reação da classe dominante e que esta tarefa poderá não ser concretizada com a rapidez necessária. "Mas temos que acreditar no inesperado", afirma, apontando ainda que o momento brasileiro exige uma geração capaz de concretizar o que a realidade aponta como fundamental.

Não à Alca – A não integração do Brasil à Alca é uma das bases para a construção de um país socialmente mais justo. A avaliação é do ex-embaixador brasileiro Samuel Guimarães, também presente ao ENU. "Se o país compuser a Alca, a oportunidade do projeto alternativo se reduzirá drasticamente", assinala. Na avaliação de Guimarães, por conta das características específicas do nosso país no



Foto: Neldo Cantanti

Guimarães: "O Brasil só é pequeno na cabeça das elites"

que se refere à sua dimensão e riqueza, podemos ser menos dependentes das nações dominantes, o que deve ser considerado no projeto alternativo. "O Brasil só é pequeno na cabeça das elites", afirma. Neste sentido, ele considera que, além de crucial para políticas de emprego e de distribuição de renda, a reforma agrária tem outra "importância extraordinária": a de alimentar a população.

Universidade aberta

Foto: Neldo Cantanti



Guedes, da Unicamp: universidade voltada ao povo

Componente fundamental de um novo projeto de desenvolvimento para o Brasil, a discussão sobre a reforma agrária se torna ponto indispensável de debates nas universidades. A participação de dois mil universitários no primeiro encontro nacional com esta finalidade comprova a afirmação. "A universidade tem de romper a tendência de fechar-se em torno de si mesma e passar a discutir e ampliar as atividades relativas aos temas ligados aos excluídos", opina o professor Luís Carlos Guedes Pinto, um dos organizadores do 1º ENU, lembrando que estas instituições são financiadas com dinheiro público e que, por conta disso, têm de voltar suas ações para as questões relacionadas ao povo.

A importância do 1º ENU, na opinião de João Pedro Stédile, foi a de contribuir para uma formação mais cidadã dos jovens das universidades e, com isso, formá-los para que possam "ajudar o Brasil". Iniciativas desse tipo, afirma, evitam a transformação das universidades em "lojas de ensino voltado ao mercado", como pretende o neoliberalismo. A presença de dois mil universitários na discussão de um novo projeto para o país, assinala Plínio de Arruda Sampaio, é um fato inédito e histórico. "O ginásio da Unicamp se transformou em uma grande sala de aula sobre o Brasil".

ENCONTRO
 ENCONTRO

A terra e a história

Fotos: Neldo Cantanti



Baldez, jurista: "MST está cumprindo as leis"



Leonilde: "Concentração de terras é secular"



Umbelino: "A terra não pode ser mercadoria"

A terra é uma das questões centrais da sociedade brasileira, uma vez que ela deixa de ser utilizada para a produção de alimentos e se transforma em reserva de valor e patrimonial, servindo inclusive como garantia ao sistema financeiro em ocasiões de empréstimo ou financiamento buscado pelo proprietário. A realidade assustadora do campo é apontada pelos indicadores do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Os 27 maiores proprietários do país ocupam, hoje, área igual à do Estado de São Paulo; se ampliarmos o leque para os 300 maiores, devemos juntar ao território paulista o Estado do Paraná. Mesmo com o intenso êxodo urbano ocorrido décadas atrás, vivem atualmente em áreas rurais 32 milhões de pessoas, na maioria camponeses retirantes e assalariados. Apesar da dificuldade de acesso ao crédito, os médios e pequenos agricultores têm sido os principais produtores de alimentos no país.

O professor da USP Ariovaldo Umbelino, ao falar no I ENU sobre "A Terra e a História", avaliou que a realidade do campo brasileiro tem impulsionado o MST a se consolidar como movimento capaz de ameaçar a propriedade privada e, por isso, o governo Fernando Henrique se empenha em "destruí-lo". Já é momento, salienta, de a terra perder seu caráter de mercadoria e de inverter as regalias dos grandes proprietários, cuja única obrigação é pagar o Imposto Territorial Rural (ITR) que, ainda assim, não é quitado em boa parte.

Círculo de poder – No Brasil, a luta pela posse da terra relaciona-se com o processo secular de concentração fundiária, que vem desde a concessão das sesmarias durante a colonização. "Nem sempre a terra era utilizada, mas era apropriada até onde o sesmeiro pudesse fincar seus marcos de poder", lembra a professora Leonilde de Medeiros, da Universidade Rural do Rio de Janeiro. O círculo de poder em relação à terra impedia também que

mestiços e bastardos tivessem direito à propriedade. Mais tarde, para tornar os colonos ainda mais subservientes, os latifundiários criaram o sistema de hierarquia pelo qual o bom colono tinha acesso à terra.

Presente nos 500 anos de história do país, a concentração de terras foi ao longo do tempo objeto de inúmeras mobilizações contestatórias. Os quilombos, Canudos e as Ligas Camponesas de Francisco Julião foram exemplos de luta das forças políticas nesse sentido. Bandeira da qual o regime militar se apropriou ao criar o Estatuto da Terra. Se esse estatuto, por um lado gerou condições de desapropriação, por outro levou não ao desenvolvimento, mas o desenvolvimento tecnológico ao campo e, com isso, intensificou a urbanização, aumentando os conflitos no meio rural e na cidade. Esta foi a combinação fundamental para que a luta pela terra fosse retomada pelos camponeses.

Braços da repressão – A construção jurídica brasileira em torno da terra gera uma cerca abstrata, pela qual os juízes podem ser vistos como braços do Estado na repressão, assim como a polícia e os jagunços. É a avaliação do jurista Miguel Baldez, para quem, em tempos de neoliberalismo, a luta no campo não é contra o latifúndio e sim contra o capital. Baldez concedeu a palestra "A Terra e o Direito". Crítico das regras da questão fundiária presentes na Constituição, ele adverte que, enquanto o MST estiver ocupando terras improdutivas, o movimento estará cumprindo o que determinam as leis.

Numa outra linha de raciocínio, a institucionalidade não pode ser ignorada, na opinião do professor José Carlos Garcia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sendo assim, cabe ao MST aproveitar-se das brechas e construir o movimento. "O momento da globalização é também o da criminalização dos movimentos sociais. A burguesia também globaliza a repressão", observa.

A terra e a economia

Ostentando o posto de país com uma das piores distribuições de renda do mundo e um índice de subemprego em torno de 25% da sua força de trabalho, o Brasil caminha para consolidar-se como sub-nação. A extrema dependência internacional e a forma com que a propriedade foi instituída desde o início de sua história são algumas das causas para este quadro. "Metade da riqueza passa pelo Estado e, por isso, as ações políticas são centrais na discussão de um Brasil menos dependente e socialmente justo", afirmou o professor Francisco de Oliveira (foto abaixo), da USP, na palestra "A Terra e a Economia".

Para o professor, a reforma agrária é necessidade urgente em um país onde 80% das exportações – que sustentam os supérfluos e o pagamento da dívida externa – provêm da agricultura e da pecuária e são dominadas pelo *agribusiness*. A terra, defende Oliveira, é o elemento central que estrutura uma sociedade. Impedir a transformação do Brasil em sub-nação, a seu ver, dependerá de uma nova estrutura de distribuição da terra. "Somente a reforma agrária pode levar a produção para as grandes massas brasileiras", acredita.

Plínio de Arruda Sampaio Júnior, professor da Unicamp, afirma que a pobreza e a exclusão a que são submetidos milhões de brasileiros foi opção feita pela elite e não pelo povo. A desigualdade, considera o economista, impede o Brasil de ser verdadeiramente uma nação. "Vivemos em um país onde os salários estão entre os menores do mundo. Isso impede o consumo e torna sua economia de segunda categoria", denuncia Sampaio Jr. avalia que, para que um Brasil novo possa ser construído, é necessário vencer os interesses dos que bloqueiam o acesso à terra. Os inimigos dessa conquista seriam todos os que vivem da superexploração do trabalho e estão comprometidos com a modernização do consumo, que exige exclusão. "O país passa esses tempos sob o jugo do neoliberalismo, por um processo de redenção colonial, ou seja, estamos voltando a ser colônia", afirma. Por isso, finaliza o professor, o grande desafio de quem luta por mudanças é construir uma correlação capaz de derrotar as oligarquias.

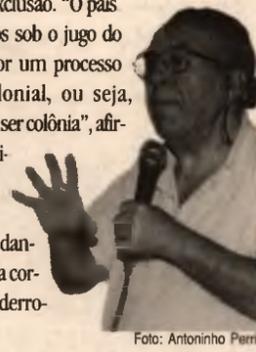


Foto: Antoninho Perri

A terra e a mídia

A construção de uma imprensa verdadeiramente popular é uma das tarefas dos que querem um novo projeto para o Brasil. Em defesa desta idéia, o jornalista Raimundo Pereira, da revista *Reportagem*, discutiu na palestra "A Terra e a Mídia" o processo de satanização ao qual o MST vem sendo submetido pela mídia dominada pelos grandes grupos. "Para defender seus interesses, a burguesia consegue mentir, ainda que contando verdades", argumenta.

Pereira reforça que, a serviço do neoliberalismo, a mídia trai o que um dia ela representou. "Desde a aprovação da primeira grande lei de liberdade de imprensa e do aparecimento dos jornais populares, a

partir de 1919, quando as massas passaram a se movimentar, a imprensa dilui a perspectiva histórica dos fatos e consegue gerar a desinformação", acusa.

Para exemplificar, o jornalista cita os fatos ligados ao ataque contra o World Trade Center, em setembro passado, e a consequente resposta em forma de toneladas de bombas sobre o Afeganistão. "Apresentando esses fatos como "guerra ao terror", a mídia deixa de informar que o inimigo atual dos norte-americanos, o Taleban, foi financiado com dinheiro dos EUA, país que jogou duas bombas atômicas sobre o Japão e o agente laranja sobre o Vietnã".

Dentro da lógica do capitalismo reproduzida

pelas emissoras de tevê, algumas das grandes questões são pasteurizadas e transformadas em ficção. Um exemplo lembrado pelo jornalista José Arbex, da revista *Caros Amigos*, deu-se logo após o massacre de Eldorado dos Carajás, com a apresentação, pela *Rede Globo*, da novela "O Rei do Gado". "E, coincidentemente, logo depois do ataque ao WTC, a emissora leva ao ar "O Clone", que se propõe a mostrar o Islã, levando muitas pessoas a acreditar que conhecem esses assuntos pelo que viram na tevê", comenta Arbex. Para ele, ao mostrar a luta dos trabalhadores rurais pela terra como desordem, a mídia produz o "apagamento" histórico desta batalha, que não é nova. "O MST nasceu

500 anos atrás", destaca.

Entrelaçamento – Se no campo da mídia o neoliberalismo se empenha em satanizar a luta dos trabalhadores, a cultura ditada pelas regras dos grandes interesses passa a estar ligada ao consumo. Para reverter esta situação, o novo projeto para o Brasil deve propor o entrelaçamento da cultura de massas, da cultura erudita ligada às universidades e do autodidatismo cultural. A tese foi defendida pela professora Dilma Melo, da USP, durante a palestra "A Terra e a Cultura".

A utilização da cultura como resistência ao poder dominante é também uma das formas de enfrentá-lo. Por compactuar com esta idéia, o dramaturgo Augusto Boal está repassando aos camponeses do MST as técnicas do Teatro do Oprimido, que revolucionou as artes na década de 60 e, a partir da visão política dos fatos, se propôs a levar cultura para o povo. Boal entende que a concretização de um Brasil socialmente mais justo passará pela solidariedade entre as pessoas na construção de um grande projeto popular. "O ato de transformar é transformador. Belos pensamentos têm de ser transformados em atos", ensina.

Foto: Antoninho Perri

Foto: Neldo Cantanti

Foto: Neldo Cantanti

Foto: Neldo Cantanti



Arbex: fatos reais e a novela da TV



Dilma: pelo autodidatismo cultural



Boal: belos pensamentos em atos



Pereira: mídia gera desinformação

Pesquisa inédita sobre o suicídio reitera importância de aprimorar programas de prevenção



Blanca e seu orientador, Neury Botega: homem comum é o foco

CARLOS LEMES PEREIRA

calberto@reitoria.unicamp.br

A convulsão bélica na qual o mundo mergulha neste momento cabe na medida para uma retomada das reflexões sobre as clássicas pulsões de vida e morte que ainda fundamentam boa parte das ciências da mente.

Por que eles querem se matar?

E quando se tem à mão a possibilidade de uma abordagem "ao arrepio" da complexidade do viver humano, o resultado pode ser muito instigante. É o que oferece a tese de doutorado *Proposta psicológica de uma entrevista semi-estruturada para autópsia em casos de suicídio (ESAP)*, defendida na Unicamp pela psicóloga clínica Blanca Susana Guevara Werlang, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Mesmo se não acabasse por se encaixar no atroz pano de fundo dos atentados terroristas que estão prestes a desembocar na primeira guerra mundial do século 21, o estudo de Blanca, já por si, encontraria ressonância junto às mais intensas inquietações da modernidade. Afinal, décadas atrás, o escritor argelino Albert Camus pontuou: "O suicídio é a grande questão filosófica de nosso tempo".

De fato. A realidade que embasou a pesquisadora não foi o fanatismo político-religioso que impulsionou aviões seqüestrados contra as torres gêmeas do World Trade Center e o Pentágono. Até porque os acontecimentos de 11 de setembro precederam sua pesquisa. Mas, principalmente, porque seu foco é o chamado "homem comum". Que, longe de vislumbrar qualquer glória no ato de se ma-

tar, muitas vezes termina por fazê-lo, numa frequência que situa o suicídio entre as dez principais causas de morte no mundo para indivíduos de todas as idades. E, agravando, entre a segunda ou terceira para a faixa etária de 15 a 35 anos. "Portanto, estamos nos referindo a um grave problema de saúde pública", frisa Blanca, que acredita no potencial da pesquisa como base instrumental para o desenvolvimento de programas de prevenção.

Principalmente no Brasil, ressalta: "Entre nós, o suicídio ainda é uma questão pouco abordada e refletida". Isso, não obstante serem bem evidentes o que ela classifica de "coeficientes", que, na sua avaliação, "demonstram que a situação é crítica, pelo menos em certas localidades, e que o comportamento suicida é um episódio sério, que exige não só atenção especial, mas também uma metodologia de investigação mais efetiva". Se ainda é embrionária no Brasil – e dependente de pioneirismos acadêmicos como o de Blanca –, nos EUA, por exemplo, a autópsia psicológica é uma técnica que começou a ser desenvolvida já na década de 1950.

Além do clichê – Não que, a par disso, um número significativo de estratégias não tenha sido aperfeiçoado para abordar o problema. "Mas continuamos com dificuldades de compreender as características pessoais dos sujeitos que realmente cometem suicídio, por não serem passíveis nem de avaliação direta, nem de tratamento de qualquer espécie", observa a psicóloga. "Assim, é difícil prever quais deles, potencialmente suicidas, vão transformar suas fantasias e/ou ideações em atos concretos". Ela acrescenta barreiras de ordem metodológicas para a determinação do "modo de morte", de forma a diferenciar, com segurança, as que realmente advêm de suicídio das que têm outra origem.

Afinal, ao contrário do que mitifica uma certa classe popularesca de romance, cinema e novelas de TV, não é sempre que o "investigador psicológico" vai encontrar, providencialmente, na cena de um suicídio, o manjado bilhete iniciado pelo clichê "A quem interessar possa...". Por isso, antes de começar a trilhar sua pesquisa, Blanca se debruçou na literatura médica internacional e se convenceu: "São efetivas as chances de se chegar à constatação do suicídio mediante exames retrospectivos. Trata-se de uma avaliação capaz de sinalizar pistas diretas ou indiretas acerca de um determinado comportamento letal que estava por atingir o seu ápice". Em resumo: compreende-se, com razoável grau de certeza, o que ela chama de "aspectos psicológicos de uma morte específica".

E como mapear com segurança tais pistas, se o investigado em si já está morto? "Recolhe-se, via entrevistas, informações de diferentes pessoas que conheciam a vítima – a começar pelo cônjuge, depois parentes, recorrendo também a amigos, colegas de trabalho ou de estudo e até a simples conhecidos. Reconstitui-se o estilo de vida do falecido, elaborando-se, assim, uma história clínica a mais completa possível", responde a psicóloga.

Como foi feito o estudo

Para sua tese, Blanca selecionou 21 casos de morte notificados como suicídio em organismos policiais e de medicina legal da Região Metropolitana de Porto Alegre. Uma empreitada que exigiu fôlego para ser deslançada, lembra a pesquisadora: "A partir dos registros de morte por suicídio de 399 casos na Grande Porto Alegre, foi possível examinar e registrar dados de mais de uma centena de inquiridos, entre agosto de 1998 a janeiro do ano passado".

No transcorrer, houve o afunilamento. "Para avaliar a aplicabilidade do instrumento, fechamos uma amostra de 42 sujeitos, que, de alguma forma, se associavam com os 21 casos". Esse contingente – tecnicamente denominado de "informante" – possibilitou 25 entrevistas, que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. "A seleção atendeu a critérios tanto de inclusão quanto de exclusão", explica a psicóloga.

No primeiro caso, valorizou-se o próprio registro da morte

como suicídio; a existência de dados de identificação (incluindo certificação do último endereço de parentes, amigos, conhecidos etc.); a possibilidade de acesso a dois informantes sobre cada caso – ou até apenas um, quando era o único possível, desde que não apresentasse contradições com os dados periciais; e o consentimento formal em participar do levantamento. Os critérios de exclusão foram: último endereço dos informantes estar fora da área urbana da Grande Porto Alegre; o fato de a língua falada não ser o português, ou qualquer impedimento de comunicação adequada; a não localização do informante até 30 semanas após a morte da vítima, e a impossibilidade de ser entrevistado até 32 semanas depois do episódio.

Pontos chaves – Por mais que a literatura consultada por Blanca salientasse a importância clínica para a autópsia psicológica, ela constatou que os

autores não conseguiam indicar estratégias definidas. "Há disponibilidade tão somente de sugestões de áreas ou tópicos de investigação", afirma. Daí, a necessidade do estabelecimento de quatro "pontos chaves", como ela nomeou: precipitadores e/ou estressores, motivação, letalidade e intencionalidade.

"São o que cientificamente se define como *constructos*, ou seja, os pilares teóricos subjacentes à estratégia de autópsia psicológica", explica a pesquisadora. "A exploração de todos eles é fundamental. Mas, sem dúvida, a ESAP está baseada – ou enfocada – no elemento que falta: a intenção da vítima em relação à sua própria morte. Portanto, entendendo o suicídio como um ato de se matar intencionalmente, e a ESAP como uma forma de avaliar, após a morte, o que estava, antes dela, na mente da pessoa, se torna imperioso identificar como o sujeito planejou, preparou e objetivou sua própria morte".

HISTÓRIA
 HISTÓRIA

Foto: Antoninho Perri



Tecnológico (CNPq) ao presidente do órgão, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, expressava a preocupação “de que a crise instalada na Unicamp possa afetar de maneira irreparável o desenvolvimento de pesquisas realizadas pela instituição”. A intervenção ganhara repercussão nacional e era manchete dos principais jornais e revistas do país.

A reação

Embora muitos professores tentassem, não havia clima para aulas. Aqueles dias seriam de intensa mobilização – assembléias, debates, passeatas – e

consulta à comunidade para a escolha dos nomes da lista sêxtupla. A imprensa relatou “as batalhas de palavras e as barricadas física e moral nas unidades atingidas”. Professores, estudantes e servidores avaliavam o movimento e discutiam a crise nos institutos e faculdades.

Os estudantes organizaram passeatas e assembléias diante da Reitoria, no Restaurante Universitário e no Ciclo Básico. O número de participantes era avaliado em milhares pelos jornais. O movimento se estendeu por Campinas em pelo menos três grandes manifestações. Uma passeata como não se via desde os anos 60, na Avenida Francisco Glicério, foi recebida com chuva de papéis picados pela

Foto: Arquivo Siarq



Interventor Frederico Pimentel enfrenta a fúria dos estudantes no dia de sua posse: repulsa ao ato de Maluf

população. Dois outros protestos – “A Noite em Defesa da Universidade” no Teatro Castro Mendes, promovido pela Comissão de Justiça e Paz, e outro no Paço Municipal – tiveram a presença das principais lideranças políticas e sindicais do país.

Na segunda-feira, 19 de outubro, que se seguiu à demissão dos diretores e líderes dos servidores, o dia no campus amanheceu sob chuva intermitente, o que não impediu a realização de várias assembléias setoriais. Na maior delas, de três a quatro mil pessoas ocuparam as dependências do Ciclo Básico e decidiram decretar o “estado permanente de mobilização”. A reivindicação única: readmissão de todos os exonerados pelo reitor.

Os funcionários aprovaram o reinício da greve suspensa na semana anterior. As atividades acadêmicas foram interrompidas pelos estudantes e os professores optaram pelo fortalecimento do Comando de Resistência. Organizaram-se mutirões por todo o campus. Um grupo de estudantes fez funcionar os restaurantes universitários.

No encerramento da assembléia no Ciclo Básico, o filósofo e escritor Rubem Alves narrou a “Fábula da Institucionalização”. Eis um resumo: “Os urubus becados pela natureza desejavam ser cantores e instituíram um concurso para distribuir entre si títulos de cantor – com o fim expresso de expurgar os sabiás, os canários e os pintassilgos, que ousavam cantar sem concurso. Cantar sem a titulação devida era um desrespeito à ordem. E os urubus em uníssono expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...”.

Os interventores

No dia 22 de outubro, quando os interventores chegavam para a posse, o fotógrafo Fábio Yamashita congelou uma imagem de repulsa: a foto mostra a chegada do interventor Frederico Pimentel em direção ao Instituto de Matemática, de terno e gravata e segurando uma pasta 007; ele caminha apressado à frente da turba enfurecida que grita palavras de ordem contra a sua presença.

Outros episódios descambaram para o patético e hilário. O odontólogo Eduardo Daruge, ao assumir a Faculdade de Educação, encontrou a porta fechada; confuso, contornou o prédio e pulou uma mureta, quando percebeu que tinha caído no meio de uma assembléia de alunos. Na Filosofia, o biólogo aposentado Paulo de Toledo Artigas, recepcionado por 500 estudantes, enfrentou um corredor polonês, tendo de passar por um tapete de moedas e romper uma faixa com a frase “autonomia universitária”.

Os interventores não chegaram a exercer de fato as funções que lhes foram determinadas. Sob pressão, renunciaram aos cargos e a maior parte dos diretores exonerados acabou reintegrada por liminar da Justiça, no final de 1981 e início de 82. Porém, a lista sêxtupla votada pela comunidade, com o educador Paulo Freire como favorito, nem chegou a ser apresentada ao governador. O movimento de resistência perdeu forças e a administração aguardou o momento mais oportuno para dar novos rumos à crise.

No dia 19 de fevereiro, o reitor Plínio Alves de Moraes convocou o Conselho Diretor, reformulado, para a elaboração da lista sêxtupla oficial a ser submetida ao governador. Numa tensa reunião extraordinária convocada em período de férias escolares, às vésperas do Carnaval, a escolha recaiu sobre o ex-diretor da Faculdade de Ciências Médicas José Aristodemo Pinotti.

O professor Eduardo Chaves declarou seu voto de protesto “pela maneira arbitrária com que foi conduzida a reunião”. Os representantes dos docentes e discentes fizeram coro, apontando o processo eleitoral como irregular. “Não podemos deixar de sentir repulsa e vergonha por vermos uma comunidade do saber ser espoliada de seu direito e de sua dignidade – quer dizer de sua autonomia”, finaliza a declaração de voto dos representantes dos docentes.

O nome de Pinotti, tido como ponto de equilíbrio entre as forças internas e externas que dominavam a situação, foi escolhido pelo governador Paulo Maluf no dia seguinte. A posse no teatro do Centro de Convivência, em 19 de abril, deu-se sob intensa vaia dos estudantes. Uma semana depois o novo reitor baixaria portaria anulando oficialmente a intervenção.

ALIMENTOS
ALIMENTOS

Para tocar corações

II Semana da Alimentação procura mobilizar universitários no combate à fome



Foto: Diário Crispim

Crianças da Amic: Campinas não registra casos graves de desnutrição



Foto: Neldo Cantanti

Gláucia fala durante evento: falta fazer o alimento chegar aos que precisam



Foto: Antoninho Perri

Sampaio Jr.: processo de mudança inevitável

Comida e inteligência

A desnutrição tem pouca influência no aprendizado e no desenvolvimento mental, segundo os médicos Roberto Teixeira Mendes e Antonio Barros Filho, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. O funcionamento do cérebro ainda é um mistério para os pesquisadores, mas sabe-se que em determinada época da vida o ser humano elimina bilhões de neurônios em função da seletividade de informações. "As pesquisas não revelam relação entre a dificuldade de aprendizado e a falta de nutrientes. O que se sabe é que a pessoa mal alimentada tem pouca disposição para qualquer atividade", destaca Teixeira, também pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários. Teixeira Mendes explica que a capacidade de aprender e o desenvolvimento intelectual estão mais relacionados com outros fatores, como a educação, o exercício do raciocínio, a experiência, o hábito da leitura e o convívio social, do que com nutrientes. Outro dado importante é que o indivíduo mais culto, com maior conteúdo de conhecimento, demora mais para ficar senil e perder seus neurônios. "É como se aquela pessoa com muito mais neurônios e sinapses demorasse mais para perder a grande quantidade de informações que assimilou", compara.

Mas surgem informações animadoras: a desnutrição no Brasil diminuiu significativamente nas últimas três décadas. "Há mais de 15 anos que não há registro de um caso de desnutrição grave em Campinas", garante Antonio Barros Filho. "O acesso mais fácil aos alimentos não significa que as pessoas sobrevivam de uma maneira digna", ressalva Teixeira. Tais pessoas estariam incluídas no contingente de 47 mil indigentes estimados em Campinas: são aqueles que sobrevivem de forma humilhante para um ser humano.

CARLOS TIDEI

ctidei@reitoria.unicamp.br

O panorama é aterrador: dos estimados 6 bilhões de habitantes do mundo, cerca de 1 bilhão passam fome; 1,2 bilhão vivem com menos de um dólar por dia; 2 bilhões não têm acesso a água potável; e 1 bilhão sofrem de anemia. As estatísticas sobre pessoas que morrem de fome por ano são conflitantes: variam de 9 milhões (*The Hungry Site*) a 30 milhões (*Geopolítica da Fome*), dependendo do organismo que fez o levantamento. Segundo a ONU, 8 milhões de crianças falecem por ano porque não têm o que comer.

A média de mortalidade por falta de alimentação equivale a nove World Trade Center por dia, ou 36 mil pessoas, para fazer uma comparação com a maior tragédia da atualidade – as estimativas vão de 24 mil a 82 mil óbitos diários. Os números são frios. Não revelam o sofrimento desta parte da humanidade condenada a perecer sem a mais básica das necessidades.

No Brasil estima-se que morram por ano 123 mil crianças com até um ano de idade, pela fome ou em decorrência da falta de amparo, segundo dados da Fundação Abrinq. Temos 50 milhões de indigentes, de acordo com pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) – a estimativa mais modesta conta 14 milhões de miseráveis. Os números divergem em decorrência dos critérios para classificação da pobreza, tais como renda e consumo diário de caloria, que varia de 2.000 a 2.300k/cal. Em Campinas, dos 970 mil habitantes, 47 mil são indigentes.

Os dados acima foram apresentados na abertura da II Semana da Alimentação, promovida pela Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp, como alerta aos participantes sobre o quanto ainda precisa ser feito para equacionar o problema da fome no mundo. A contribuição dos engenheiros de alimentos é justamente a aplicação da tecnologia e conhecimentos acadêmicos em processos de processamento e reaproveitamento de alimentos, além do balanceamento da dieta e orientação de hábitos alimentares saudáveis.

"Muito do problema da fome no Brasil de hoje não está na falta de alimento, mas na falta de o alimento chegar em boas condições para a população, além da questão econômica", resume Gláucia Maria Pastore, diretora da FEA. Segundo ela, o país apresenta características peculiares em relação a outros onde inexistem alimentos por escassez de terra ou devido a condições climáticas adversas. Mas, de qualquer forma, o Brasil ainda tem fome. Os debates da Semana de Alimentação foram direcionados para propostas sociais contra a fome, com informações que, se não contribuem para o aprimoramento científico dos estudantes, serão essenciais para nortear suas vidas profissionais.

Atitude prática – Maria Izabel Rodrigues, pesquisadora de alimentos em áreas acadêmicas específicas (como a biotecnologia) e que pouco têm a ver com ações comunitárias, foi quem organizou o evento, inspirada em seu trabalho voluntário na Associação Amigos das Crianças (Amic). Bel, como é chamada pelos colegas professores e pelos alunos, é conhecida também como "verdureira" por moradores de condomínios de luxo, onde vende cestas de verduras para angariar fundos que são revertidos em cestas básicas, distribuídas a milhares de famílias de bairros pobres de Campinas. "Disse aos alunos que estava trazendo o S.O.S Fome para a Universidade a fim de mobilizá-los em torno de uma atitude mais prática em relação à alimentação da população. Os estudantes estavam muito alheios a esta realidade cruel, como se vivessem num mundo à parte", justifica.

A experiência de Maria Isabel, em seis anos de campanhas de arrecadação de alimentos, revela que há uma forte resistência do empresariado e dos políticos em colaborar. Se os pedidos são para construção de prédios ou outras obras que apareçam, a receptividade é maior. Atualmente as empresas estão mais atentas para a questão da responsabilidade social, mas ainda falta muito. "É importante que a necessidade da população toque os corações, que as pessoas reservem um pouco de seu tempo para ajudar o próximo", acredita.

Revolução silenciosa

Para o professor Plínio de Arruda Sampaio Júnior, do Instituto de Economia (IE) da Unicamp, a fome no Brasil tem causa e efeitos estruturais. "Estamos num processo de reversão colonial de conseqüências terríveis. O plano de estabilização econômica segue a cartilha do FMI e atende aos interesses da globalização e de multinacionais, o que desmonta a indústria brasileira, quebra os mecanismos de integração social e destrói a identidade nacional. A sociedade brasileira é autoritária e seu apodrecimento levará à barbárie. Estamos próximos de uma revolução", previne Sampaio. Ele acrescenta que o processo de mudança sempre é traumático e, mesmo que demore 50 anos, inevitável.

Como exemplo da revolução silenciosa que está ocorrendo, o professor cita a própria universidade, onde as entradas possuem guaritas e todas as salas têm grades. "Parece um quartel e não uma universidade", destaca. Outro sinalizador da revolução é o Movimento Sem Terra, que simboliza atualmente a organização das massas contra o poder econômico. "Eles descobriram que não basta lutar por terra, querem é mudar o modelo brasileiro", afirma.

Segundo Sampaio Jr., o que resolve o problema da fome é a implantação de políticas sociais. Mas adverte que o Estado não deve cumprir o papel das entidades filantrópicas, e sim eliminar os problemas estruturais para que essas entidades atuem em campo mais fértil que o da simples distribuição de comida. "A fome é causada pela exclusão social. Não vamos enfrentar o problema sem rupturas. Assim como não é possível fazer omelete sem quebrar o ovo, não existe parto sem dor. A causa fundamental é a dependência do capital internacional", reforça. Sobre o papel dos intelectuais nesta mudança, que segundo ele será feita pelo povo, cita Padre Vieira: "Quem dá direção ao barco é a vela. O povo é o vento e o intelectual, a vela".

ALIMENTOS
 ALIMENTOS

A outra vida de artista

Foto: Dário Crispim



Educandário Francisco Xavier oferece aulas...

O que é a Amic

A Associação Amigos das Crianças (Amic) distribui alimentos para aproximadamente 9.000 famílias carentes cadastradas de 123 bairros de Campinas. No último domingo de todo mês, quatro ônibus cedidos por empresários saem do Mercado Municipal, às 6 horas da manhã, transportando pessoas informadas sobre a distribuição de alimentos. Passam por outros bairros recolhendo famílias para levar ao Monte Cristo, onde à meia-noite do sábado a fila já dá volta no quarteirão em que se localiza a entidade. Muitos vão a pé. A distribuição de cestas básicas é seguida de show com artistas e crianças.

A demanda cresceu tanto que a Amic criou uma "cesta-socorro" para seis mil famílias: é uma versão reduzida da cesta básica, capaz de abastecer os necessitados por apenas alguns dias, para amenizar o excesso de demanda.

Caminhões transportam 15 toneladas de arroz por mês, 4,5 toneladas de feijão, além de macarrão, fubá e outros itens. Na "Casa da Sopa", uma cozinha industrial instalada provisoriamente no Parque Oziel, há distribuição de sopa e alimentos prontos toda quinta e domingo. No Village, bairro de área rural próximo a Barão Geraldo, onde funciona o Educandário Francisco Cândido Xavier, além da sopa, 160 crianças da região recebem atendimento integral, com alimentação e atividades como música, dança e teatro. A idéia é instalar uma unidade no Monte Cristo, mas ainda falta verba.

Existe um projeto de ampliação da cozinha do Oziel, prevendo também a instalação de padaria e restaurante, mas que dependia de recursos que não foram arrecadados. A possibilidade atualmente oferecida é de construir ali uma escola municipal, onde a cozinha faria parte da unidade de ensino. "A cozinha deve produzir alimentos para a merenda e também o sopão para a população. Poderemos, ainda, treinar os próprios alunos da escola para processar alimentos e difundir noções de higiene com material didático", explica Hilary Menezes, diretora associada da FEA. O pessoal da Engenharia Civil da Unicamp também está engajado no projeto, visando a adequação física do local para as novas atividades.

Foto: Neildo Cantanti



A cantora Ana Ariel e o ator Caio Blat: dificuldades para promover ações em favor dos pobres

O ator Caio Blat e a cantora lírica Ana Ariel formam um casal de jovens artistas engajados em campanhas comunitárias. Mas consolidar o objetivo de promover ações em favor dos pobres, como se fez por meio da Associação Amigos das Crianças (Amic), não é tarefa fácil. "Trabalhávamos em Barão Geraldo (distrito de Campinas) e decidimos estender a atividade para outros locais. Quando mudamos para o Vida Nova, uma das pessoas que nos receberam foi assassinada e, depois de dois, três anos tivemos de sair também. Fomos para o Campo Belo, perto do Aeroporto, onde alertaram que era muito perigoso para a gente se instalar lá, inclusive politicamente. Fomos então para o Monte Cristo, onde conseguimos autorização para instalar o programa", conta Ana Ariel, sofredamente, como se o tempo fosse reduzido para relatar tanta experiência nos seus apenas 19 anos de idade.

Quando cantou pela primeira vez no Vida Nova, Ana tinha treze anos e reuniu um público de trinta mil pessoas. Como forma de aproximação com essa população, o repertório continha músicas de cunho religioso. "Nós fizemos um voto de consciência, de que neste momento existem milhares de pessoas morrendo de fome e não adianta ficar parado. Usamos o universalismo das religiões para chegar até o povo. Tem espíritas, católicos e protestantes. Quando chega o Natal, um pastor fala aos evangélicos, o padre Mariacchi aos católicos e minha mãe (Eliana Luís dos Santos, presidente da Amic) que é espírita, também faz uso da palavra. É um ato ecumênico", resume a cantora. "De princípios cristãos básicos", acrescenta Caio Blat, de 21 anos, marido de Ana Ariel.

Caio Blat informa que, apenas com perfumes, os norte-americanos gastam US\$ 12 bilhões por ano, o suficiente para erradicar a fome no continente, e os europeus, o suficiente para saciar os famintos do planeta. "Se cada um fizer um gesto cristão básico, mínimo, de dar o que sobra, o que lhe é supérfluo, pode combater a fome. O Betinho dizia que isso não é um sonho impossível e que não basta indignação, é preciso ação", prega o protagonista da novela "Um anjo caiu do céu".

Boca-a-boca – Para Ana, o que funciona para a arrecadação de recursos é o "boca-a-boca", pedindo a adesão das pessoas individualmente, até que se forme uma pirâmide de solidariedade. "Eu não tenho dinheiro, mas tenho boca. Então peço a cinco pessoas que arrumem cinco reais, essas cinco vão pedir para outras cinco e assim multiplicamos as doações", simplifica. O grupo vende cestas de verduras, rifas, pizzas, a fim de adquirir as cestas básicas que são distribuídas à população carente. "Fizemos broches e brincos com as nossas alianças e rifamos. Uma aliança se transforma em quinze mil reais em arroz", detalha.

O fato de serem figuras públicas ajuda no trabalho de conscientização junto a empresas e artistas. "Conseguimos fechar uma campanha com a Texaco para doação de um centavo por litro de gasolina vendido, que será destinado a quatro entidades, entre elas a Amic", informa Caio. Em uma reunião recente no Ministério Público do Estado perguntaram ao casal se nos shows eles liam os direitos democráticos dos favelados. "Respondi que não consigo ler sequer os direitos nutricionais e alimentícios deles. Como eles vão saber o que é direito democrático se não sabem nem o que é comer?", questiona Ana, indignada.

Caio Blat atua em campanhas sociais desde os 9 anos de idade. Ana começou a ensinar música para crianças do Educandário do Village aos 13 anos. Também têm uma ONG contra o aborto e ainda promovem outras campanhas, contra as drogas, a violência e pelos direitos de presidiários.

Foto: Dário Crispim



... e atividades com música, dança e teatro

Novo pensamento empresarial

Na parábola, o passarinho tenta apagar um incêndio de grandes proporções na floresta jogando pingos de água. Questionado se seu esforço vale a pena, retruca que está fazendo a sua parte. A maioria das entidades assistenciais sente-se assim, como uma gota no oceano, além do mais contra a corrente, para viabilizar boas intenções.

Mudar a essência do pensamento empresarial é o principal objetivo de um movimento denominado EDC (Economia de Comunhão), que já agrega 80 empresas no Brasil e 800 no mundo. A idéia é promover a participação integral dos funcionários na empresa – sistemas de produção, atividades, objetivos e lucros – e também em iniciativas sociais. "As empresas promovem ações sociais para fora, não para dentro. A administração deve ser vista como algo vivo e não como uma máquina. A soma das partes de uma máquina é um todo, mas a soma das partes de um ser vivo é mais que isso", filosofa o engenheiro Rodolfo Leiboltz, diretor da Femaq, uma metalúrgica de Piracicaba.

Desde o início das mudanças na empresa, a produtividade pulou de 30 toneladas/homem ao ano para 90 toneladas, enquanto a média brasileira é de 25 a 35 e a mundial alcança 70 toneladas. O faturamento passou de US\$ 35 mil para US\$ 100 mil por mês. "Todos diziam que íamos quebrar a cara, mas os números estão aí para provar que a administração participativa é possível", comemora.

Segundo Leiboltz, a iniciativa privada investe em ações sociais quando vislumbra um retorno de marketing ou outras vantagens financeiras e não há um compromisso com resultados. Grandes empresas são mais resistentes a mudanças que as pequenas, pela própria estrutura de organização e hierarquia. Diante dessa realidade, ele resolveu criar uma sociedade anônima denominada Espri, que reuniu 3.600 sócios e investimentos iniciais modestos que somaram um capital de R\$ 2 milhões. A Espri construiu um pólo industrial em Perus que hoje possui seis pequenas empresas, com aproximadamente 100 empregados cada, todas com fórmulas genuínas de administração. Esta sociedade anônima presta ajuda atualmente a 10 mil necessitados.

HISTÓRIA
 HISTÓRIA

Para que não se esqueça

A Unicamp, então com década e meia de existência, ainda vivia sua fase adolescente de descobertas, de efervescência precoce no ensino e na pesquisa científica, e um levantamento divulgado pela revista *Veja* já a colocava em primeiro lugar entre as universidades brasileiras. Seus pesquisadores ganhavam renome e a instituição se consolidava como um dos núcleos científicos de maior importância do Brasil. No Centro de Computação, por meio do poderoso computador DEC-10, crianças aprendiam a raciocinar em termos de “educação do futuro” – era o Projeto Logo, baseado nos conceitos de Jean Piaget. Pequenos aprendizes, que a exemplo da instituição viviam momentos importantes e transitórios.

Mas o que realmente marcou as gerações na época foi a mão pesada do governador do Estado de São Paulo, nomeado pelo regime militar. Paulo Salim Maluf, ao determinar a intervenção na Unicamp, produziu a mais grave crise já experimentada pela instituição e abortou a primeira tentativa de eleição direta na história de uma universidade pública brasileira.

Naquele período a sociedade já respirava os ares da abertura política. A anistia trouxe de volta intelectuais e políticos do exílio – a longa palestra proferida pelo educador Paulo Freire na Unicamp foi memorável. A abertura também permitiu o desmonte da estrutura partidária, então polarizada entre os que eram contra e os a favor da ditadura. Pediam-se eleições diretas. A palavra de ordem reverberava em variados setores de atividade e não seria diferente na comunidade acadêmica.

Mesmo que as manobras do governador tivessem conteúdo aparentemente institucional, era notório o embate ideológico provocado pela arbitrariedade imposta à Unicamp. O objetivo era afastar os setores progressistas do centro de poder na Universidade.

A crise

A morte de seu fundador, em fevereiro de 1981, teria marcado o início da crise na Unicamp, segundo algumas análises da época. Zeferino Vaz funcionava como uma força moral ainda capaz de apaziguar os ânimos e compensar as lacunas institucionais – a Universidade possuía um estatuto emprestado da USP, que não mais correspondia à realidade de sua evolução interna.

O professor Eduardo Chaves, em “As crises da Unicamp na gestão do atual reitor”, localizou a origem da crise no momento em que o reitor Plínio Alves de Moraes “estabelece o quadro de atribuições igualitárias para os coordenadores gerais (atuais pró-reitores) em detrimento da margem de atuação do coordenador geral da Universidade, Paulo Gomes Romeo”. O coordenador era identificado como homem de confiança de Maluf na Reitoria e possível candidato à sucessão do reitor.

A intervenção

Portaria publicada no *Diário Oficial do Estado*,

É importante, 20 anos depois, relembrar a intervenção do governo Maluf na Unicamp

Ao lado, passeata histórica na avenida central de Campinas, recebida com papel picado pela população. À direita, assembleia histórica no Ciclo Básico.



Foto: Antoninho Perri

que circulou no sábado de 17 de outubro, confirmava as evidências veiculadas na imprensa da cidade ao longo da semana. O ato assinado pelo reitor Plínio Alves de Moraes, dois dias antes das eleições diretas que indicariam o próximo reitor, exonerou oito dos principais diretores de faculdades e institutos da Unicamp e também 14 diretores da Associação dos Servidores da Universidade de Campinas (Assuc), incluindo o presidente Clóvis Garcia.

Interessava ao governador nomear homens de seu grupo político, entre eles o secretário de Educação do Estado, Luiz Ferreira Martins, que também desejava o cargo de reitor. Confirmavam-se as suspeitas do físico Rogério César Cerqueira Leite, que denunciara à imprensa o objetivo de colocar o secretário como interventor. E o ambiente no campus já era de clara intervenção. Martins de fato tomou posse no Conselho Diretor, com os demais representantes do governo Maluf, e apoiado por um pelotão de choque da Polícia Militar de prontidão no Distrito de Barão Geraldo. Em foto publicada com destaque nos jornais, ele aparece deixando o prédio da Reitoria, no dia 22 de outubro, debaixo de vaias e gritos de repulsa de centenas de estudantes.

A manobra política havia sido deflagrada no sábado anterior, dia 10, por meio de outro ato administrativo, publicado no *Diário Oficial*. Seis representantes do Conselho Diretor foram substituídos por malufistas do Conselho Estadual de Educação. O poder de veto do governador nas duas maiores instâncias de decisão passou a ser total.

O endurecimento do processo surpreendeu e abalou a comunidade. O economista e atual ministro da Educação, Paulo Renato Costa Souza, na época presidente da Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp), classificou o ato como intervenção branca. A realização de eleições para compor a lista sêxtupla de reitoráveis, segundo ele, seria a melhor resposta à interferência de Paulo Maluf. O efeito da consulta, no entanto, significou uma vitória moral, mas sem resultados práticos.

A nota de repúdio do DCE e da Adunicamp divulgada à imprensa denunciava os objetivos do governador: interromper o calendário para a escolha democrática do futuro reitor, comprometer o processo de abertura da Reitoria e cessar as negociações com os funcionários em greve.

A crise ameaçava não só as eleições diretas, mas também as pesquisas científicas em desenvolvimento na Universidade. Um plano de nacionalização da microeletrônica, com a instalação do pólo industrial e de pesquisa de novas tecnologias, ficara comprometido. As manchetes dos jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo*, em 18 de outubro, anunciavam a intervenção e o alerta do físico José Ellis Riper.

Num comunicado à Secretaria Especial de Informática em Brasília, Riper denunciava a impossibilidade da implantação do Pólo de Microeletrônica em Campinas por conta da intervenção do Estado. Dias depois, um outro documento, subscrito pelos cinco Comitês Assesores do Conselho Nacional de Desenvolvimento

rior, a Unicamp reu-
 es do Vestibular/2001.
 m exame de seleção,
 publica quatro delas,
 máxima nos formatos
 iva e carta, e que po-
 ecer parâmetros para
 candidatos. As reda-
 escolhidas pela Co-
 manente para os Ves-
 Comvest), que optou
 nplar os alunos vin-
 le pública de ensino.
 estão na íntegra,
 te sem revisão.

Ilustração: Félix



Carta

PAULO BEARZOTI FILHO*

Cárdenas, outubro do ano 2000

Bom dia, Elián!

(Desculpe-me se não for dia. Mas, na idéia que faço do momento em que você estiver lendo essa carta, o sol brilha, intenso, numa límpida manhã em Cárdenas ou Havana.)

Será que estou vivo? Estou a seu lado? Somos amigos? Você me ama e é cubano? Ou de novo se atirou ao mar da busca que não cessa e cerra fileiras com os aflitos e ansiosos que não têm casa?

De qualquer modo eu o amo. Aqui, quando escrevo, e aí, quando você lê, eu o amo.

Essa certeza tenho, e a de que agi com correção nos tristes episódios que nos envolveram e nos fizeram comentados em todo o mundo. Mas não posso ter certeza de como você sentiu tudo. Por isso lhe escrevo. Para que o moço de 21 anos leia o que não pôde ouvir o mesmo de seis.

Elián, você deveria ter ficado nos Estados Unidos? Quando você sorria com os parentes, em Miami, era sincero? Quando me viu e ficou retraído, quando gritou de horror, no armário, em braços refugiados, ante a arma do policial estadunidense — eram estes índices de que você não queria voltar para Cuba?

Aos seis anos, você, Elián, já havia vivido o que a maioria de nós não viverá nunca. Fugiu em um barco precário, embalado por ondas perigosas e pela fantasia de sua mãe, viu todos morrerem e — metáfora cubana — salvou-se sobreviveu, com coragem e força, contra todas as probabilidades.

Depois, a CNN, a justiça, Fidel Castro, a comunidade cubana de Miami, o modo americano de vida, os jogadores de beisebol, todos se voltando para Elián, não mais um nome próprio, um Gonzáles, mas um signo que o transcendia.

Tudo isso deve tê-lo amadurecido. E como!

Mas para mim, Elián, nada disso o fez tomar-se um adulto. E talvez somente eu tenha sido capaz de entender essa verdade tão simples.

Eu acredito na Revolução, Elián. Acredito em meu povo e em meu país. Acredito que se é feliz no Terceiro Mundo, que nosso modo de vida é belo, porque é simples e autêntico. Aprecio a cor azul-safira do mar que nos banha a costa. Emociono-me com as aves e os filhotes de gato. Levanto o rosto quando caem os primeiros pingos das chuvas de verão. Mas, acima de tudo, Elián, acima das ideologias e das decisões que tomei sobre minha vida, eu acredito que um menino precisa de seu pai.

Na televisão, em Miami, naqueles terríveis dias que tanto custaram a passar, o jornalista me inquiriu se a vida que você levaria nos EUA, com dinheiro e eletrodomésticos, não seria melhor que em Cuba. Respondi-lhe que em Cuba não havia crimes, que as crianças não matavam colegas e professores na escola. Isso dizia o espírito. O coração, porém, cantava doce rumba cubana, tirava longas baforadas dos charutos que em Miami se proíbe.

O homem vive em casa. Somente aí ele é são. É gente e não coisa. Respira ar e não ideologia. Fora de casa andamos loucos, surrados pelo incompreensível. Em casa, na família e na aldeia, sabemos que o ar e as plantas, o mar e a lua, as canções e os beijos, as fugas e as voltas, o naufrágio e o salvamento existem porque nós existimos, pois se fazem da mesma matéria que nós, pois de nós se fazem.

E é por isso, meu filho, que lutei para tê-lo para tê-lo comigo.

Bom dia, Elián! O sol se abre grandioso e a manhã é límpida em Cárdenas e Havana.

Seu pai,

J. M. G.

*Paulo Bearzoti Filho, de Curitiba (PR), candidatou-se a Linguística

Narrativa

Seja feita a tua vontade

CÁSSIO H. D. C. LORATO*

Ah! Vocês sim, meus anjos, vocês podem saber a pior ou melhor história da minha vida. Para vocês, eu posso confessar o meu maior pecado, que nem é um pecado meu. Sim, saibam o que é o amor que não se importa com barreiras, o amor que não teve, o amor que morre para renascer e renasce sem ter morrido, tornando-se eterno. Vocês também vão saber, meus santos, de tudo que até hoje não pude contar e, por invejar, chorei tantas vezes...

Chovia muito aquela noite. Eu estava para fechar a igreja, quando um ensofado e transtornado homem estendeu a mão pedindo ajuda. Era ele. Sim, o meu velho coroinha, o rapaz que ensinei a ser homem, o filho que não pude ter. O mesmo que um dia abandonou-me em troca de um novo Deus. Deusa, aliás. Ah! Ela era linda. Como a Virgem Maria. E ele se apaixonou. Lembro-me do seu desespero me pedindo conselhos. Lembro-me de quando os surpreendi na sacristia. Lembro-me do seu casamento, de quando combinaram o amor eterno. Lembro-me do parto. Lembro-me de quando ele chorava para que Deus salvasse sua amada. Lembro-me da criança. E da rejeição que o pai sentia. Era a mãe que ele amava e mais nada. Mas... o que ele queria agora? E por que chorava tanto? Então ele resolveu se confessar.

Contou-me tudo. Do começo da sua paixão (coisas que eu não sonhava em saber!) até este fatídico momento. Contou do seu pacto de amor até a morte. Quem morresse não iria sozinho. Contou do parto, quando ela quase morreu. Desabou quando disse que odiava sua filha, mas que ao mesmo tempo era tudo para ele. Era tudo, pois sua esposa já era parte dele, uma simbiose na alma. Mas agora tudo estava acabando de novo. Gritava, desesperado, queria saber onde estava Deus. O Deus que sempre foi seu companheiro e que ele jamais abandonara. Ela tinha câncer. Ela iria morrer. Estava de novo na linha crucial, jogada numa cama. Ele sentia-se mutilado. Ela iria morrer. Ela queria morrer. Mas, e nossa filha? gritava. Como vai ficar? Eu preciso ir junto dela, mas e nossa filha? Chorava e me abraçava. Até que ponto vai o amor? Sim, Deus, onde você está? Eu não sabia o que fazer. Ofereci-me para educá-la como eduquei a ele. Não, pai! Não! Ela vai junto com nós dois! Padre, Deus vai me perdoar, pois, se ele inventou o amor, que colha agora o resultado. Disse e saiu correndo.

Fui atrás tentando impedir esta loucura. Criei um monstro ou um anjo? Cheguei. Como era linda a criança. Lá no hospital, pobrezinha. Mas, agora, ela iria morrer. Seria justo uma morte sem sentido? Mas, por outro lado, o sentido dessa morte era o mais justo que eu já vira. Perguntei sobre sua mãe. Não respondeu. O pai chegou. Não tinha mais escolha. Sua virgem acabara de morrer. Deus, num instante, ruiu aos pés de um de seus fantoches mais bem feitos. E agora? Ele dizia que tudo estava acabado. Ele e sua filha iriam embarcar. Assim, os três, formando uma Sacratíssima Trindade, veriam aquele que fora o mentor de tudo. Fariam com que as manhãs não fossem tão cinzas e que o amor fosse eterno como eles. Do alto e puro céu, guardariam aqueles que se aventurassem. Os três, os dois, a criança, os três. Era agora. Mas não permiti, peguei a sua filha e fugi. Ele, impassível, não reagiu. Estava mutilado. Foi ao quarto, beijou sua alma, já fria. E dormiu.

Um mês se passou do enterro. A menina nada falava. Meu filho desaparecera. Até que um dia chegou. Calmo. Sereno. Acabado. Sorriu para a filha. Abraçou-a. Abraçou-me. Pegou na mão dela e foi até o altar. Lá, atravessou a última barreira que o impedia de ser um anjo. Ajoelhou-se e, com um punhal na mão, deitou sua filha sobre o mármore. Deu o último beijo. O último abraço. O último soluço. A filha disse: "Papai, eu amo você, e amo a maníe também!" O punhal rasgou o peito da imaculada. "Eu também, filha, perdão!" respondeu. E eu ali, vendo tudo e nada fazendo. O sangue tingiu a palidez da capela. O céu pareceu se abrir. Desceu uma linda mulher com uma menina no colo. Meu filho olhou. Olhou para mim. Para Cristo na cruz. Para o corpo de sua filha. "Seja feita a Tua vontade!" E caiu. Passou da mediocridade amorosa, a fronteira do amor comum e fez o Amor Sublime. O sol mais lindo que Deus ousou fazer nasceu sondou a igreja.

Ah! anjos e santos, saibam como me sinto por ter sido parte desta história. Quem dera eu pudesse amar assim... Transgredir as regras, tentar ser Deus, sem esquecer a Deus, e reinventar a vida! É por isso que toda hora o sino badala mais três vezes. Pelo Pai, Filho e Espírito Santo. Pelo Amor, pela Superação, pela Vida. Por ele, ela, pelos dois. Por aquela criança. Quem me dera ter um amor assim... Ah! meus amigos, nesta vida, só nesta, resta uma coisa: "Seja feita apenas a Tua vontade, meu Deus!"

*Cássio Henrique Dyna Correa Lorato, de Sorocaba (SP), candidatou-se a História

Dissertação

O desafio da última fronteira

IVAN NICOLAU FALSETTI*

O sistemático avanço do conhecimento humano no século XX, principalmente na área de tecnologia, trouxe, como resultado concreto, a eliminação das fronteiras que diretamente interferiam nos processos de aquisição e de utilização dessas novas técnicas. Eliminar fronteiras significou garantir ao poder econômico o máximo em meios de produção, além de garantir enormes mercados consumidores. A conseqüência mais evidente foi, porém, o crescimento das desigualdades sociais e o acirramento de velhas disputas étnicas culturais, muitas vezes dentro de um mesmo país, ele próprio fruto dessa montagem de interesses econômicos. Essas desigualdades e disputas se mostram, às portas do século XXI, expressas nas barbáries que se observam, principalmente, no mundo "civilizado", com elevado padrão tecnológico.

A barbárie, mais do que se referir às atrocidades cometidas por grupos sociais ao longo da história, remete a um ponto difícil: expor o que foge às regras determinadas por um grupo social frente a modelos não conhecidos. Conhecer novos modelos de organização social faz o homem questionar suas raízes, reafirmar valores, ou colocar em dúvida modelos tidos até então como inabaláveis, mas que se mostram na realidade injustos. Se amplia horizontes, fortalece dúvidas, expondo a fragilidade de conceitos muitas vezes veiculados com o objetivo explícito de manter, por parte dos grupos dominantes, um status quo político, social e econômico.

Hoje, a tecnologia gerada pela força econômica interfere em padrões culturais dos mais diversos países, para que a classe dirigente deles,

"maravilhada" pelas possibilidades de uso dessa tecnologia, sinta-se inserida no mundo globalizado, "evoluído". No caso do Brasil, as elites e os governos, atentos ao "maravilhoso" mundo globalizado, repetem o mesmo modelo social e econômico que durante séculos fez, da maioria dos brasileiros, excluídos. É tradição negar ao povo participação nas "conquistas" sociais e econômicas. Mesmo porque elas seriam inviáveis, como modelo, se no povo fosse pensado.

A atual queda de fronteiras tomou um rumo pretendido: facilitar o crescimento do poder econômico tecnológico, o que não era possível com a ordem econômica e política herdada da época do motor a vapor e do uso da eletricidade convencional. Não houve, e não há, interesse em eliminar fronteiras que afastam os grupos sociais que detêm essa tecnologia dos grupos sociais que estão excluídos deste mercado tecnológico, como consumidores, mas que permanecem como mão-de-obra baratíssima para sustentá-lo.

Conversar por e-mail dentro de casas ou de escritórios em zonas físicas privilegiadas, cercadas de outros confortos tecnológicos, pode fazer o homem não enxergar a realidade social à sua volta. E o que não é visto pode não existir, e pode não ser pensado, porque não é sentido. É preciso que esse sentir seja reavivado. Se o homem julga pelo que conhece e toma por modelo, deve conhecer todas as realidades possíveis, e senti-las, antes de julgar.

Não há padrão para um novo modelo social no século XXI, mas há premissas básicas para que essa fronteira de identidades culturais e étnicas comece a ser vencida: a tolerância às diferenças sociais e culturais e o respeito à dignidade do ser humano. E ambos não são produtos tecnológicos.

***Ivan Nicolau Falsetti, de Mogi Guaçu (SP), candidatou-se a Medicina**

Narrativa

Um corpo que vaga

PATRICIA FRANCISCA MAGRI*

As tardes nunca mais foram tão amarelas e claras como aquela... sem dúvida foi um daqueles dias em que a natureza intervém para torná-lo ainda mais vivo e forte. Sinto minhas entranhas arderem de um frio que cala o silêncio das minhas noites, cada vez que invade minha mente o amarelo enegrecido daquela tarde.

Estávamos, Alberta e eu, já felizes por termos passado imunes pelo congestionamento habitual da Paulista, o qual sempre nos rouba nossas filhas, pobrezinhas, sempre tão agitadas: inglês, natação, roupas e brinquedos novos; fosse, talvez, o dia de chegarmos a tempo para dizer-lhes: "Boa noite". Alberta acelerou, mas pude ver em seus olhos o brilho daquela felicidade se acinzentando de azuis, pretos, brancos metálicos lentamente se unindo, colorindo o horizonte numa triste e silenciosa vista do pôr-do-sol. O carro parou e também nós paramos... – Aposto que é um cachorro atropelado. – Foi esta a frase com que Alberta anunciou o final daquele brilho em seus olhos.

Fechar os vidros, travar as portas... Soltei a gravata enquanto Alberta mordida os cantos da boca... Odiava vê-la assim, deformava o rosto, mas ela não parou até que percebeu algo movendo as latas de lixo na calçada, fingiu não ter visto... Mas eu sabia que aquela visão a invadia, a vasculhada, adentrava teimosamente seu mundo... Arrancou até umas gotas de suor de sua fronte, as quais rapidamente enxugou – Fechou os vidros? Travou as portas? – As perguntas eram a prova da minha suspeita, ela estava sendo invadida pelo lixo. E ele continuava, impiedoso, movia-se, revirava-se, comia-se... – Será um cachorro? – Eu não respondi, as luzes do motel em frente revelaram e escondiam, piscando, a realidade – lixo, homem, lixo, homem, lixo. – Alberta quase sorria ao se apagarem as luzes, eu também as preferia apagadas, assim não me corroíam os vermes, nem os da morte, nem os da desigualdade, porque o lixo é morte, é podridão, e Alberta sabia disso, devia sentir dilacerar-lhe a alma a proximidade com aquela carne podre, carne como a sua que trazia muito limpa e cheirosa ... cada minuto que passava presa

ali – pois estávamos presos nós três, por motivos e mundos diferentes, mas todos diante da mesma passividade e do mesmo tão comum individualismo dos seres humanos viventes em sociedade. É um paradoxo, é, pois, humano. – Torturava-lhe mais e mais a incapacidade de fazer algo por aquela coisa que tão semelhante, e por isso afrontante, lhe parecia.

Independentemente da sua decisão, o lixo continuava: gemia-se, revirava-se... Afrontava-nos o modo como vencia a morte tirando dela sua vida a cada dia... Fazia nos sentirmos imundos, a cada mordida a cada engolida daquilo de que Alberta e eu só aprendemos a fugir. Uma lágrima escapou dos seus olhos agora tristes... Era o anúncio do seu fracasso, da sua decisão, a ação lhe pareceu correta, "albertamente" correta... Ela não faria nada. – Eu sabia, imagine, que um dia estava eu sujo de terra, pois havia jogado futebol e ela passou por mim, na rua, fingindo não me reconhecer. – O lixo não sabia, mas pôs à prova a parte mais dura, a essência de Alberta, criada entre jóias e perfumes franceses... Não podia, o que diria sua mãe se a visse convidando um mendigo para o jantar? O que diria seu pai? Suas tias? Lutou a vida toda para se esquecer de que um dia ia apodrecer e chamou isso de viver bem. Como ia, agora, poder se aproximar de alguém que podia tirar vida daquilo que ela sempre chamou de morte? As fronteiras eram claras para ela!

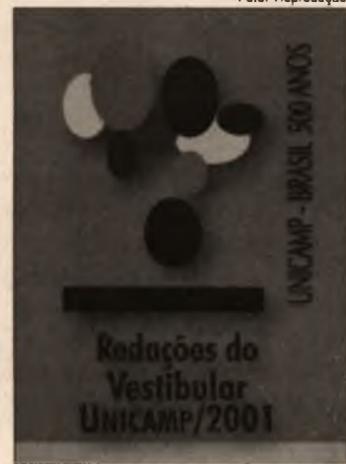
"Ser ou não ser?" E Alberta não foi! Manteve sua alma enjaulada onde achou melhor a sociedade. Na verdade, quando o carro finalmente acelerou e o lixo foi ficando pequeno no retrovisor, senti pena, não do lixo, mas de Alberta que é uma pobre alma trancada dentro de um corpo que a mata um pouco por dia... Mais uma roupa que a esconde, mais um perfume que a sufoca, mais uma atitude mesquinha, ela já não tem força para simplesmente ser. Talvez já não seja nada, e por isso tantas jóias, tantos perfumes capazes de esconder o mal cheiro de alguém que apodrece ainda em vida.

Não pude nunca esquecer-me daquele dia, sei que Alberta também não se esquece, pois o lixo que ficava na cozinha foi mudado para o quintal, onde permaneceu longe de suas vistas. Novamente sacrificou sua alma em nome de sua "casca".

***Patrícia Francisca Magri, de Americana (SP), candidatou-se a medicina**

A exemplo do ano
 niu em livro 30 re
 Às vésperas de m
 o Jornal da Unica
 que receberam n
 de dissertação, n
 derão
 os no
 ções f
 missã
 tibula
 por co
 dos d
 Os te
 logica

Foto: Reprodução



Unicamp tem a melhor pós do país

Avaliação da Capes coloca os cursos oferecidos pela Universidade em primeiro lugar na média nacional

WANDA JORGE
wandajor@zipmail.com.br

Boas novas para a Unicamp chegaram com o relatório da última avaliação da Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) dos cursos de pós-graduação. Na média brasileira, a Universidade obteve a melhor performance, com 17 deles, entre mestrado e doutorado, elevando-se a níveis de excelência. Além disso, nenhum de seus 62 programas foi reprovado. Este cenário deve estimular ainda mais o crescimento do número de alunos que, em dez anos, saltou de 5.048 para 8.799 nos cursos de pós-graduação oferecidos pela Universidade. Foi no doutorado que o aumento foi mais acentuado: em 1991 eram 1.907 inscritos, chegando a 4.328 no ano passado. Cerca de 65% dos alunos da pós-graduação são originários do Estado de São Paulo; pouco mais de 30% vêm de outros Estados. O restante é composto de estrangeiros, principalmente da América do Sul.

O mestrado em Odontologia, cujo conceito subiu de 4 para 5 no triênio (1998/1999/2000) analisado pela Capes, foi o primeiro a se estruturar na Unicamp em 1962, no campus de Piracicaba, quando a unidade ainda era um instituto isolado de Ensino Superior do Estado de São Paulo. Em junho de 1969, foi a vez da Faculdade de Engenharia de Alimentos iniciar seu mestrado em Tecnologia de Alimentos e Ciência de Alimentos. Os conceitos obtidos no relatório da Capes, divulgado agora em setembro, colocaram a Unicamp na frente de suas congêneres, atingindo o conceito médio de 4,77, seguida pelas universidades federais de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e pela USP, entre os concorrentes mais próximos (*veja tabela nesta página*).

O pró-reitor de Pós-Graduação, José Cláudio Geromel, comemora o resultado, salientando que 11 cursos entraram com pedido de reavaliação dos conceitos, visando uma elevação da nota. Ele reconhece, porém, que algumas medidas urgentes precisam ser adotadas frente à redução do número de professores e aumento de vagas e teses. "A Unicamp tem 35 anos de vida e é natural que um determinado número de professores em tempo para se aposentar o façam. E é também um fato que a Universidade, por conta das restrições orçamentárias, venha tendo dificuldade em repor seu corpo docente e em possibilitar a abertura de concursos para o preenchimento de vagas docentes". Geromel salienta que este é um problema que envolve toda a universidade, mas alguns setores estão em situação mais crítica do que outros, devido ao número de cursos que oferecem.

Aposentadorias

"A questão das aposentadorias atinge todas as unidades, e urge, portanto, tentar resolver a questão para viabilizar a contratação de novos docentes através de um orçamento que seja, de fato, saudável e permita, inclusive, uma renovação dos quadros". O processo de aposentadoria começou com mais



José Cláudio Geromel (acima), pró-reitor de Pós-Graduação, e laboratório da Unicamp (ao lado): Universidade obteve melhor performance, com 17 cursos elevando-se a níveis de excelência



Fotos: Antoninho Perri

intensidade nos últimos dez anos. Geromel contabiliza que, em 1989, o impacto dos aposentados era de 2% na folha de pagamentos da universidade; hoje é de 18%.

O pró-reitor acrescenta que muitos professores que poderiam aposentar-se não o fizeram. "E muitos dos que se aposentaram aqui permanecem como professores pesquisadores voluntários, o que é extremamente importante para todo o sistema universitário". Esse professor não recebe honorários adicionais, embora continue fazendo pesquisa, orientando alunos e até ministrando aulas. "Tal participação é importante e estratégica para a universidade, já que sua experiência é fundamental. É um trabalho de voluntariado que deve ter pleno reconhecimento da instituição, oferecendo, em contrapartida, infra-estrutura para que ele possa continuar sua atuação".

Desde a origem

A Universidade Estadual de Campinas foi implantada pelo fundador e primeiro reitor, Zeferino Vaz, com o seguinte objetivo: criar uma instituição de excelência. "Neste momento, estamos consolidando este processo e colhendo frutos do empenho e do desempenho extremamente importantes na área de pós dos professores e dos alunos, com algumas melhorias administrativas que permitiram que o sistema tivesse visibilidade e tornasse mais simples a atuação acadêmica. Hoje em dia, a pós-graduação em termos de decisão é totalmente descentralizada e com autonomia, como tem que ser mesmo, pois quem sabe melhor atuar dentro de suas características específicas é cada unidade de ensino e pesquisa", diz Geromel. Segundo o pró-reitor, a comissão central de pós é um órgão que analisa isto e tenta ter uma experiência mais abrangente dentro da universidade, deixando o espaço para que as ações das unidades sejam realizadas.

Em seu estudo dos conceitos Capes, Geromel concluiu que todos os índices apontam para o melhor: o primeiro lugar no Brasil e evolução das médias gerais. Além dos ajustes que cada

unidade fará de acordo com seu posicionamento no ranking de seus pares, duas das ações na pós merecem destaque:

■ **Período escolar não é mais fixo** - pode ter disciplinas de 7,5 ou 15 semanas, por decisão de cada unidade. Isso permite maior maleabilidade para que o aluno e o professor façam viagens, participem de congressos ou cumpram atividades de aprimoramento extra-classe.

■ **Projeto para acelerar a entrada no mestrado** - aprovado recentemente por unanimidade pela CCGP - em que alunos de graduação, antes de terminarem o ciclo, já poderão começar a ter atividades de pós. Isto acelerou o processo sob o aspecto administrativo, mas o principal objetivo é atrair os melhores alunos já identificados nos processos da graduação como a iniciação científica.

Outras universidades ainda não adotam este sistema, diz Geromel, que depende da aprovação final do Conselho Universitário. Mas a intenção é que seja implementado a partir do primeiro semestre de 2002. Além de atrair os melhores alunos da graduação, o que é um ganho de qualidade para a pós devido à qualificação destes estudantes, o tempo de titulação diminui, o que melhora o desempenho do sistema, aumentando bolsas e recursos.

O mestrado é uma etapa fundamental e a pós-graduação do Brasil é a melhor dos países em desenvolvimento, garante Geromel. Este contato já na iniciação científica ensina um programa de mestrado como desdobramento da pesquisa iniciada na graduação. Institucionaliza e incentiva uma prática que de certa forma já ocorre. Este aluno está mais bem capacitado a entrar no programa de mestrado e contribui naturalmente para o seu melhor desempenho. "As vagas na pós são crescentes, mas queremos uma logística interna para capturar os melhores alunos da própria universidade. Eles se submeterão às regras de ingresso como todos os outros", conclui.

Hoje a média é de 6 alunos por professor, operando quase no limite máximo. As novas vagas vão abrir um espaço por conta da rapidez de titulação. O sistema todo vai orientar mais e publicar mais. A Unicamp, segundo Geromel, está dando uma resposta firme a todos aqueles que a estão procurando sempre. Porém, dentro do mais estrito vínculo de manter excelência acadêmica: todos os índices estão indicando esta melhora. O gargalo, porém, é que o aumento do número de alunos ocorre com maior rapidez e vigor que o aumento de bolsas disponíveis. "Nos interessa que o aluno faça a pós em tempo integral e as agências de fomento devem entender este cenário específico e singular da Unicamp", alerta o pró-reitor.

Cada unidade vai decidir como e se implanta este programa, pois é garantida sua autonomia acadêmica. "A Unicamp tem um comportamento corretíssimo com sua política de alunos especiais. É quase uma mensagem - 'experimentem nossa pós-graduação' - e nosso objetivo é que estes alunos se transformem um dia em regulares".

Cada vez mais a iniciativa privada tem que investir nas universidades, criar parcerias e reconhecer a importância da formação de pós-graduação nos setores de ponta. "Todos têm que participar na Educação. Não há um aluno formado na Unicamp, em mestrado, que vá fazer doutorado, que não verifique que sua formação ocorreu de forma sólida e em pé de igualdade com qualquer outro centro universitário no exterior", atesta Geromel.

Distribuição dos Conceitos - CAPES

	1	2	3	4	5	6	7	Número de Programas	Conceito Médio
UNICAMP	0	0	7	19	22	9	5	62	4,77
UFMG	0	4	3	18	22	5	4	56	4,59
UFRGS	0	1	8	17	26	3	4	59	4,58
USP	1	4	31	66	74	19	17	212	4,57
UFRJ	1	5	15	24	23	15	4	87	4,43
UNB	1	2	10	17	9	4	2	45	4,13
UFPE	0	3	10	18	13	2	1	47	4,09
UFSC	0	0	13	13	7	3	1	37	4,08
UNESP	1	3	27	39	25	1	0	96	3,91
UFC	0	0	9	16	6	0	0	31	3,90
UFPR	1	0	11	17	7	1	0	37	3,86
UFBA	0	2	13	9	8	0	0	32	3,72
UFPB	0	5	11	12	6	1	0	35	3,63
UFF	2	4	16	12	6	0	1	41	3,49

•1- Alguns conceitos poderão ser alterados através de pedidos de reconsideração a serem examinados pelo CTC / CAPES.
•2- Foram consideradas as universidades com maior número de programas oferecidos.

Um pólo de atração

Foto: Antoninho Perri

Os alunos sempre buscam as universidades de maior excelência acadêmica. Além de obter conceito A em todos os seus cursos de graduação que foram avaliados pelo Provão, as notas obtidas pelos programas de pós da Unicamp têm gerado um esforço sistemático para o aumento do número de vagas a fim de atender a demanda. "Atrair bons alunos de pós significa que, quando eles aqui chegam, multiplica a capacidade de pesquisa que é indissociável destes cursos", considera o professor.

De 1997 para 2000, a Unicamp teve um acréscimo de 1.360 alunos regulares na pós-graduação, o que representa 18% de aumento. Se incluir também os alunos especiais, esta conta chega a mais 2.400, ou seja, um crescimento de 25% no período. Alunos especiais são aqueles que freqüentam disciplinas isoladas e se capacitam antes de tentar o ingresso regular, com a vantagem que todos os trabalhos que fizerem antes de entrarem oficialmente na pós serão validados nos respectivos históricos escolares. "A tendência de aumento continua em 2001", atesta Geromel.

Grande vitrine

Como oferece uma gama muito grande de cursos, espera-se que os alunos procurem a Unicamp de forma generalizada, mas, muito provavelmente, os cursos que obtêm maior conceito e proporcionam melhor visibilidade e maior poder de captação de recursos, devem exercer maior atração. Nos cursos de menor conceito, a disposição é de aprimoramento e ajuste nas debilidades apontadas pelos Comitês Avaliadores da Capes. Ao contrário do que aconteceu na avaliação anterior, referente ao biênio 96/97, nenhum curso foi reprovado agora, com conceitos 1 e 2; em contrapartida, aumentou o número de cursos com conceito de excelência -6 ou 7- para doutorado e 5 para mestrado, que é o máximo nesta categoria. "O que significa melhor desempenho nacional com 27% de seus cursos na categoria de excelência", comemora Geromel.

A orientação da pró-reitoria para os cursos que receberam conceito mais baixos (3 e 4) é que a excelência acadêmica deve ser buscada. Assim, cada instituto deve analisar o que está acontecendo com seus programas dentro das perspectivas da área a que pertence. Alguns ajustes, porém, talvez extrapolem a atuação da universidade, já que a baixa avaliação em algumas áreas foi generalizada na maioria das outras instituições. Neste ano, em particular, praticamente todos os cursos que tiveram conceito 3 estão na área biológica. Entretanto, há fortes indícios de que a avaliação que foi feita nesta área possa ter sido severa em demasia e com problemas na definição adequada dos critérios adotados.

"Como é uma situação presente em todas as universidades brasileiras, esta discussão é importante de ser feita no âmbito da comissão de pós-graduação, seja para analisar os critérios adotados ou para, numa etapa posterior, os cursos que tiveram esta avaliação façam um estudo crítico a respeito". Geromel acrescenta que será importante ouvir as áreas biológicas sobre o assunto - o que só não foi feito porque o processo de avaliação da Capes ainda não terminou. Na Unicamp, por exemplo, 11 cursos pediram reavaliação dos conceitos e entraram com pedido de reconsideração.

Definição de critérios

Os critérios são definidos pelos comitês assessores de cada área e podem ser muito diferentes, mas é importante que seja assim, destaca o pró-reitor. "A Universidade é um mosaico de situações, não é homogênea e nem deveria ser mesmo. Portanto, cada comitê de área composto por pares analisa a sua especificidade e estabelece critérios. Depois, os cursos que recebem 6 e 7 são analisados, numa etapa seguinte, por comitês internacionais".

No caso da fragilidade apontada nos programas de biológicas,

a impressão que se tem, e que vai ser discutida com os coordenadores da área, é a de que os cursos não pecam. "É uma área muito importante, e como existe uma média geral menor que as outras, não dá para descartar que talvez os critérios adotados não tenham conseguido capturar a realidade desta área no Brasil. É preciso fazer uma análise nesta direção. A demanda para ingresso é extremamente alta, de onde se conclui que a qualidade dos alunos e também dos professores seja muito boa".

Além disso, é uma área que recebe quantidade de recursos apreciável. Portanto, esta quantidade de cursos com avaliação ruim, com a média baixa, leva a uma análise a posteriori dos critérios adotados para torná-los transparentes e precisos. Geromel salienta que se o setor for comparado ao conceito médio com as outras áreas da própria Unicamp, está em desvantagem, mas se for comparada com as outras universidades que oferecem os mesmos cursos, tem o melhor desempenho nacional.

"Certamente na área médica existe grande contingente de alunos e professores na linha de frente do dia a dia, com impacto social fantástico; por outro lado, existe pesquisa extremamente acadêmica cujo principal objetivo são as publicações científicas de alto valor. Olhar com a mesma intensidade aqueles que estão na linha de frente do dia a dia como alguém que precisa publicar com o mesmo rigor que o outro do *metier* de publicação, não parece critério razoável. Isto não quer dizer que ambos não tenham excelência; o que significa é que o parâmetro de medida deva ser ajustado", pondera Geromel.

Vagas em expansão

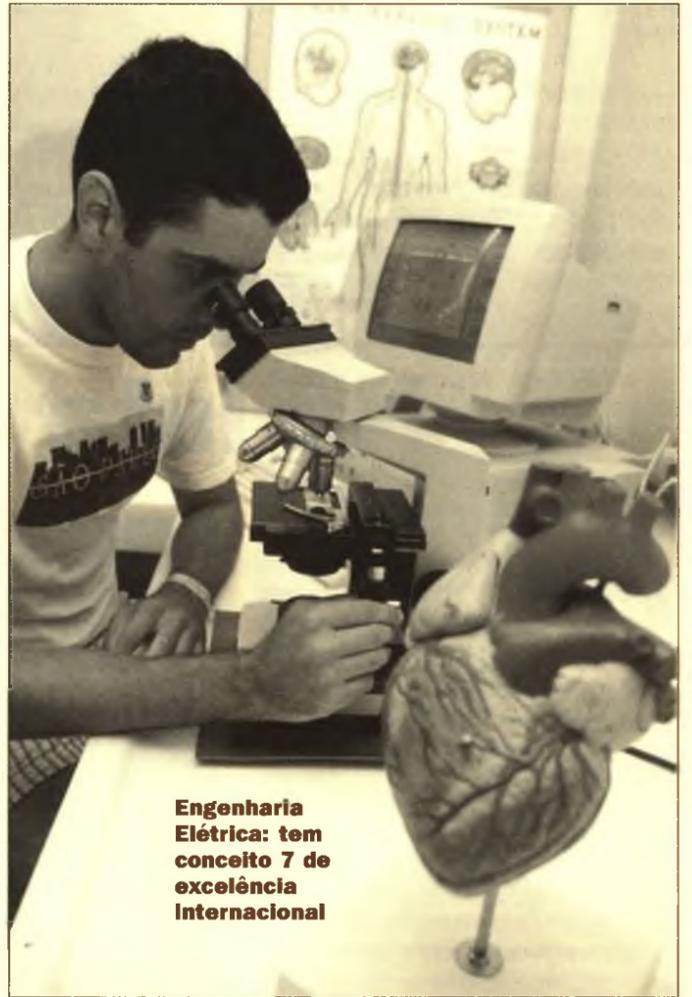
O número de vagas na pós é bastante dinâmico, e tem sido aumentado de forma substancial nos últimos anos. Como pesquisa e pós constituem uma fórmula indissociável, é importante que a equipe se mantenha e também tenha renovações. Como consequência lógica da obtenção de melhores conceitos, a unidade também passa a receber mais recursos e mais bolsas. Para que esta equação funcione nos padrões exigidos pela Unicamp, é fundamental que o tempo de titulação dos alunos diminua para que aumente a injeção de novos recursos de bolsa.

A Unicamp opera com certa vantagem neste processo, de acordo com o sistema de bolsas Capes, que leva em conta o desempenho acadêmico de cada curso. Já o CNPq, cuja distribuição de bolsas tem como um dos parâmetros o critério regional, faz com que a Unicamp seja prejudicada neste processo de destinação de recursos que, na opinião de Geromel, deveria se pautar pela excelência dos cursos. O pró-reitor reconhece que é louvável buscar eliminar as defasagens educacionais do país com a distribuição de bolsas, mas ressalta, "que deveria existir uma linha dedicada a este objetivo, pois não é razoável fazer com que todas as universidades disputem bolsas sob este critério".

Outro aspecto destacado por Geromel é a absoluta necessidade de que além de receber a bolsa, o aluno tenha recursos mínimos para desenvolver seu trabalho com apoio adicional à sua estrita manutenção. São as chamadas reservas técnicas - existentes na Fapesp - ou verba de bancada - na Capes. Já no CNPq não existe este financiamento adicional, destinado para livros, materiais de laboratório, seminários, viagens, entre outras necessidades.

Atenuando diferenças regionais

O fenômeno específico de São Paulo é que as agências financiadoras federais reduziram sua participação nos últimos anos, sob o argumento de que a Fapesp tem coberto com eficiência



Engenharia Elétrica: tem conceito 7 de excelência Internacional

a demanda. Na opinião dos coordenadores da pós, não é justo que o cumprimento correto da lei de aplicação estadual de imposto em benefício da pesquisa acadêmica seja punido.

Geromel reforça que o critério justo é a disputa por excelência e que a inserção dos que estão fora dos principais centros deva ser feita através de linhas específicas com este objetivo. Nesta direção, a Unicamp já trabalha, de certa forma, com algumas experiências como a de Clínica Médica, na Universidade Federal do Piauí, Educação Física na Universidade Federal de Goiás ou de História com a Universidade Federal do Amapá. Trata-se do Programa Interinstitucional, que tem como objetivo financiar ações para que os professores da Unicamp constituam programas de pós nas regiões, levando consigo não apenas o aperfeiçoamento acadêmico como recursos como laboratórios ou bibliotecas. A Unicamp já tem oito experiências neste sentido, com resultados que o pró-reitor considera muito interessantes. Este modelo começou em 1995, estimulado pela Capes.

"O programa funciona assim: recebemos uma demanda específica de uma universidade pública de determinada área. O coordenador da Unicamp vai até o local para avaliar a viabilidade do curso de pós e criar um projeto específico a respeito, a fim de colocá-lo à apreciação da Capes", revela. Vários programas da Unicamp estão em andamento ou já foram concluídos e, segundo Geromel, todos os projetos propostos até agora foram aprovados. O programa é destinado a professores da universidade local que não têm mestrado e o farão ficando lá. "Os programas são, de fato, um sucesso que acabam transferindo recursos, restando o profissional lá e estabelecendo vínculos de pesquisa entre as partes". Geromel acrescenta que a Capes já abriu a possibilidade do desdobramento para doutorado e está avaliando três projetos neste sentido: dois na Linguística e um na Engenharia Agrícola.

Programas de Excelência e Percentual de Conceitos

	5 M	6 D ou M/D	7 M/D	Número de Programas	Percentual de Conceitos Máximos
UNICAMP	3	9	5	62	27,42
UFMG	6	5	4	56	26,79
UNB	4	4	2	45	22,22
UFRJ	0	15	4	87	21,84
USP	2	19	17	212	17,92
UFRGS	1	3	4	59	13,56
UFSC	0	3	1	37	10,81
UFPB	2	1	0	35	8,57
UFPE	1	2	1	47	8,51
UFPR	2	1	0	37	8,11
UFF	1	0	1	41	4,88
UFC	1	0	0	31	3,23
UNESP	0	1	0	96	1,04
UFBA	0	0	0	32	0,00

1- Alguns conceitos poderão ser alterados através de pedidos de reconsideração a serem examinados pelo CTC / CAPES.
2- Foram consideradas as universidades com maior número de programas oferecidos.

Excelência na Unicamp

Unidade	Cursos	Nível	Conceito
IFGW	Física	M/D	7
IMECC	Matemática	M/D	6
IQ	Química	M/D	7
IE	Desenvolvimento Econômico Espaço e Meio Ambiente	M	5
IEL	Teoria e História Literária	M/D	6
	Linguística	M/D	6
	Linguística Aplicada	M/D	6
IFCH	Ciências Sociais	D	6
	História	M/D	6
	Filosofia	M/D	6
	Antropologia Social	M	5
FEA	Sociologia	M	5
	Engenharia de Alimentos	M/D	7
	Ciência de Alimentos	M/D	7
FEEC	Engenharia Elétrica	M/D	7
FEM	Engenharia Mecânica	M/D	6
FEQ	Engenharia Química	M/D	6

INICIAÇÃO

Controle de adoçantes

O quarto colocado do IX Congresso Interno de Iniciação Científica da Unicamp é aluno do Instituto de Química (IQ) e pesquisa a espectroscopia no infravermelho próximo (NIR). Leandro Mattos Silva, orientado pelo professor Célio Pasquini, concorreu com um projeto visando a determinação

de esteviosídeo em produtos comerciais usados como adoçantes dietéticos, no caso um adoçante natural.

Pasquini informa que a técnica empregada por Leandro foi a espectroscopia de refletância na região do infravermelho próximo. "Esta técnica permite a determinação rápida do teor do

esteviosídeo diretamente na amostra, sem pré-tratamento. Ela pode ser utilizada no controle de qualidade do adoçante comercial em substituição à técnica cromatográfica, que tem custo mais alto e uma operação mais complicada e demorada", explica o professor.

Célio Pasquini lembra que a execução do projeto permitiu ao aluno tomar contato com uma técnica moderna de Análise Química – muito utilizada na indústria – e com as técnicas de tratamento estatístico de dados multivariados, o que contribuiu muito para sua formação geral.

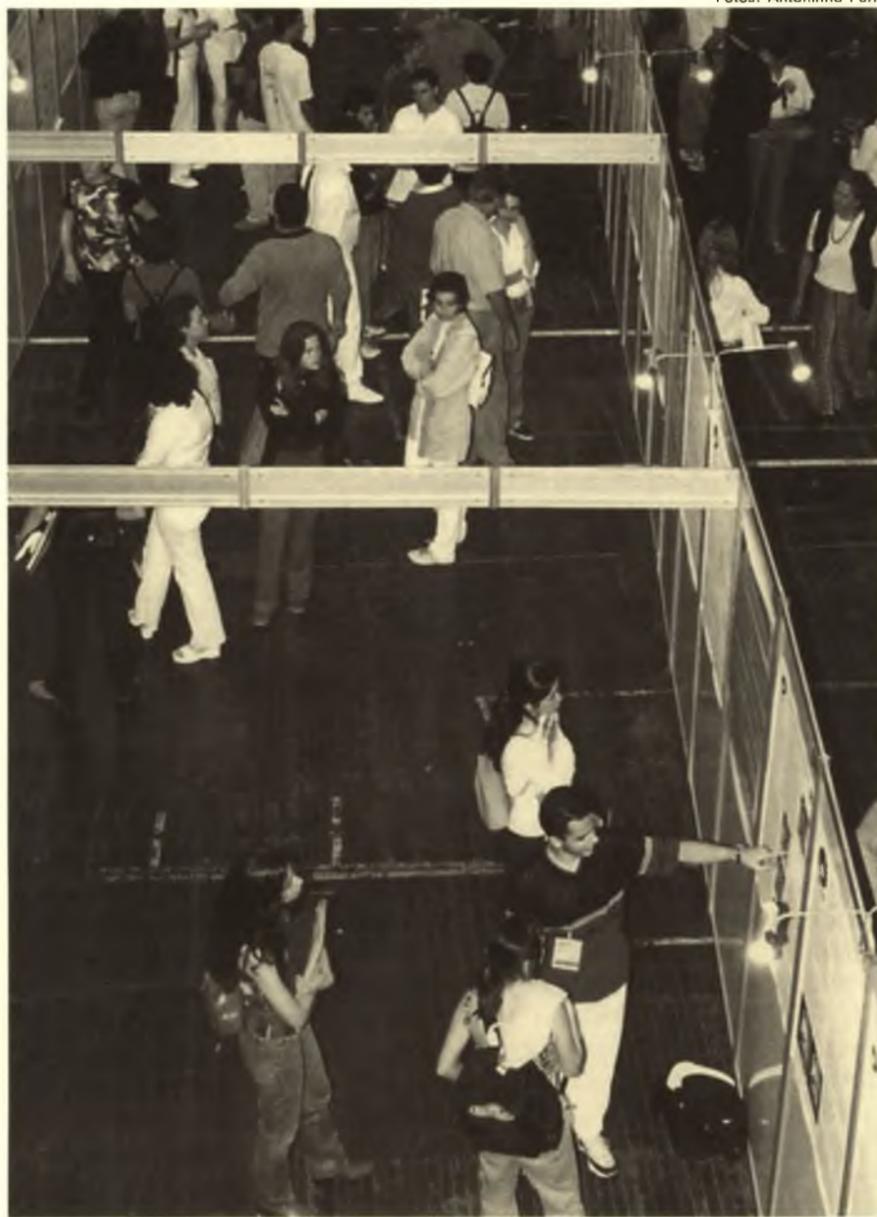
Na luta contra a malária

A descoberta de um remédio para a malária ainda é um dos maiores desafios da ciência. A aluna Fernanda Crivelari Figueiredo, do Laboratório de Química Analítica do Instituto de Química (IQ) da Unicamp, já está engajada nesta luta. Tanto que foi contemplada com o primeiro lugar no IX Congresso Interno de Iniciação Científica, com o trabalho "Determinação de Artemisinina, empregado como medicamento para o tratamento de malária, em *Artemisia annua* L., utilizando espectroscopia de infravermelho próximo".

A artemisinina é o princípio ativo da artemísia, planta descoberta na China em 1987 e que já vem sendo empregada no tratamento da febre causada pela malária. O estudo desenvolvido por Fernanda, sob orientação do professor Jarbas José Rodrigues Rohwedder, teve como foco o controle do grau de concentração do princípio ativo por meio de uma nova tecnologia, a espectroscopia de infravermelho próximo – normalmente o controle é feito por cromatografia líquida de alta eficiência, chamada CLAE.

Fernanda explica que o controle da concentração do princípio ativo na planta precisa ser sistemático para se determinar quando é obtida a máxima concentração, de aproximadamente 1,2%. "Passada esta etapa, a concentração começa a diminuir, dando início à floração da artemísia".

A planta é cultivada na própria Unicamp, pelo CPQBA (Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas), que possui um viveiro com vários estágios de crescimento. Além disso, o CPQBA vem



Fotos: Antoninho Perri

realizando a extração do princípio ativo.

Esta dedicação resulta das estatísticas. A estudante lembra que todos os anos surgem pelo menos 230 milhões de casos no mundo, principalmente nos continentes pobres – África, Ásia e América do Sul. No Brasil são 500 mil ocorrências anuais. O número de mortes em nível mundial é de 2 milhões por ano, índice superior ao da Aids.

Paliativos

Os remédios contra a malária encontrados até agora não passam de paliativos. De acordo com Fernanda, o uso de drogas ou da quimioprofilaxia não é 100% eficaz para prevenção da doença. Por isso, ela considera fundamental a pesquisa e desenvolvimento de novos antimaláricos.

Na conclusão de seu trabalho, vencedor do Congresso de Iniciação Científica, a estudante constatou que, empregando-se os métodos quimiométricos, ocorreu um erro médio de 5% em relação aos valores encontrados através da cromatografia. De acordo com ela, quando comparado ao CLAE, este resultado preliminar demonstra que a espectroscopia traz uma estimativa bastante razoável do teor de artemisinina medida diretamente na planta.

Mas o trabalho ainda não acabou. Os próximos passos da pesquisa são a construção de novos modelos quimiométricos a partir dos espectros obtidos e dos dados cromatográficos do CPQBA. Também serão avaliados os diferentes modos de medida empregando espectroscopia e as medidas espectroscópicas para a planta seca, quando deverão ser analisadas as interferências da cela e da umidade relativa a cada amostra.

Picada de mosca

"Eles foram picados por alguma espécie de mosca", surpreendeu-se o reitor Hermano Tavares, diante dos 659 trabalhos apresentados no IX Congresso Interno de Iniciação Científica da Unicamp. Trata-se de um número recorde de exposições, envolvendo todas as grandes áreas de conhecimento da Universidade. A maior parte dos trabalhos (303) foi concretizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq. O programa de Bolsa Pesquisa do SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) da Unicamp contemplou 201 trabalhos e a Fapesp, 97.

Outros 64 estudantes apresentaram trabalhos mesmo sem contar com bolsas. "Isto não tirou deles o gosto pela pesquisa, o que nos leva ao desejo de incentivá-los cada vez mais. Infelizmente, a Unicamp ainda oferece um volume de bolsas muito modesto e que precisa crescer", disse o reitor em seu pronunciamento na abertura do evento.

Hermano Tavares vê o Congresso de Iniciação Científica como um acontecimento importantíssimo para professores e graduandos, onde se justifica o esforço despendido pela população paulista para manter a instituição. "A Unicamp, sendo universidade pública, tem o dever de se expor. Este é um momento em que mostramos, com maior clareza para a sociedade, a qualidade dos profissionais que estamos gerando".

Lamentando que os problemas do país permitam às universidades públicas absorver apenas a nata dos estudantes que terminam o curso secundário, o reitor afirmou que este seleto grupo deve retribuir os privilégios "usando-os de forma a produzir tudo o que



Chambouleyron fala na abertura, ladeado por Tavares, Cortelazzo e Crósta

sua capacidade permite". Tavares destacou, ainda, a preocupação da Universidade com a formação cidadã de seus alunos: "Além de formar profissionais de boa qualidade, temos de formar pessoas que se responsabilizem pela condição futura deste país".

Parceria

Angelo Cortelazzo, pró-reitor de Graduação, destacou a parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa na organização do IX Congresso Interno de Iniciação Científica. Ele acredita que, mantido o ritmo atual de crescimento, o evento deverá ganhar nova formatação a partir do ano que vem, talvez em duas etapas.

Cortelazzo ressalta que esta proposta de trabalhar os alunos

para a iniciação científica é o que diferencia a Unicamp de outras universidades e faz com que sua graduação seja considerada uma das melhores do Brasil. "Por isso, vejo o Congresso como o momento mais importante da graduação. Fica claro que podemos nos orgulhar de pertencer ao quadro docente, discente e de funcionários desta instituição", declarou.

Confirmando-se a mudança no formato, ela será a terceira. A segunda foi aplicada neste ano e é apontada como a causa do número recorde de participantes nesta nona versão, na opinião de Ivan Chambouleyron, pró-reitor de Pesquisa. Ao contrário dos anos anteriores, quando os trabalhos eram apresentados em locais diferentes, de acordo com a especialidade, em 2001 foram agrupados em um mesmo espaço, no Ginásio Multidisciplinar. "Isso permitiu aos alunos um olhar sobre toda a produção de iniciação científica da Unicamp. Eles tiveram oportunidade de apreciar trabalhos tão interessantes quanto os seus".

Avaliação

O professor observa que antes os estudantes expunham seus trabalhos em salas, para poucas pessoas, e agora tiveram públicos de todas as especialidades. "Mais de mil pessoas circularam pelo ginásio. Tivemos artes, música, orquestra sinfônica". O mais importantes, lembra Chambouleyron, é que alunos sem a obrigação de participar fizeram questão de mostrar sua produção ao lado dos bolsistas. "Este conjunto de trabalhos será avaliado pelo CNPq, o que deverá propiciar novos fomentos, além de críticas para aperfeiçoar a qualidade do Congresso".

HUMANAS

Coordenadores criticam avaliação

Para professores, os critérios adotados pela Capes privilegiam quantidade

Fotos: Antoninho Perri

Padrões numéricos não avaliam suficientemente a qualidade da produção acadêmica da área de Humanas. O enquadramento de seu desempenho em tabelas pode mensurar a quantidade dos trabalhos produzidos, mas não conseguirá avaliar o novo conhecimento gerado, nem o impacto social desta produção. Esta constatação de coordenadores da área faz com que o relatório da Capes sofra mais questionamento na sua capacidade de lidar com as especificidades da área de Humanidades, do que de representantes de outros setores da Universidade.

As críticas ao sistema de avaliação não afetam, porém, a performance da área, bastante bem posicionada na Unicamp: Educação saltou de 3 para 5; os três cursos de Artes ficaram com 4; na Economia, dois deles têm conceito 5, sendo um mestrado de excelência, e os outros três cursos mantiveram o 4; no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), os três programas estão conceituados em nível de excelência 6- a Língua Portuguesa entrou com recurso para recuperar o conceito 7; e na Filosofia e Ciências Humanas, os programas de História, Ciências Sociais e Filosofia têm conceito 6, Antropologia e Sociologia estão com 5, e os dois com conceito 4- Ciência Política e Demografia-, entraram com recurso para re-qualificação.

Para Suzi F.Sperber, coordenadora da pós-graduação do IEL, a avaliação executada por uma máquina é um sistema burro porque mecânico; pelo ser humano é falho. “Desconfio de toda e qualquer avaliação por isso. Ela cria uma ilusão de realidade, é manipulável por interesses lícitos ou não. Avaliar é uma decisão difícil: o que se avalia é o produto ou o processo? Os parâmetros serão sempre diferentes, caso se individualize um produto ou se pegue o conjunto do trabalho produzido. E o critério é o de qualidade ou de quantidade? Se existem sete itens analisados e um deles é a quantidade, o resultado será sempre em detrimento da qualidade. Infelizmente, a avaliação tem servido para lotear o dinheiro que vai para cada unidade”.

O IEL é um centro de excelência, com produções heterogêneas: alguns docentes têm mais alunos e maior trabalho de orientação; outros podem ter maior número de publicações e participação em congressos. Todos os docentes têm possibilidade de atualização e de trazer renovação para o instituto. “Não é preciso fazer o relatório Capes para verificar esta realidade. Na verdade, o tempo para preencher este relatório acaba substituindo o que poderia ser ocupado com a produção efetiva. Na minha opinião, as coordenações que se ocupam exclusivamente com essa parte substituem ingenuamente a produção pela avaliação da produção”, critica Suzi.

O primeiro curso de mestrado do IEL nasceu no começo da década de 70 em Língua Portuguesa, antes da existência da graduação. A área ainda não existia no Brasil e os pioneiros trazidos pelo reitor Zeferino Vaz, equipe estimulada por Antônio Cândido, foram enviados para se aperfeiçoar na França. Na volta, aglutinaram outros profissionais afins e o curso começou vinculado ao Instituto de



Waldir Quadros, da pós-graduação da Economia: “Não queremos apertar nossos alunos”

Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). A criação do curso acompanhava as tendências de estudo da época em que se apostava que a Língua Portuguesa seria a ciência do século. Antônio Cândido, que foi o primeiro diretor do instituto, imprimiu a preocupação com os estudos em Teoria Literária na estruturação do curso. No final dos anos 80 foi criado o doutorado na área, lembra Suzi.

No IEL, os três programas estão com conceito 6, de excelência, mas o de Língua Portuguesa com nota 7 na avaliação anterior, entrou com recurso já que, assinala a coordenadora, manteve e melhorou seu desempenho e não fez nada diferente para cair na cotação da Capes. Outra perversidade do sistema apontada por Suzi, é o conhecido “fluxo” que mede o tempo de titulação, entre o ingresso do aluno na pós e a defesa de tese. Na opinião de Suzi, o conhecimento não se faz às pressas, imposto por um cronograma alheio a sua dinâmica. Universidade e educação são trabalho de médio prazo e quando se quantifica, a qualidade fatalmente será afetada. “Se isto não é óbvio, deveria ser!”, conclui a professora.

Difícil ajuste

“O perfil da nossa pós-graduação não se ajusta ao gabarito de avaliação da área de Economia da Capes. E isto porque, em poucas palavras, procuramos manter nossa tradição de centro crítico, que busca compreender os graves desafios do desenvolvimento econômico e social brasileiros. A complexidade desta temática não propicia a busca de respostas rápidas o que eleva o tempo de titulação na maioria dos casos. E, acima de tudo, procuramos desenvolver a autonomia intelectual em nossos alunos”, considera Waldir Quadros, coordenador da pós do Instituto de Economia. Ele acrescenta que, pela natureza de escola pública, procura-se incorporar o maior número possível dos inúmeros candidatos que procuram a Unicamp, recusando o perfil de um pequeno núcleo de elite que, na verdade, é o que mais se ajusta ao gabarito em questão.

A Economia oferece 5 programas de pós e o mais tradicional é o de Teoria Econômica, criado em 1974. Os outros 4, criados no final dos anos 90, são da área de Economia Aplicada: um doutorado e três mestrados (Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente, História Econômica e Economia Social e do Trabalho). No programa de Teoria Econômica, a pós da Unicamp ficou em segundo lugar na avaliação nacional (o maior conceito foi 6), ao lado de outros centros de excelência acadêmica como a USP, por exemplo. Na área de Economia Aplicada, o mestrado de Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente teve o conceito máximo e os demais também ficaram com o segundo lugar. Já o Doutorado, por ser mais recente, só teve um ano de avaliação e permaneceu com o seu conceito de criação.

“Com base em nosso relatório, seria lícito reivindicar um 6, mas não vamos recorrer. Temos tradição de longos trabalhos de titulação, não queremos apertar os alunos para que apressem suas conclusões. Elas devem amadurecer, pois os temas são ambiciosos e os alunos, em geral, têm grande inserção em cargos públicos e esta experiência acaba revertendo em maior conhecimento”. Quadros argumenta que identificar a natureza do conceito 5 e não 6 nem é tão difícil: os trabalhos do instituto têm historicamente prazos mais dilatados, pelo seu perfil de aprofundamento; o número de publicações é menor em relação aos pares pois são priorizados os trabalhos de maior fôlego, todos de alto impacto acadêmico, mas que não elevam a produtividade nos relatórios. “Nossa pós não constrói uma carreira acadêmica baseada em papers”, argumenta.

Mas este perfil dos últimos 15 anos, com o estoque de “passivos que acumulamos”, terá que ser ajustado. “A pró-reitoria criou mecanismos corretos para que isto ocorra, sem afetar a qualidade dos trabalhos produzidos pela pós da Economia”. O coordenador acrescenta que será feito um esforço para aumentar o número de publicações frente à exigência da área na Capes, onde o livro vale menos que um artigo publicado em revista indexada. “Mas continuaremos a tentar resistir em participar de congressos de baixo nível, encontros burocráticos, sem debate de nível, só para contabilizar pontos no relatório”.

Na área de Economia Aplicada um problema adicional refere-se à própria estrutura dos Programas, que provocou uma dispersão da produção docente ao contar com um Doutorado desvinculado de 3 mestrados isolados. O coordenador destaca que esta distorção resultou de uma reformulação que a Capes introduziu na proposta original do instituto. De todo modo, o corpo docente está amadurecendo uma proposta de estrutura mais racional para ser encaminhada à Capes. Os problemas comuns à Unicamp também afetam a Economia: encolhimento do quadro docente frente a uma produção e demanda crescentes; perda de talentos devido aos salários (o instituto perde cerca de 20% de seu quadro para cargos no Estado). Esta perda para o mercado é mais que numérica, assinala Quadros, pois houve muito investimento na formação desses profissionais. A Economia da Unicamp sempre foi um centro de excelência com perfil crítico. “Isto tem um preço. Nossa fase atual é de resistência”, observa.

Os pontos fortes da pós da Faculdade de Educação estão na abrangência de áreas, diversidade de tópicos, flexibilidade do programa, com o acolhimento de docentes universitários de todo o país, avalia a coordenadora Ana Luiza Bustamante Smolka. O programa de pós-graduação foi criado em 1975 em Educação, expandindo progressivamente para as cinco áreas de concentração. Em 1994, foi criada uma nova área interdepartamental em Educação Matemática, nos níveis de mestrado e doutorado.

O salto no conceito- de 3 para 5- na avaliação da Capes é resultado de um número crescente de teses e da transformação de áreas de concentração departamentais em áreas de concentração temáticas, de natureza interdisciplinar e definidoras de diferentes campos de investigação, reunidos em vários grupos de pesquisa com interesses afins, conclui.



Suzi Sperber: “O que se avalia é o produto ou o processo?”

BIOLÓGICAS

Critérios não refletem avanços

Coordenadores procuram detectar falhas e identificar origem dos problemas

Os cursos de pós-graduação da área de Ciências Biológicas ficaram aquém da expectativa para um setor de grande impacto social. A avaliação preliminar em cima dos conceitos concedidos pela Capes neste último triênio, cuja maior nota foi 5 e atingiu apenas 9% dos cursos analisados, é de que além dos ajustes necessários nos programas, talvez alguns critérios adotados não reflitam com fidelidade os avanços do setor.

A faixa de conceitos da Capes de 3 a 5 obtida para os programas de Ciências Biológicas inquietou os coordenadores da área na Unicamp, que já se reuniram para detectar falhas, seja nas linhas de pesquisa como também no detalhamento do relatório, a fim de melhor identificar a origem dos problemas. Embora no último triênio os programas da área médica em geral apresentassem um desempenho sofrível no país - 60% dos programas obtiveram nota 1, 2 ou 3; 31%, nota 4, e apenas 9% conceito 5 -, na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, os resultados ficaram entre os melhores. A média obtida no triênio foi de 4.12, superior ao resultado de seus pares, que ficaram entre 3.0 e 4.0. A maioria dos programas da FCM está consolidada, sendo 75% destes considerados bons ou muito bons (4 e 5).

Para José Antônio Gontijo, coordenador da pós em Ciências Médicas, a pesquisa é o único alicerce sólido, sobre o qual um

bom programa de pós-graduação pode ser estruturado. A ineficiência na produção do conhecimento e a contaminação dos programas *stricto sensu* por conteúdo profissionalizante, embora a universidade pública tenha um papel a desempenhar no atendimento de demandas por educação continuada, não deve comprometer a qualidade construída em duas décadas de árduo trabalho.

Mesmo considerando adequados os critérios da Capes - ele próprio faz parte do comitê técnico -, Gontijo admite que é difícil comparar áreas usando padrões únicos. No caso de seu departamento, um dos ajustes já detectados é que os programas não estavam bem direcionados para o *stricto sensu*, embora atendessem, com eficiência, a demanda por especialização e aperfeiçoamento que existe no meio. Além disso, mesmo com uma grande quantidade de teses, um percentual pequeno é publicado em revistas de impacto internacional.

Na área médica, publicações ou mesmo participação em congressos têm pouco valor o que, segundo o coordenador, é correto, pois os congressos não têm mais tanto rigor de qualidade do que é apresentado. "Não existem critérios precisos para avaliar esses congressos que muitas vezes são mais de reciclagem e não de geração de novos

conhecimentos". Mas esta é a grande demanda na área médica, acrescenta.

Assim como nas demais faculdades da área, também na Unicamp apenas cerca de 30% das teses defendidas nos últimos 20 anos foram publicadas.

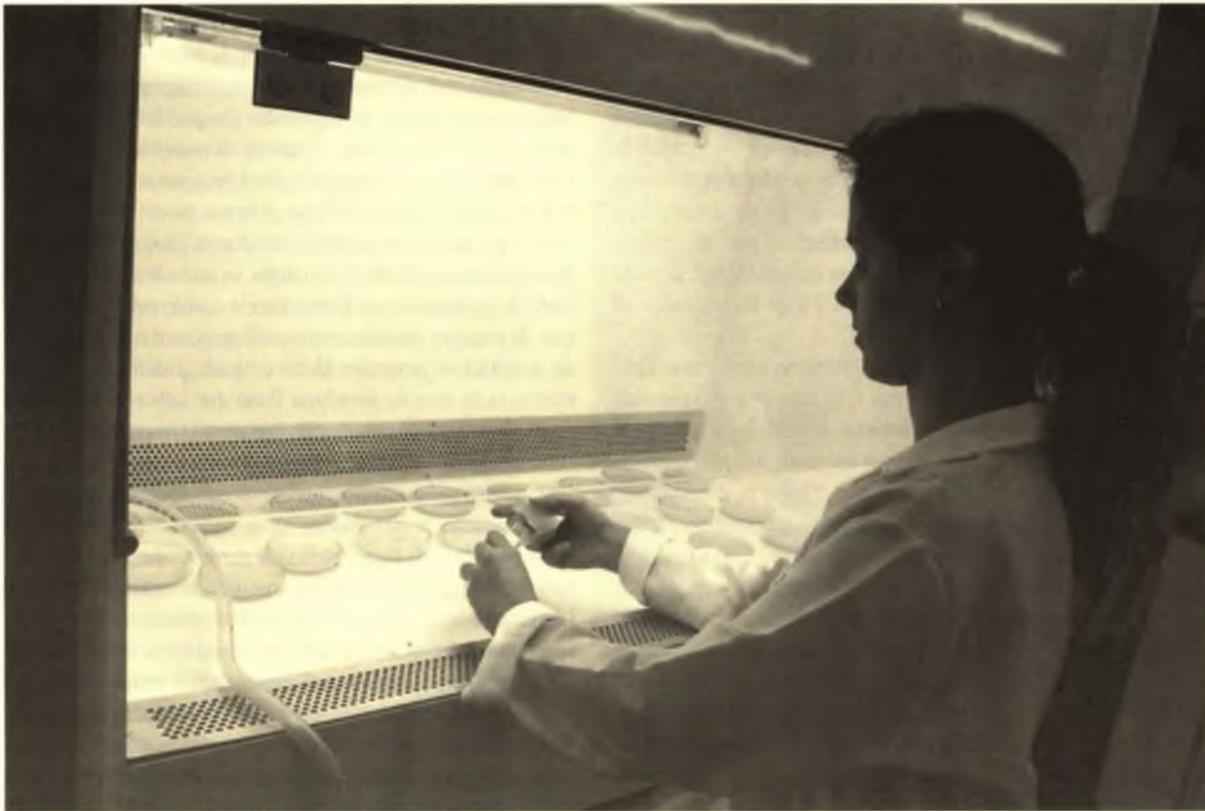
Mesmo assim, a produção no último triênio avaliado pela Capes foi incrementada e mais de 100 dissertações ou teses foram defendidas no período. Esta produção científica repercutiu em mais de 270 trabalhos publicados em circulação internacional. "Em novembro de 2000 foi defendida a milésima tese em nossos programas e o ritmo neste ano foi acelerado, contabilizando até setembro mais de 200 teses defendidas", comemora Gontijo.

O coordenador da pós do Instituto de Biologia, João Vasconcellos Neto, assinala que a Capes considera a coerência e a consistência quando avalia os programas de pós. Centrada neste princípio, a Biologia procurou ajustar o foco e fortalecer as linhas de pesquisa. A proposta anterior do curso levava em consideração os projetos de pesquisa dos professores e as disciplinas periféricas, o que provocou uma abertura excessiva e a pulverização da produção científica. Chegou-se a 140 linhas o que, na verdade, deveria ser considerado como projetos. Hoje, a pós da Biologia está centrada em seis grandes linhas - Biologia Funcional e Molecular, Biologia Celular e Estrutural, Genética e Biologia Molécula, Biologia Vegetal, Ecologia e Parasitologia. Os programas estão bem avaliados com conceito 5, e a única exceção deveu-se ao enfraquecimento da área a que pertence. A Parasitologia, que entrou com recursos contra o conceito 3 recebido, incluía outras duas áreas - de imunologia e microbiologia - que foram transferidas para Genética, reduzindo a massa crítica do curso que tem hoje um pequeno número de docentes.

O baixo contingente de professores é, inclusive, um risco à extinção de cursos e um problema generalizado hoje na Unicamp, com o aumento das aposentadorias e a falta de renovação de quadros. Vasconcellos alerta sobre a necessidade de uma política decisiva para fortalecer estas e outras áreas. O coordenador diz que em sua gestão houve um empenho em melhorar as condições físicas do instituto, com a construção de novas salas de aula e investimento na centralização administrativa, o que consumiu R\$ 500 mil. Atualmente são 700 alunos em mestrado e doutorado, e 264 docentes credenciados junto à pós.

Vasconcellos acrescenta, ainda, que é possível melhorar o perfil da avaliação preenchendo corretamente o relatório de forma a que cada coordenador consiga retratar, com fidelidade, a qualidade de sua área. O esforço de sua área também deve centrar-se em atender alguns critérios de valorização adotados pela Capes, que é o fluxo de 30% ao ano para defesas de tese e incremento na apresentação de trabalhos em congressos e publicações em co-autoria de alunos.

Fotos: Antoninho Perri



Laboratório do Instituto de Biologia: ajustando o foco e fortalecendo as linhas de pesquisa

Reitor destaca esforço coletivo

Onível de excelência dos cursos de pós-graduação da Unicamp não foi conquistado por acaso. Ao contrário, ele foi cuidadosamente construído ao longo dos anos, graças à participação ativa de docentes, alunos e funcionários. A opinião é do reitor Hermano Tavares, que também ressalta o apoio decisivo dos órgãos de financiamento para a obtenção desse resultado. "A pós-graduação brasileira nasceu há aproximadamente 35 anos e hoje se consolida como uma das mais importantes dos países em desenvolvimento. Isso se deve à forma inteligente com que os programas têm sido conduzidos pelas instituições de ensino públicas como a Unicamp, em conjunto com as agências de fomento".

O reitor salienta, ainda, a destacada contribuição da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a pós-graduação brasileira, por meio da formulação de políticas para o setor. De acordo com Tavares, as atividades de pós-graduação implantadas nas últimas três décadas sempre estiveram ligadas de forma indissociável ao desenvolvimento da pesquisa. Pesquisa e Pós-graduação permitem, a um só tempo, a formação de quadros altamente qualificados e o avanço da ciência e da tecnologia no país. "Isso cria oportunidades por meio da busca inteligente de talentos", diz. Atualmente, o sistema brasileiro oferece

1.500 programas de mestrado e doutorado, sendo que a maioria deles já está consolidada.

De acordo com o reitor, a Unicamp tem, a partir de agora, duas importantes missões na área da pós-graduação: continuar avançando o nível de qualidade, além de ajudar a criar condições para que os conhecimentos gerados em seus cursos sejam incorporados pelo setor produtivo, de forma que este disponibilize para a sociedade o resultado das pesquisas e torne o país mais competitivo no mercado internacional. "Temos que fazer um trabalho contínuo para o aprimoramento da sociedade. A criação dos fundos setoriais por parte do governo federal, em áreas que o país julga ter futuro, soma-se aos nossos esforços".

Os bons resultados alcançados pela Unicamp na avaliação da Capes é, no entender de Tavares, consequência da preocupação constante que a Universidade tem com o aprimoramento de suas atividades de ensino e pesquisa. Conforme o reitor, eles confirmam a premonição do professor Zeferino Vaz, fundador da Universidade, de que a instituição seria povoada por cérebros que ajudariam a formar novos cérebros. "É isso o que a Unicamp vem fazendo com sucesso inquestionável. Toda a comunidade acadêmica está de parabéns pelos serviços que estamos prestando à sociedade".



O reitor da Unicamp, Hermano Tavares: apoio dos órgãos de financiamento foi decisivo

INICIAÇÃO

Graduandos a caminho da pós

O Congresso de Iniciação Científica da Unicamp é o principal evento da Graduação, um incentivo ao estudante. Veja os trabalhos premiados na nona edição

Da edificação ao habite-se

JOÃO MAURÍCIO DA ROSA

jmauricio@reitoria.unicamp.br

O estudante Pedro Roberto da Silva Neto, do curso de Tecnologia em Edifícios do Centro Superior de Educação Tecnológica (Ceset) da Unicamp, em Limeira, conhece como poucos a cidade onde estuda. Ele elaborou uma minuciosa pesquisa sobre dois bairros de baixa renda na periferia e constatou que as casas são levantadas sem critério algum e sem qualquer apoio técnico da prefeitura.

Desta forma, as ruas não têm um leito carroçável mínimo, há ausência de áreas verdes e as casas recebem pouca luz solar, não oferecendo conforto algum. O estudo de Pedro Roberto, orientado pelo professor Edison Roberto Poletti, foi apresentado no IX Congresso de Iniciação Científica da Unicamp, nos dias 27 e 28 de setembro, e acabou ficando em segundo lugar como o painel mais objetivo, claro e de melhor qualidade visual.

As pesquisas foram realizadas entre agosto de 2000 e julho de 2001, nos bairros Nova Conquista e Ernesto Kulh. O trabalho compreende, além dos modelos de habitação, a composição familiar por residência e por metro quadrado. A conclusão é de que o poder público em Limeira não possui um sistema de gestão que atenda as áreas de ocupação do município.

Por esta razão, Pedro desenvolveu, paralelamente à pesquisa, um modelo para aprovação e acompanhamento técnico nas obras já existentes, antes e durante a construção. A meta, segundo ele, é estabelecer uma parceria entre Universidade, Associação de Engenheiros e Arquitetos e Prefeitura para encurtar a trajetória entre a edificação e sua regularização, o chamado "habite-se".

O estudante encontrou condições irregulares em 86% das habitações visitadas. Entre as irregularidades, avanço dos recuos laterais e de frente; frente mínima superior ou inferior; terrenos desmembrados; número de habitantes por metro quadrado superior em vários lotes; avanço de construção nos passeios mínimos permitidos; avanço de construção nos alinhamentos do terreno; dimensões superiores ou inferiores nos leitos carroçáveis devido ao não alinhamento predial.

Na pesquisa, 56% das residências apresentaram casos de insolação, devido à má locação da construção no terreno, não levando em consideração os cuidados mínimos para um bom aproveitamento da luz do dia. Nas construções de baixa renda, são características as áreas de iluminação dos cômodos menores que 1/5; e, aliado a isso, observam-se extensas paredes recebendo todo o sol da tarde, configurando assim desconforto térmico no ambiente. Residências em terrenos desmembrados ou casas geminadas apresentam pouca ventilação, pois estão em desacordo com relação aos recuos de frente e laterais mínimos.

Ocupação

A taxa de ocupação por construção, nos casos estudados, compreendeu 80% da área construída no terreno, ultrapassando os limites permitidos. Foram esses os dados encontrados: 2% das residências tendo acima de 12 habitantes/m² de construção; 5% de 8 a 12 habitantes/m²; 11% de 6 a 8 habitantes/m²; 34% de 4 a 6 habitantes/m²; e 48% de 1 a 4 habitantes/m² de área construída.

Os passeios encontram-se totalmente fora das normas, notando-se, em 66% dos casos estudados, avanço de mais da metade do passeio; em 22%, avanço da metade do passeio; em 12%, avanço de todo o passeio. Além de avançarem a construção, os moradores executaram as calçadas como bem entenderam, levando a passeios totalmente fora dos padrões.



Fotos: Antoninho Perri

Congresso de Iniciação Científica da Unicamp reuniu mais de 600 trabalhos dos seus graduandos: a atenção de públicos de todas as especialidades



Em primeiro plano, Fernanda, Leandro, Luane, Pedro, a professora Silvia e Daniel; ao fundo, professores Jarbas, Célio, Verna e Edson

Hidroginástica e menopausa

Aluna de quarto ano na Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, Luane Margareth Zanchetta teve uma surpresa ao final de um curso de hidroginástica que desenvolveu para 40 voluntárias já vivendo o período da menopausa. As mulheres, recrutadas para serem submetidas a uma investigação científica, estiveram uma faixa em homenagem ao talento da estudante: "Obrigada por nos mostrar o caminho, a juventude estará sempre dentro de nós", dizia a inscrição, referindo-se ao trabalho de Luane e que lhe rendeu o quinto lugar no IX Congresso de Iniciação Científica.

O trabalho é intitulado "Como a hidroginástica pode influenciar na melhora do condicionamento físico em mulheres na menopausa". O interesse de Luane foi despertado nas aulas de educação física, em relatos e na literatura. cursando o período noturno, ela dá aulas em academias e trabalhou por dois anos com hidroginástica no projeto de extensão "Aprender a Nadar", da FEF, onde avaliava a composição corporal dos praticantes.

"Nas academias, as alunas relatavam as melhoras em seus organismos na execução de tarefas corriqueiras. Também pude constatar as melhoras visualmente", explica. Luane decidiu, então, levar em frente seu projeto, pois também notou a alta demanda de mulheres com mais de 40 anos que procuram academias, muitas atendendo a recomendação médica. "Uma das dificuldades que enfrentei foi achar bibliografia com embasamento científico sobre o assunto".

A idéia de associar a atividade de hidroginástica com mulheres na menopausa, veio da necessidade de Luane em envolver a atividade física com a área de saúde e a gerontologia. Sua orientadora, a professora Vera Aparecida Madruga Forti, já havia desenvolvido tese na Unicamp, em 1999, com base em um projeto de condicionamento físico aeróbio destinado ao público com menopausa. "Nesta época eu já desejava levar esse trabalho para a comunidade externa à Universidade, buscando comprovar a eficácia da atividade física na prevenção de fatores de risco".

De acordo com Luane, a literatura aponta que a regularidade na atividade pode ser responsável pela redução em até 50% do declínio fisiológico no envelhecimento, pois trás benefícios para o sistema cardiovascular. "As doenças desse sistema são uma das principais causas de mortalidade feminina pós-menopausa, porque essas pessoas não têm mais a proteção do hormônio estrógeno".

Bateria de testes

Luane Zanchetta iniciou seus estudos com um grupo de 40 voluntárias, mas algumas foram desistindo no percurso e, ao final de 16 semanas, com frequência semanal de 3 sessões de hidroginástica, concluiu avaliações em 28 delas aplicando-lhes três testes: determinação de massa corporal, índice de massa corporal, percentual e massa de gordura corporal, massa corporal magra; flexibilidade de coluna inferior, elevação de ombro e extensão do tronco; teste de cooper de 2,4 mil metros-tempo, volume máximo de oxigênio, frequência cardíaca de repouso após esforço e após um minuto.

Para que tantos testes? Luane informa que existem quatro variáveis da aptidão física relacionadas à saúde: capacidade cardiorespiratória, flexibilidade, força e composição corporal. "Dentre essas, nossa pesquisa constatou melhoras com significância estatística em todas, menos na variável de força, que não foi avaliada porque a hidroginástica não utiliza sobrecargas ou pesos".

Porém, a estudante lembra que é possível suspeitar que há ganho de força devido ao aumento da massa corporal magra. Entre as 28 voluntárias avaliadas estava a mãe da aluna. "Além das variáveis constatadas, foi notável a melhora na disposição e na conscientização da importância da atividade física na vida cotidiana de tais mulheres", argumenta.

Auto-construção de moradias

Notando a crescente prática da auto-construção de moradias, predominantemente praticada pela população de baixa renda, Daniel da Rocha Corrêa Silva, aluno da Faculdade de Engenharia Civil (FEC) da Unicamp, desenvolveu uma home page e um CD-ROM com orientações para o segmento. O trabalho, intitulado "Mecanismos de orientação para auto-construtores", foi o terceiro na classificação dos melhores do IX Congresso Interno de Iniciação Científica.

A professora Sílvia Aparecida Mikami Gonçalves Pina, que orientou o aluno no projeto, explica que os auto-construtores terão acesso a uma obra onde se enfatiza os aspectos relacionados ao

projeto arquitetônico. Daniel valeu-se de informações coletadas no projeto de pesquisa "Transferência de Inovação Tecnológica na Auto-construção de Moradias – Titam", em andamento no Departamento de Arquitetura e Construção da FEC.

"Trata-se de uma solução alternativa para a população carente, diante da escassez de recursos e ausência de uma política habitacional efetiva para esse segmento. Como consequência, essas construções geralmente apresentam baixa qualidade e não atendem aos aspectos mínimos como conforto térmico, luminosidade, acústico e funcional", justifica a professora.

EXATAS

“Olhar de fora” é bem-recebido

Dois cursos da área de Ciência Exatas figuram no topo da excelência

O olhar de fora para a produção acadêmica é bem-recebido por coordenadores da pós em Ciências Exatas, na medida em que pode impulsionar algumas áreas. Mas é preocupante o efeito concentrador em poucas áreas de pesquisa e o risco de indexar esta avaliação à decisão das demais agências de fomento. Com seus dois cursos no topo da excelência - Física e Química - e conceitos entre 4 e 6 nos demais, a área de Exatas tem sua atenção centrada nas mesmas questões que as outras: aumentar o número de publicações indexadas, reduzir o tempo de titulação e conseguir um bom equilíbrio entre o quadro docente versus o aumento crescente de alunos na pós, além de ampliar a atuação nos comitês avaliadores.

Desde a sua criação em março de 1970, os cursos de mestrado e doutorado do Instituto de Física Gleb Wataghin da Unicamp receberam sempre nota A na avaliação da CAPES; no biênio 1996/1997 ficou com conceito 6 e saltou agora para a excelência internacional com a nota 7 recebida. Um dos pontos fortes do programa, considera o coordenador Luiz Guimarães Ferreira, é a universalidade e a qualidade de seu corpo docente. O instituto conta atualmente com cerca de 98 professores doutores em dedicação exclusiva, pesquisadores ativos em suas respectivas especialidades.

“Em função do direcionamento inicial da pesquisa no IFGW, esses profissionais são formados para trabalhar não só na pesquisa básica, mas também em projetos de pesquisa aplicada. Durante anos, a pós foi procurada, fundamentalmente, por estudantes que pretendiam desenvolver os seus trabalhos em física aplicada ou física experimental”, revela Ferreira.

Ao longo da última década houve um apreciável crescimento dos grupos teóricos, o que atraiu também aqueles estudantes de perfil mais acadêmico para o Instituto e levou ao amadurecimento dentro da coexistência de diversas tendências científicas. “Acreditamos ter atingido um estado científico que contempla tanto as necessidades tecnológicas da nossa sociedade quanto o lado acadêmico”. A Física produz, anualmente, uma média de 150 trabalhos em revistas indexadas de prestígio internacional. O instituto já formou 411 doutores e 620 mestres e atualmente há 55 estudantes matriculados no Mestrado e 141 no doutorado.

O Instituto de Geociências nasceu em 1980 com a concepção multidisciplinar de abrigar as áreas de Geografia, Geologia e Meteorologia, agregando em seguida o segmento de Política Científica e Tecnológica, a única no país a revalidar diplomas do exterior. O programa de pós começou em 1983 com a área de Geociências; após quatro anos foi instituída a linha de Política Científica e Tecnológica. Hoje, os três programas têm boa avaliação, sendo que um deles - o de Ciências e Engenharia do Petróleo, que subiu seu conceito de 4 para 5, foi criado no ano passado com característica interdisciplinar e é desenvolvido com a Faculdade de Engenharia Mecânica devido a convergência de interesses. No Brasil, existem 42 programas em Geociências, mas Geologia, Meteorologia e Geofísica dominam as áreas de concentração.

Para o coordenador Elson Paiva de Oliveira, o programa mais complexo é o de Geociências, dividido em: Educação Aplicada a Geociências, Metalogênese, e Administração e Política de Recursos Minerais. Tratam-se de áreas muito inovadoras e com perfil diferenciado em relação a outros programas do país. Embora tenha conseguido manter o conceito 4, foi penalizada numa possível ascensão em alguns critérios, como o de publicações. Elson explica que existe muita ignorância em Geociências nas escolas de primeiro e segundo graus. Para dar conta do aperfeiçoamento do Ensino Fundamental e Regular, existe uma linha de pesquisa chamada Educação Aplicada a Geociências, de bastante impacto social e para a qual a publicação de trabalhos da pós em revistas do tipo *Ciência Hoje*, *Brasil Metais*, entre outras, é de fundamental importância. O problema, segundo destaca o coordenador, é que a comissão técnica da Capes não tem esta visão multidisciplinar e a indexação de publicações não pontua tais revistas. “Precisaria haver um ajuste neste critério, pois esta linha de pesquisa tem ação social direta na educação informal”, sugere.

Os livretos para a escola e a popularização de pesquisas através de publicações consideradas de segunda linha para a Capes são veículos importantes de difusão do conhecimento na área e Elson considera que deveriam ser valorizados na avaliação. O tempo de titulação do pós-graduando do Instituto está bom, mas, alerta o coordenador, com as condições desfavoráveis do mercado de trabalho é natural que o aluno segure seu prazo até o final da bolsa, como recurso de sobrevivência.

Na Ciência da Computação, cujo mestrado começou em 1977 e o doutorado somente 19 anos depois, o conceito Capes manteve a nota 5, mas a comissão técnica havia sugerido 6, o que a direção não homologou. O coordenador Neucimar Jerônimo Leite analisa que o item publicação foi o responsável por parte desta decisão.

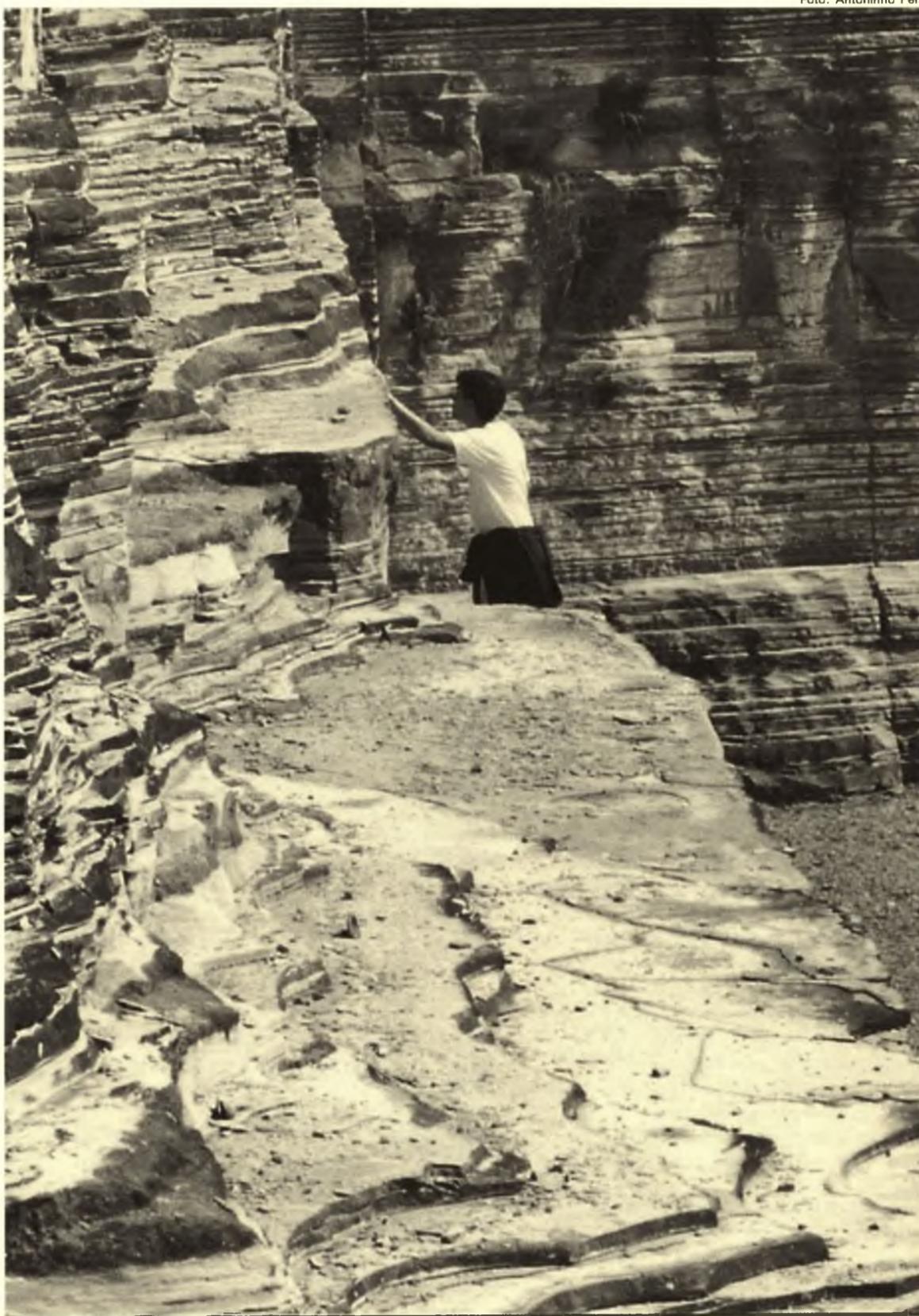


Foto: Antoninho Perri

Aluno em trabalho de campo do Instituto de Geociências, cujo programa de pós iniciou em 1983

“Temos áreas muito dinâmicas, como redes e arquitetura de computadores, o que dificulta as publicações de fôlego, que são mais demoradas e facilmente superadas neste setor”. Mas, no triênio avaliado pela Capes, houve um esforço extra para aumentar o número de publicação, o que se conseguiu: trabalhos de mestrado foram aceitos em grandes periódicos e cresceu a participação em congressos. Como o doutorado é relativamente novo, o número de teses - 14 no total - e de 43 alunos, não é grande, o que pesou também no relatório Capes, avalia Leite.

O coordenador adianta que o departamento deve iniciar uma discussão das formas de aumentar a atração pelo doutorado. “O valor da bolsa é pouco atraente em relação aos salários pagos no mercado de trabalho e, pela qualidade do curso de graduação, praticamente todos os nossos alunos, quando se formam, já estão empregados”.

Um salto para a excelência

O Instituto de Química foi criado com o foco na pesquisa e o último relatório da Capes coroou este trabalho. A coordenadora da pós, Solange Cadore, comemora a subida do conceito 5 para 7 como resultado de um esforço do corpo docente para melhorar em todas as áreas, seja no aprendizado em preencher corretamente o relatório da agência, como no empenho em aumentar o número de publicações, um dos itens de maior peso na Capes. Todas as informações do relatório devem estar atreladas às linhas de pesquisa, para evitar que não haja perda dos dados fornecidos”.

Solange diz que o programa de pós de Química, que tem 4 áreas de concentração, é o maior do Brasil com 450 alunos e 81 docentes.

Todos os professores são credenciados para a pós e o número de iniciação científica explode positivamente por conta desta política. A demanda é muito grande na Química - “para o mestrado do próximo ano temos 110 inscritos para a média de 30 aprovados normalmente”, mas o tempo de titulação deve ser ajustado pois, hoje, está em 32 meses. “Mas existem particularidades em algumas áreas da Química que exigem este tempo maior”. Solange teme que, em médio prazo, como os demais cursos de pós no país estão procurando reduzir seu tempo de titulação, o desempenho do IQ possa ser afetado.

Um problema que o programa apresentou na avaliação anterior, de excesso de linhas de pesquisa, foi resolvido. “Muitos docentes misturavam projeto com linha de pesquisa; hoje temos quatro grandes áreas de concentração e, dentro delas, existe a diversificação em linhas”. A coordenadora acrescenta que está nos planos do instituto criar uma área de educação, já que “o aluno sai daqui um bom pesquisador, porém, muitas vezes, sem o preparo adequado para atuar como professor”.

A pós-graduação da Matemática foi criada há 25 anos e os conceitos 6 em Matemática Pura e 5 em Matemática Aplicada refletem o reconhecimento no desempenho do corpo acadêmico, em número de 30 para cada uma das três áreas de abrangência, onde se inclui Estatística, que só tem o mestrado e recebeu conceito 4. O coordenador José Mário Martinez diz que a dificuldade atual enfrentada por sua área é o escasso número de vocações para a pós-graduação em Matemática, registrado nos últimos anos.

TECNOLÓGICAS

Engenharias têm ótimo desempenho

Mesmo com programas de excelência, área sofre com falta de professores

Desempenho exemplar e dificuldade em contratar novos professores são o que as Engenharias da Unicamp têm em comum. Como as demais unidades do campus, a aposentadoria de professores tem afetado em variado grau o desenvolvimento de cada curso, levando-os a exibir certa preocupação mesmo com alta produtividade. Preocupante, pois existe um padrão estabelecido como ideal pelos comitês de área da Capes, de 4 a 6 alunos de pós por professor, média que muitos institutos já superaram. Além das restrições orçamentárias para novas contratações, quando elas são liberadas é difícil nesta área conseguir profissionais de alto nível que queiram vincular-se em regime de dedicação integral, com o salário exclusivo de docente. O mercado de trabalho nas empresas fica, sempre, mais atrativo. As vantagens que o serviço público oferecia no passado, como aposentadoria em tempo menor e benefícios, têm minguado gradualmente, fato que reduz o poder da atração profissional acadêmica nas áreas tecnológicas.

Ariovaldo V. Garcia, coordenador da pós da Engenharia Elétrica, espera não contar com estas dificuldades para preencher as pelo menos 4 vagas de docentes que abriu com a aposentadoria e morte de professores da faculdade. “Cerca de 30 a 40% dos doutores do país saem da Unicamp e, diante da performance de seu programa, considerado de excelência internacional, conceito 7, segundo a Capes, o interesse em integrar nossa equipe deve aumentar”. Garcia acrescenta que o Brasil tem bastante reconhecimento na área e a Unicamp sempre foi a nota máxima entre os pares. A pós na Elétrica abrange todas as 6 áreas de concentração e já tem 28 anos. “Tem ótima repercussão no exterior o que permite publicar em revistas indexadas e manter intercâmbio com instituições conceituadas”.

A pós da Faculdade de Engenharia de Alimentos também tem saltado estes obstáculos com eficiência: tem dois programas de excelência internacional - conceito 7 - em Ciência de Alimentos e Engenharia de Alimentos, e nota 5 em Tecnologia de Alimentos, e Alimentos e Nutrição. O mestrado em Ciência de Alimentos é o mais antigo, conta Miriam Dupas Hubinger, coordenadora da pós. Começou na Unicamp em 69 e, em 75, ampliou para o doutorado. Já a Engenharia de Alimentos foi o primeiro que abriu nesta área no Brasil e, até hoje, enfrenta poucos e novos concorrentes, ainda em formação. “Na verdade, funcionamos como unidade de aperfeiçoamento e treinamentos para formar professores para outras faculdades no país”. No ano passado, foram 102 teses nos quatro programas. O total de alunos na pós está em 545 com 61 docentes credenciados.

Miriam acrescenta que além deste papel fundamental na formação de recursos humanos, os pontos positivos que fazem o

programa manter seu alto conceito são as publicações em revistas internacionais e as linhas de pesquisa bastante atuais dentro da vanguarda do setor. “Na Engenharia, o índice de publicação é de 5,3 por docente por ano e, na Ciência de Alimentos, 3, ambos excelentes patamares na área”. A coordenadora acrescenta que os dois programas mantêm vários convênios e intercâmbios internacionais, além de estreita cooperação com programas de pesquisa e treinamento de universidades na Europa e Estados Unidos. Com empresas, no Brasil o vínculo mais forte é com a Rhodia e a Sadia.

Química prepara profissionais para todo país

É um programa relativamente novo que ainda não sofre baixas por conta de aposentadoria, mas que já se consolidou, na avaliação do relatório da Capes, “como o programa de maior impacto na área para a formação de recursos humanos em todo o país”. Repetindo a performance do biênio anterior, o programa de pós da Engenharia Química recebeu conceito 6, reflexo do bom trabalho que os 49 professores conseguem com os seus atuais 390 alunos. Mas o instituto já formou 377 mestres e 119 doutores até o final do ano passado, ao mesmo tempo em que seu corpo docente desdobra-se também para atuar concomitantemente na graduação, que obteve nota A no Provão.

A coordenadora da pós da Engenharia Química, Ana Frattini Fileti, ressalta que o perfil do programa de sua faculdade é bastante diferente dos seus pares no Brasil. “Metade dos alunos é bolsista e a outra metade é composta de estudantes vinculados às indústrias; já o perfil dos outros cursos é de atender principalmente bolsistas”. Ana acrescenta que o programa é focado em atender a demanda de aperfeiçoamento do mercado e, por conta disto, desenvolve inúmeros projetos conjuntos com indústrias do porte da Rhodia, Petrobrás, Votorantin, com o Pólo Petroquímico de Camaçari, entre outras.

Outro aspecto que Ana Fileti considera importante destacar é o fato de que metade dos bolsistas é da Fapesp, tendo reduzido sua dependência de recursos federais. Entretanto, é necessário que as agências federais retomem os investimentos para que toda a demanda do programa seja suprida. “Todos os docentes dão aulas, orientam alunos, participam de projetos e congressos, além de ocuparem cargos em organizações nacionais, como o professor Rubens Maciel Filho, presidente da Associação Brasileira de Engenharia Química, além de cuidar da edição da revista *Brazilian Journal of Chemical Engineering*”. A coordenadora lista estas atividades para comparar com o perfil de atividades de sua concorrente direta - a Coppe (Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro - que tem conceito 7 e se dedica exclusivamente a atividades de pós. “Na estrutura de avaliação da Capes, é quase impossível chegar ao nível da Coppe uma vez que, na Unicamp, temos uma das maiores cargas didáticas, temos uma graduação com conceito A, o que acaba pulverizando os trabalhos dos professores e reduz o tempo voltado exclusivamente para publicações e pesquisa”. Mesmo assim, conclui a coordenadora, estamos com índice bastante elevado de publicações.

Agrícola tem programa enxuto

Elevado número de alunos, grande demanda por parte de docentes de outras universidades e representatividade junto aos órgãos oficiais, como o assento que tem na presidência da Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola. Mesmo com apenas seis outros cursos entre os pares na área, não foi considerada, na visão da comissão avaliadora da Capes, satisfatória o bastante para manter o conceito anterior de 5. Diferente de outras áreas, nenhum curso de Engenharia Agrícola obteve conceito superior a 5. Para Raquel Gonçalves, coordenadora da pós, o programa foi penalizado justamente onde residem algumas de suas virtudes, como o enxugamento das linhas de pesquisa. “Esta definição interna foi fruto de um debate exaustivo e maduro de 5 anos e não é justo que o programa seja, agora, penalizado exatamente por isto”.

Raquel considera que existiram erros de interpretação no recente relatório e sua faculdade já encaminhou recurso para tentar reverter o conceito 4 obtido. Já houve, inclusive, uma discussão pessoal com membros da Capes para a defesa de autonomia na adoção do número ideal de linhas de pesquisa que o Programa deve ter, diante do que considera importante. Na área de Engenharia Agrícola, a Unicamp não dispõe, atualmente, de nenhum representante na comissão técnica da Capes. Todos os demais programas são federais, com características bastante diferenciadas em termos, inclusive, do número de linhas de pesquisa.

“Outra característica de nosso programa, que indiretamente acabou sendo criticada, é o trabalho conjunto com vários Institutos de pesquisa como, por exemplo, o IAC (Instituto Agrônomo de Campinas), Itai (Instituto de Tecnologia de Alimentos), CATI (Coordenadoria Assistência Técnica Integral), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agrícolas) ou o Cepagri (Centro de Ensino e Pesquisa em Agricultura) e CPQBA (Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas), da própria Unicamp. Este tipo de parceria, que advém, inclusive, de nossa localização geográfica, atrai pesquisadores externos com interesse em serem incorporados ao curso para orientação de alunos, participação em disciplinas e projetos, o que indiretamente provoca alguns prejuízos, uma vez que acaba sendo vista pela comissão como dependência externa”. Na verdade, tais atributos, elogiados e estimulados em outras áreas, na Agrícola foram criticados.

Para Raquel, o trabalho de conseguir agrupar cerca de 40 linhas de pesquisa em 5 grandes grupos foi uma posição amadurecida da faculdade. O parecer da comissão avaliadora da Capes propôs que as temáticas se desdobrassem em várias linhas; já a posição da faculdade é que os temas devem desdobrar e crescer até que se consolidem em linhas sólidas, e esse processo de amadurecimento exige um tempo, ao invés de se estabelecer a partir de uma orientação burocrática. A coordenadora acrescenta que, de maneira semelhante ao que hoje ocorre com suas linhas de pesquisa, o programa já foi criticado anteriormente pela existência da área de Sociologia Rural que hoje não só é aceita como ocupa lugar de reconhecida importância no cenário nacional. O mestrado na faculdade começou em 1978 e o doutorado em 1993, contando atualmente com 36 docentes plenos e aproximadamente 300 alunos.

A Faculdade de Engenharia Civil sentiu-se durante um longo tempo como “o patinho feio” da área, pois seu campus ficava em Limeira, o que dificultava a convivência com as demais engenharias. A coordenadora da pós, Maria Lúcia Galves, diz que a mudança para Campinas melhorou o ânimo e com a aprovação do doutorado pela Capes, o que acaba de acontecer, a faculdade ganhou um novo alento. “Quebrou-se o círculo vicioso de ver os nossos alunos de mestrado migrarem para outras universidades”. Maria Lúcia acrescenta que esta foi uma importante conquista também, pois significa o reconhecimento da melhora do curso de mestrado, que subiu para 4.

Rigor nos ajustes

Precisão cirúrgica na adaptação do programa de pós aos requisitos do relatório da Capes colocou a Engenharia Mecânica no maior programa do país, com índices crescentes de produtividade e pronto para ser checado por qualquer indicador. O coordenador, Euclides de Mesquita Neto, assegura que a manutenção do conceito 6 é fruto de um longo trabalho durante a história da faculdade e de bastante empenho do corpo docente. Os cursos de mestrado e doutorado na Engenharia Mecânica são bem antigos - 1974 e 1975 - e encontram-se consolidados.

Apesar da redução do número de professores, de 55 em 1996/97 para os 50 atuais, o contingente de alunos no período só cresceu: o mestrado saltou de 93 para 215 e o doutorado, de 146 para 247. Tem ainda mais 445 alunos especiais, o que representa uma elevação de 25% no contingente do público atendido pela pós.

O coordenador salienta, também, que o programa conseguiu um excelente desempenho na redução de mais de 10% no tempo médio de titulação e os docentes têm sido firmemente orientados para que o índice permaneça. Em sua opinião, o que falta para atingir o topo do conceito 7 é maior inserção internacional, mas já se têm as pré-condições necessárias.

O excesso de alunos por orientador é, também, uma questão a ser enfrentada e o objetivo de sua gestão é ganhar a disputa dos melhores alunos com o mercado de trabalho. “Nossos alunos saem muito bem preparados e, conseqüentemente, são inseridos rapidamente na vida profissional”. Menos de 10% deles continuam na universidade para a pós-graduação e o novo programa de acelerar o mestrado, como desdobramento da iniciação científica, pode ajudar a melhorar o poder de atração dos melhores alunos para a pesquisa, conclui Mesquita Neto.



Foto: Antoninho Perri

Laboratório da Mecânica: índices crescentes de produtividade